

*Organização da
Sociedade Civil
e Escola Pública*

Uma parceria
que transforma



Organização da Sociedade Civil e Escola Pública

Uma parceria que transforma



1ª EDIÇÃO

SÃO PAULO
2015

Coordenação Técnica



Iniciativa



INICIATIVA

FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL

Vice-Presidente

Antonio Jacinto Matias

Superintendente

Isabel Santana

Superintendente Adjunta

Angela Dannemann

Gerente de Educação

Patrícia Mota Guedes

Coordenadora do Projeto

Camila Feldberg Macedo Pinto

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF)

Representante do UNICEF no Brasil

Gary Stahl

Coordenador do Programa de Educação e Parcerias do UNICEF no Brasil

Marcelo Mazzolli

Oficial do Programa de Educação do UNICEF no Brasil

Júlia Ribeiro

COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA (CENPEC)

Presidente do Conselho Administrativo

Maria Alice Setubal

Superintendente

Anna Helena Altenfelder

Coordenadora Técnica

Maria Amabile Mansutti

ÁREA RESPONSÁVEL

EQUIPE DO PRÊMIO ITAÚ-UNICEF

Coordenadora

Nazira Arbache

Coordenação editorial e textos

Beatriz Lomonaco e Izabel Brunsizian

Colaboração técnica

Marcelo Bragato, Mariana Cetra, Nilce Gil, Solange Marques, Walderez Nosé Hassenpflug

Articelistas convidados

Dirce Koga, Domingos Armani, Rosa Vani Pereira

Edição de texto

Alex Criado

Leitura crítica

Camila Feldberg Macedo Pinto, Júlia Ribeiro, Maria Amabile Mansutti, Nazira Arbache, Patrícia Mota Guedes

Projeto gráfico

Adesign

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LOMONACO, Beatriz; BRUNSIZIAN, Izabel

Organização da Sociedade Civil e escola pública : uma parceria que transforma / Coordenação Camila Feldberg Macedo Pinto e Nazira Arbache. — São Paulo : CENPEC; Fundação Itaú Social, 2015. 144 p.

ISBN: 978-85-8115-042-0

1. Educação integral 2. Parceria - Organização da Sociedade Civil e escola pública 3. Sociologia educacional I. Pinto, Camila Feldberg Macedo II. Arbache, Nazira. III. Título.

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação integral 370.115

Sumário

<i>Apresentação</i>	4
<i>Introdução – As parcerias entre organizações da sociedade civil (OSCs) e escolas públicas</i>	8
Por que fazer parcerias?	9
Que educação queremos?	12
O que é uma parceria? Como podem ser as parcerias entre OSCs e escolas?	13
Quando os diferentes podem se somar	17
<i>Capítulo 1 - Modos de chegar: como OSCs e escolas podem se aproximar</i>	22
Conhecer e se inspirar: modos de fazer	23
Pensar e compreender: OSCs-escolas: um encontro pela educação	35
Dicas	41
Agora é com você!	43
<i>Capítulo 2 – Do trabalho paralelo ao compartilhado: OSCs e escolas atuando na comunidade</i>	52
Conhecer e se inspirar: Crianças e adolescentes ocupam novos espaços	55
Pensar e compreender: É do chão que brota a partilha.....	72
Dicas	76
Agora é com você!.....	79
<i>Capítulo 3 – Integração OSC-escola: juntas construindo um projeto de Educação Integral</i>	90
Conhecer e se inspirar: construindo olhares para um novo jeito de educar.....	95
Pensar e compreender: Estar na roda e dar as mãos: tessitura de saberes quando OSC e escola se encontram.....	119
Dicas para a escola e para a OSC.....	123
Agora é com você!.....	127
<i>Para terminar o que apenas começa...</i>	132
<i>Onde se apoiar – sites e publicações</i>	136



Apresentação

O Brasil é hoje uma das dez maiores economias do mundo, mas ocupa a 84ª posição entre os 187 países avaliados pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)¹. Segundo o IBGE, 23% da nossa população vive em condições de pobreza e cerca de 8,3%, em pobreza extrema². Embora os indicadores sociais venham melhorando significativamente desde a década de 1990, a sociedade brasileira ainda apresenta acentuados níveis de desigualdade. Essa situação atinge de maneira mais forte crianças e adolescentes.

Para reverter tal cenário é fundamental que haja a soma de esforços entre o Estado e a sociedade civil organizada. A criação de um pacto em prol da Educação Integral pode ter

¹ Conforme Relatório do Desenvolvimento Humano de 2011, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

² De acordo com relatório divulgado em 3 de maio de 2011, com base no Censo de 2010. São definidas como extremamente pobres as famílias com renda per capita de até R\$ 70,00. Em maio de 2014, este valor foi reajustado para R\$ 77,00 por pessoa.



Ana do Amaral Mesquita

papel decisivo na proteção social da infância e da adolescência.

Por Educação Integral entende-se aquela que articula atores, espaços e saberes e promove o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. A Educação Integral também estimula a participação efetiva da população no próprio desenvolvimento social, de modo a construir relações socialmente justas em nosso país.

Esse conceito reconhece que a escola continua a ter um papel fundamental na formação das crianças, adolescentes e jovens, mas não é a única responsável na promoção da Educação Integral.

Por isso, desde o seu início, o Prêmio Itaú-Unicef busca estimular parcerias entre organizações da sociedade civil (OSCs) e escolas públicas no desenvolvimento de projetos socioeducativos. Esses projetos devem contribuir com as políticas públicas de Educação Integral para crianças, adolescentes e jovens em condições de vulnerabilidade socioeconômica.

Com essa opção estratégica, o Prêmio procura dar visibilidade a experiências que transformam possíveis situações de risco em situações de aprendizagem e de garantia de direitos.

Além disso, o Prêmio Itaú-Unicef não se limita a distribuir recursos financeiros aos projetos vencedores. Ele mobiliza as OSCs, induz debates e reflexões e produz conhecimento, a partir da análise dos projetos inscritos. No ano subsequente à premiação, o Prêmio oferece um programa de formação a todas as organizações e escolas inscritas. E do processo, resultam vários produtos, sob a forma de publicações, oficinas e material virtual³.

Ao longo desses 20 anos, é possível notar uma forte sintonia entre o Prêmio e o contexto educacional do país. Na última década, o Brasil assistiu à mobilização intensa da sociedade em defesa dos direitos da infância e da educação de qualidade. No período, também ocorreu uma mudança gradativa no conceito de educação, que hoje extrapola os muros da escola. O Prêmio, em cada edição, iluminou um aspecto diferente desse movimento.

As OSCs que participam do Prêmio acabam se articulando em uma rede que favorece a troca de informações e experiências. Com isso, os seus projetos socioeducativos ganham qualidade e eficácia.

Desde o início, o Prêmio possibilitou que as organizações sociais contribuíssem com a formulação de um modelo de Educação Integral que vem se consolidando em todo o país. Esse modelo aposta na ação conjunta das OSCs, das escolas e das comunidades, visando garantir os diversos direitos do público infantojuvenil.

Vale lembrar que o Prêmio, iniciativa da Fundação Itaú Social e do UNICEF, com coordenação técnica do Cenpec, implementa seus objetivos em parceria. Posteriormente, outras organizações se somaram ao Prêmio: o Canal Futura, o Congemas⁴ e a Undime⁵, além do Consed⁶ e do movimento Todos pela Educação.

Parcerias interinstitucionais ainda são pouco frequentes no meio educativo. Ao destacar as relações entre as OSCs e as escolas públicas, o Prêmio Itaú-Unicef pretende promover a reflexão sobre a importância das parcerias na educação. E com isso, facilitar a aproximação, o diálogo e, sobretudo, inspirar ações socioeducativas que beneficiem crianças, adolescentes e jovens.

Você, representante da organização da sociedade civil ou da escola pública, é o leitor preferencial desta publicação. Com as experiências aqui compartilhadas, esperamos construir pontes cada vez mais sólidas e contribuir com o desenvolvimento pleno e integral de crianças, adolescentes e jovens do século XXI.

³ Os materiais produzidos podem ser acessados nos sites: <http://educacaoeparticipacao.org.br>; <http://www.cenpec.org.br>; <http://www.fundacaoitausocial.org.br>

⁴ Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social.

⁵ União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação.

⁶ Conselho Nacional dos Secretários de Educação.

COMO ESTA PUBLICAÇÃO FOI ELABORADA

Durante o ano de 2014, o Prêmio Itaú-Unicef criou e realizou um projeto de assessoria às 32 instituições finalistas da 10ª edição, de 2013. O projeto surgiu da constatação de que as relações entre escola e OSC vinham se estreitando, em virtude de vários fatores: políticas públicas de incentivo à Educação Integral, preocupação das escolas com as avaliações externas, novas práticas educativas, necessidades locais de integração para garantir o desenvolvimento pleno de crianças e adolescentes.

A assessoria às organizações finalistas e às escolas parceiras visava, portanto, fortalecer essa relação entre as instituições. O projeto contou com diferentes estratégias. Ocorreram encontros presenciais e virtuais, videoconferências, visitas técnicas, entrevistas com os atores envolvidos, sistematização de resultados e compartilhamento de experiências.

Encontros presenciais e a distância foram as ações mais constantes e se pautaram em três temáticas: elaboração de um plano de ação conjunta, aprimoramento dos processos de comunicação e a consolidação das parcerias.

O encontro disparador aconteceu em São Paulo e apresentou uma metodologia para ela-

borar o plano de ação conjunta. Como tarefa, as entidades participantes levaram adiante as discussões em seus municípios.

No espaço virtual de Assessoria, constatou-se que há diferentes formas de se aproximar e trabalhar junto. Não há garantia de que as parcerias se mantenham para sempre. Cada parceria tem duração e objetivos diversos porque as necessidades e os contextos são diferentes. É imprescindível estar sempre aberto à conversa, pois o diálogo pode abrir caminhos produtivos.

A partir das reflexões e experiências desse grupo foi plantada a semente desta publicação.

A seguir, procurou-se identificar quais parcerias prosseguiram em 2015. Com a intenção de mostrar boas práticas em todo o Brasil, foram selecionadas outras experiências exitosas. Embora elas não tenham participado do grupo da assessoria, se destacaram ao longo das últimas edições.

Depois de algumas visitas técnicas, entrevistas e análise de registros, havia um bom material. Ele está sendo oferecido aqui às escolas e OSCs que compreendem que o trabalho educativo é imenso e não há como caminhar sozinho.

As organizações⁷ que se dispuseram a mostrar seu trabalho, abraçando a ideia de divulgar seus erros e acertos, estão listadas no final da publicação. A elas, nossos agradecimentos.

⁷ Todos os dados referentes às escolas e organizações da sociedade civil presentes nesta publicação foram fornecidos pelas próprias instituições.

COMO ESTA PUBLICAÇÃO ESTÁ ORGANIZADA

Esta publicação destaca experiências bem sucedidas de parcerias entre organizações sociais e escolas públicas de todo o país. Elas foram organizadas para atender às demandas de educadores, tanto por conhecimento prático, como por reflexão teórica sobre o tema.

Tais relatos mostram o trabalho cotidiano, que, apesar de desafiante, é sempre inspirador. Apresentam ainda o desenvolvimento das parcerias, seus resultados, questionamentos e ganhos. Com isso, pretende-se sistematizar as experiências que apontam como se efetiva a parceria entre OSC e escola pública, respeitando os diferentes contextos.

O conceito de parceria, suas variadas possibilidades e sua importância para a Educação Integral de crianças e adolescentes são assuntos discutidos na Introdução desta publicação. Aqui também são examinados os elementos que favorecem as parcerias e quais são as diferentes lógicas, funções sociais e modos de funcionamento de OSCs e escolas.

No Capítulo 1 vamos conhecer a mobilização para o encontro. De que forma OSCs e escolas costumam iniciar o diálogo, se conhecer para, então, pensar em um trabalho conjunto.

Que habilidades e condições favorecem a aproximação?

Já no Capítulo 2 analisamos as relações entre as parcerias e o território onde as instituições se encontram. Isto é, como elas podem fazer a diferença no desenvolvimento tanto do público atendido, como da própria comunidade. Mas, sobretudo, como o território, com sua cultura e suas demandas, muitas vezes é o catalisador da parceria.

E por fim, no Capítulo 3, mostramos alguns trabalhos conjuntos que interferem no processo educacional, favorecendo novas aprendizagens.

Em cada capítulo, você vai encontrar um artigo de especialista no tema que enriquece a discussão proposta. Estes textos trazem para nossa reflexão elementos da experiência e da trajetória profissional de cada autor e autora.

Propomos também oficinas que podem facilitar e estimular as parcerias entre OSCs e escolas públicas. Parcerias que devem ter como horizonte o desenvolvimento de ações socioeducativas, com efetiva participação social.

Em síntese, o que se busca é a qualificação do trabalho desenvolvido. E também o fomento de redes de produção de conhecimento e troca de saberes. Dessa forma, esperamos que as parcerias entre OSCs e escolas públicas possam influir positivamente no cenário local e no desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens.

Boa leitura!





Introdução

*As parcerias
entre organizações da
sociedade civil (OSCs)
e escolas públicas*



POR QUE FAZER PARCERIAS?

As parcerias tornaram-se um tema de grande relevância a partir do fortalecimento do terceiro setor e da necessidade de uma ação coletiva para enfrentar os desafios educacionais do país. Como ponto central, está o reconhecimento da importância do trabalho desenvolvido pelas OSCs em todo o Brasil.

O mundo globalizado em que vivemos, cada vez mais rápido e intenso, pede ações articuladas. E para consolidar a sociedade democrática, é preciso que a participação social se efetive. Assim, surgem redes que compartilham conhecimentos, conectam serviços, promovem ações inter e transetoriais. Como afirma Maria do Carmo Brant de Carvalho⁸ (2002), “Já não é possível pensar ações centralizadas, parcelares e isoladas. O desafio é superar

saberes compartimentalizados e ações fragmentadas, democratizando o fazer público e buscando resultados mais efetivos na qualidade de vida dos cidadãos”.

O QUE CHAMAMOS DE OSC?

“É considerada Organização da Sociedade Civil (OSC) toda e qualquer entidade que desenvolva projetos sociais com finalidade pública. Tais entidades também são classificadas como instituições do terceiro setor, uma vez que não têm fins econômicos. Essa expressão foi adotada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), no início da década de 1990 e significa a mesma coisa que ONG – termo que se tornou mais conhecido devido ao fato de ser utilizado pela ONU e pelo Banco Mundial. (extraído de <http://redepapelsolidario.org.br/definicoes-de-ong-os-osc-oscip/>)

Em virtude do trabalho que executam, assume-se também a definição da Abong: “servem à comunidade, realizam um trabalho de promoção da cidadania e defesa dos direitos coletivos, lutam contra a exclusão, contribuem para o fortalecimento dos movimentos sociais e para a formação de suas lideranças, visando à constituição e ao pleno exercício de novos direitos sociais, incentivam e subsidiam a participação popular na formulação e implementação das políticas públicas”.

A ONU, a União Europeia e alguns organismos internacionais utilizam o termo ONG.

⁸ Textos para Pensar: “O direito de Aprender” - Encontros Regionais de Educadores - Projeto Educação & Participação. São Paulo: Fundação Itaú Social/UNICEF/Cenpec, 2002. Sem paginação. Texto não publicado.

As parcerias OSCs-escolas também ganharam destaque em virtude da ampliação das propostas de Educação Integral nos últimos dez anos, especialmente a partir do Programa Mais Educação (Portaria Normativa Interministerial nº 17/2007). Em grande parte dos municípios, as parcerias são condição essencial para que a Educação Integral se concretize. Elas ampliam os espaços para o trabalho com as crianças e oferecem atividades diversificadas, ausentes da maioria dos currículos escolares. São também uma oportunidade de enfrentar as desigualdades sociais.

De acordo com a Meta 6 do Plano Nacional de Educação (PNE)⁹, até 2024 será preciso “oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% dos(as) alunos(as) da Educação Básica”. A estratégia 6.4 é ainda mais específica quanto à participação de instituições não escolares na educação de crianças e adolescentes. Esta estratégia propõe “fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos e com equipamentos públicos, como centros comunitários, bibliotecas, praças, parques, museus, teatros, cinemas e planetários”¹⁰.

O Censo Escolar 2013 registrou 34,4% de escolas envolvidas na implantação da Educação

Integral. O cumprimento da Meta 6, portanto, exigirá um esforço gigantesco para o país, envolvendo não apenas escolas, mas diferentes instituições educativas. “Não é possível, para os governos, executar um bom programa social sem fazer parcerias com a sociedade, pois as condições em que vive o público-alvo dessas ações governamentais, bem como suas aspirações, não podem ser realmente conhecidas a não ser por organizações que tenham capilaridade – e estas não são, na imensa maioria dos casos, organizações estatais, e sim da sociedade civil.” (Campos, p. 36).

A conquista dessa meta será fortalecida se considerada no contexto mais amplo das diferentes políticas públicas, como a assistência social e a cultura. O desenvolvimento integral de crianças e adolescentes só ocorrerá a partir de uma política abrangente. Para isso, devem atuar conjuntamente áreas – dentre as quais a educação – que atuam na proteção social e na garantia de direitos.

As parcerias entre as instituições têm alcançado resultados muito positivos no âmbito educativo, em todos os segmentos e faixas etárias. Cooperação, cidadania, participação e desenvolvimento são apenas alguns deles. O trabalho em parceria é valioso para a educação porque favorece o estabelecimento de redes e o diálogo entre diferentes educadores e instituições.

A mobilização de uma ampla comunidade educativa é pressuposto para o estabelecimento das redes. Estas, por sua vez, possibilitam a produção e circulação de conhecimentos e fortalecem a prática profissional, inclusive intersetorial.

⁹ O PNE (Lei 13.005/14) atende determinação do artigo 214 da Constituição Federal, que o prevê como instrumento de planejamento e de articulação de ações educacionais de diferentes esferas administrativas, com duração decenal.

¹⁰ Outras informações sobre esse assunto: <http://www.observatoriodopne.org.br/pne/linha-do-tempo>



*O trabalho em parceria
é valioso para a
educação porque favorece
o estabelecimento de
redes e o diálogo entre
diferentes educadores
e instituições*

ESSA ARTICULAÇÃO OSCS-ESCOLAS PERMITE:

Incorporar os profissionais, antes alijados do processo educativo formal: professores comunitários, oficineiros, monitores, educadores sociais.

Integrar diferentes saberes e habilidades, oriundos não apenas das disciplinas escolares, mas das culturas erudita e popular, das áreas técnicas e do saber fazer.

Colocar a criança ou adolescente no centro do processo. Esse sujeito não é mais aluno da escola ou da OSC. É um sujeito único, educado em um universo educativo, constituído pela família, a escola, a OSC, a igreja e outros espaços.

Potencializar as condições para que a aprendizagem, agora mais diversificada, ocorra. A diversidade das práticas educativas permite que os educandos e educadores criem novos sentidos para a aprendizagem e para a escola.

Compatibilizar os interesses coletivos: da sociedade civil, das políticas públicas de setores diversos e da comunidade onde as instituições se encontram.

O reconhecimento da potência do trabalho em parceria é o que ajuda a enfrentar as dificuldades inerentes ao processo. As parcerias entre OSCs e escolas dão a oportunidade de mais crianças e adolescentes terem um percurso educacional rico. As parcerias possibilitam maior integração e participação social, vivência plena dos direitos e dos deveres de cidadãos.

QUE EDUCAÇÃO QUEREMOS?

O trabalho conjunto e articulado de diferentes instituições em prol das crianças implica uma noção de educação mais plural e abrangente do que aquela com a qual nos acostumamos a pensar. Estamos, portanto, assistindo a uma mudança de concepção de educação, de escola, dos atores sociais

ligados à tarefa educativa, dos conteúdos a serem transmitidos, das habilidades e competências desejadas¹¹.

Em suma, trata-se de compreender que toda a comunidade, composta pelas diversas instituições e pessoas de um território, é responsável pelas crianças e adolescentes que ali habitam. Todos são responsáveis pela sua educação, seu bem estar e proteção social. Enfim, pela garantia de todos os seus direitos.

Por todas essas razões, as experiências de parceria entre organizações da sociedade civil e escolas públicas têm um papel importante na mudança de paradigmas na área. Na verdade, as organizações, trabalhando em parceria, estão “ajudando a construir e fortalecer a noção do que é público e assumindo seu papel e suas responsabilidades dentro da sociedade civil. Em consequência, (...) o pragmatismo das ações de parceria (...) traz junto uma diferença maior para a construção da cidadania e da democracia na vida diária” (Spink, 2001, p. 148).

O QUE É UMA PARCERIA? COMO PODEM SER AS PARCERIAS ENTRE OSCS E ESCOLAS?

Todos os setores (governos, empresas e sociedade civil) fazem parcerias. Áreas e instituições distintas estabelecem relações umas com as outras e entre si: parcerias intragovernamentais e intersetoriais, governamental e privado, não governamental e universidade, e assim por diante. Muitas podem ser as relações institucionais que têm sido chamadas de parcerias.



Ana do Amaral
Mesquita

¹¹ Para saber mais, veja o documento Educação Integral: Um caminho para a qualidade e a equidade na Educação pública em http://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/educacao_integral_um_caminho_para_a_qualidade_e_a_equidade_na_educacao_publica_digital.pdf

Em geral, pontos tão distintos como aporte financeiro ou material, visitas institucionais, realização de eventos ou atividades complementares às políticas públicas são chamadas de parcerias. Embora na área educacional esse seja um conceito ainda em construção, cabe fazer algumas distinções. Costuma-se diferenciar apoio, patrocínio e parceria. Vejamos:

Apoio, ou colaboração, é uma ajuda pontual, como aquela que pode ser dada para realizar uma festa, por exemplo. Há interesse das partes em realizar algo porque compartilham da mesma finalidade. Aqui, uma das partes contribui com apoio técnico ou logístico (material, transporte, hospedagem) para uma ação específica de outra.

O **patrocinador** financia uma ação por meio de contribuição financeira, doação de brindes, cessão de locais, instalação de pontos de venda, fornecimento de produtos em consignação, dentre outros.

Uma **parceria** já envolve um vínculo diferente, um compartilhamento mais profundo de objetivos e expectativas de resultados. Exige compromisso, corresponsabilidade, soma de esforços. É preciso que haja sintonia na concepção, no planejamento e na realização daquilo que se quer, e algum nível de complementaridade entre os parceiros. Cada um oferece o que tem de melhor. Geralmente há reciprocidade e as instituições complementam racionalmente os recursos.

Como poderemos observar nas experiências relatadas nesta publicação, parcerias podem começar com passos discretos e cautelosos,

como um pequeno apoio, a cessão de um espaço ocioso, trocas entre educadores. Cada uma dessas formas de se relacionar implica processos e resultados igualmente particulares.

Como nas relações pessoais, as parcerias são relacionamentos que têm objetivos, papéis, responsabilidades e duração específicos. Pode-se estabelecer parceria para uma ação pontual ou para um processo de longo prazo. Uma parceria, como uma amizade, envolve sentimentos, valores, modos de agir e de pensar diferentes.

Assim, nesta publicação, assumimos o seguinte conceito:

PARCERIA

O compromisso compartilhado entre indivíduos e instituições, baseado em valores, visão e objetivos comuns para a realização de intervenções que contribuam com o desenvolvimento do potencial inerente a um grupo ou território.

Esse conceito procura não apenas dar contornos mais claros à relação institucional, mas também estimular escolas e OSCs a desenvolverem parcerias.

Parcerias são práticas recentes no meio educacional. Por isso, nem todas elas são estabelecidas da mesma forma, nem estão no mesmo grau de maturidade. As responsabilidades

podem ser heterogêneas e de diferentes pesos a cada ação ou em cada época.

Vale também ressaltar que o conceito de parceria aqui trabalhado não corresponde necessariamente ao termo utilizado do ponto de vista legal. A chamada Lei do Terceiro Setor (Lei 9.970/99), aplicada nos acordos de cooperação entre governo e OSCIPs, ou as novas regras para estabelecer parcerias entre Estado e sociedade civil, definidas no Marco Regulatório sancionado pela presidente da República utilizam outras definições¹².

Verifica-se hoje um cenário bastante propício para que as parcerias se desenvolvam e evoluam. Elas estão sendo impulsionadas pela proposta de Educação Integral e pelas metas do PNE, que exigem um esforço coletivo entre as forças educativas locais e as políticas públicas. Talvez o principal sentido das parcerias na área da educação seja a possibilidade de atores diversificados trabalharem as diferentes dimensões do ser humano, cada qual na sua expertise.

Mas isso já está acontecendo, e como veremos ao longo desta publicação, OSCs e escolas podem estabelecer variados tipos de relações institucionais com fins bastante diversos. Mas, qual delas escolher? Por onde começar?

¹² O Marco Regulatório para o Terceiro Setor (Lei 13.019, de 31 de julho de 2014) consolida pontos importantes do debate sobre a atuação das OSCs na educação de crianças, adolescentes e jovens, reconhecendo seu valor na implementação de políticas públicas. Para aprofundar essa questão, consulte o site: <http://www.abong.org.br> ou ainda https://observatoriosc.files.wordpress.com/2014/09/proposta_regulamentac3a7c3a3o_lei13019_plataformamosc_final.pdf.



Ana do Amaral
Mesquita

Primeiramente, é fundamental ter claro:

- O que estamos buscando com a parceria?
- Por que a parceria é necessária?
- O que esperamos do parceiro?
- O que oferecemos na parceria?

Se parceiros podem se ajudar e atingir melhores resultados juntos, também é preciso ter claro que parcerias dão trabalho, envolvem muito diálogo. Elas exigem “esforço de gestão, demandam planejamentos e reuniões sistemáticas, divisão de trabalho, interação em diversos níveis; ou seja, investimento de tempo, esforço e recursos” (Esteffanio, 2008, p. 44). A autora ainda sintetiza algumas dimensões das parcerias propostas pelo economista Ladislau Dowbor, em um estudo sobre o tema (op. cit., p. 45-46)¹³:

¹³ Baseada em uma pesquisa sobre parcerias do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), sob a coordenação de Ladislau Dowbor (2002). Disponível em <http://dowbor.org/ladislau-dowbor/>

- a) compreensão compartilhada da realidade social em que se estrutura a ação conjunta;
- b) construção de relações de confiança entre os parceiros, por meio do diálogo e do conhecimento mútuo, proporcionados pela convivência;
- c) respeito e valorização das diferenças entre os parceiros. Isso promove a troca de saberes e expertises. E complementa as competências no desenvolvimento das ações;
- d) flexibilidade nas relações, que favorecem o surgimento de novas oportunidades de atuação. A flexibilidade também possibilita recriar os processos de trabalho;
- e) comunicação ágil e contínua, o que alimenta o processo coletivo de trabalho;
- f) transparência na prestação de contas e na avaliação de cada parte envolvida;
- g) apropriação dos resultados e impactos gerados pelas ações comuns;
- h) respeito à autonomia dos parceiros, o que pressupõe a definição clara de papéis e funções de cada um.

O diálogo constante permite ajustar expectativas, aparar arestas e compartilhar as responsabilidades pelas ações realizadas. Transparência e compromisso são, portanto, fatores decisivos em uma parceria.

A experiência do Prêmio Itaú-Unicef, acumulada no contato com centenas de OSCs, tem mostrado que a **valorização mútua** é o ponto de partida para a construção das parcerias. Para fazer junto, é preciso que os parceiros conheçam o trabalho uns dos outros. E também que reconheçam a importância e legitimidade de cada trajetória institucional.

Quando existe **abertura para as diferenças** e especificidades nos objetivos, nos procedimentos ou nos interesses, é possível encontrar os pontos de convergência. É neles que se apoiará uma parceria que agregue valor à ação conjunta. Isso permitirá ampliar a escala de atendimentos, qualificar resultados e amplificar o impacto no território.

A **flexibilidade** em relação à agenda e à organização do trabalho do parceiro e o **diálogo** para encontrar soluções consensuais são ferramentas fundamentais nesse processo.



Ana do Amaral Mesquita

QUANDO OS DIFERENTES PODEM SE SOMAR

Durante muito tempo, houve certa desconfiança entre escolas e OSCs. Os desentendimentos são, em boa parte, resultado da falta de políticas públicas articuladas e mesmo da sobreposição de ações. Apesar de trabalharem com o mesmo público e buscarem o mesmo objetivo, escolas e organizações sociais têm seu modo de trabalhar e suas peculiaridades.

A escola tem ritmo, organização e funcionamento estabelecidos há séculos. É essa estrutura que lhe permite atender, em alguns casos, mais de 2 mil alunos. Mas apesar das regras e processos burocráticos, a escola não é uma máquina. É uma organização profundamente complexa, com muitos agentes e múltiplas interações.

A organização social, em geral, atende um número bem menor de crianças. A OSC consegue manter uma aproximação maior entre os educadores e as crianças, devido ao

ritmo e à proposta de trabalho. Por não ter uma obrigatoriedade com metas, o currículo é flexível e se adapta às demandas emergentes do atendimento.

Trabalhar com toda a demanda ou escolher o público? Metas a cumprir ou flexibilidade? Garantir o ensino de conteúdos universais ou promover inovações? Brincar ou estudar? Esses são falsos dilemas.

Do encontro entre escola e OSC, podemos construir um conceito de Educação Integral, em que práticas e conteúdos diversificados, valores e procedimentos sejam partilhados. E já há experiências de políticas articuladas que estimulam esse encontro, evitando sobreposição de ações e potencializando os talentos de cada organização.

As escolas não teriam a aprender com as metodologias das OSCs, com sua inserção na comunidade? Não caberia às OSCs conhecer formas de planejar, avaliar e outras práticas pedagógicas escolares, para aperfeiçoar seu trabalho?

Reconhecer que não é fácil, analisar as vantagens e desvantagens, possibilidades, oportunidades, desafios e consequências da parceria é o início do caminho. Para isso, é necessário conhecer o parceiro, compreender como trabalha, a quais regras está submetido e quais são os limites e possibilidades de cada instituição.

Vejamos nos quadros a seguir algumas das principais características das organizações sociais e das escolas:



COMO SÃO AS OSCS¹⁴?

- As OSCs representam um segmento das instituições sociais, mas possuem um papel estratégico para o desenvolvimento do país. Elas respondem a demandas sociais, políticas, ambientais, prestando serviços e mobilizando grupos. O fato de o terceiro setor ser social, não significa que atue somente nessa área. Há OSCs envolvidas com outras temáticas.
- O Código Civil define três tipos de organizações sociais: associações, fundações e organizações religiosas.
- AS OSCs são instituições sem fins lucrativos. Isto é, suas receitas devem ser reinvestidas nas atividades-fim. Atualmente enfrentam grandes desafios para gerir e captar recursos.
- A maior parte das OSCs obtém recursos para a realização de seus projetos por meio de editais públicos, colaboração de associados, convênios e doações.
- As OSCs são consideradas instituições públicas no sentido de atenderem “interesses comuns de uma sociedade”. OSCs são privadas, mas exercem função pública, sem substituir o Estado na oferta de serviços.
- AS OSCs não podem falar ou agir em nome de terceiros. Representam a si mesmas e, em geral, sua militância por diferentes causas impacta leis, comportamentos e políticas públicas.
- Podem atuar com mobilização, formação, produção de materiais ou tecnologias sociais. São capazes de inovar práticas, criar metodologias e implantar mudanças. Legitimam políticas, geralmente em pequena escala, devido ao seu porte e poder de influência.
- Em relação à educação, as OSCs costumam trabalhar com metodologias e linguagens diversificadas. O uso do lúdico nos esportes ou nas artes é central na atuação de boa parte delas.
- Normalmente nascem ou se desenvolvem a partir de lideranças locais e, por isso, quase sempre conhecem muito bem o território onde atuam.
- Possuem grande capilaridade nos territórios em que se encontram.
- São importantes para defender, acolher e cuidar dos cidadãos, garantindo seus direitos.
- Com menos burocracia que organizações estatais, são mais ágeis para responder a alguns processos ou para criar procedimentos.
- Durante anos, o monitoramento e a avaliação foram os pontos fracos das OSCs de pequeno e médio porte. As exigências dos financiadores e editais governamentais começaram a mudar esse quadro.
- A importância e a consistência do trabalho de algumas OSCs têm induzido políticas públicas em diversas áreas.

¹⁴“Existem entes e processos humano-sociais coletivos, que, mesmo tendo origem privada, podem ter finalidade pública, desde que assim sejam reconhecidos por uma coletividade estável [...] O modo de ser público do terceiro setor é diferente do modo de ser público do Estado.” FRANCO, Augusto de. *A nova sociedade civil: o terceiro setor e seu papel estratégico*. Brasília: Agência de Educação para o Desenvolvimento, 2002, p.34



COMO SÃO AS ESCOLAS PÚBLICAS¹⁵?

- São as responsáveis formais pela educação no Brasil¹⁶. Têm o dever de oferecer ensino de qualidade para crianças, adolescentes e adultos. Segundo a LDB e o ECA, é obrigação dos pais matricular e manter seus filhos na escola de Educação Básica.
- Escolas públicas brasileiras atendem mais de 41 milhões de alunos na Educação Básica. Isto inclui as etapas da Educação Infantil, do Ensino fundamental e do Ensino Médio, e as modalidades de Educação Profissional, EJA, Educação Indígena, Educação do Campo e Educação Especial. Somente o Ensino Fundamental soma mais de 24 milhões de alunos (MEC/Censo Escolar 2013)¹⁷.
- Existem mais de 150 mil estabelecimentos de Educação Básica na rede pública, onde atuam cerca de 2 milhões de docentes. Isso significa que a educação formal atinge um número imenso de cidadãos. Por essa razão, as políticas públicas têm forte impacto na sociedade, devido à grande escala de suas ações.
- As escolas são reguladas pelas normas da secretaria à que estão vinculadas. Devem seguir diretrizes do Ministério da Educação e dos conselhos de educação: o Conselho Nacional (CNE), os conselhos estaduais (CEE) e municipais (CME). A legislação estabelece a competência de cada um desses conselhos.
- A sua gestão deve ser democrática. De acordo com a LDB, isso pressupõe a participação da comunidade escolar e da comunidade local em conselhos escolares, ou equivalentes.
- Orientam seu trabalho pelo Plano ou Projeto Político Pedagógico. O PPP deve ser criado com a participação de professores, alunos, coordenação, gestores, funcionários da escola, representantes de pais e da comunidade do entorno.
- A equipe gestora e os docentes podem criar novas propostas curriculares, de acordo com as diretrizes e orientações nacionais e da respectiva secretaria e conselho de educação.
- Podem escolher os parceiros, desde que estejam de acordo com seus objetivos, com seu PPP e mediante a participação da equipe escolar. As parcerias também devem seguir eventuais diretrizes da SME.
- É desejável que a escola esteja integrada na comunidade onde atua.
- São um espaço potencial de divulgação e difusão de ideias. O que acontece na escola pode compor o diálogo com a família e com a comunidade.
- Carregam a tradição de transmitir os conhecimentos acumulados historicamente. As escolas vêm tentando identificar novas formas de ensinar para a criança e o adolescente do século XXI.

¹⁵ Texto escrito com o apoio do Prof. Dr. Carlos Luiz Gonçalves.

¹⁶ De acordo com o art. 205 da Constituição Federal: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."

¹⁷ http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2013.pdf)

O sucesso de muitas parcerias entre escolas e OSCs sinaliza que o cenário vem mudando no país. E mais, já é possível tirar lições dessas experiências.

Pontes são construídas com a intenção de superar obstáculos físicos, de ligar diferentes lugares, de abrir passagens. A edificação de pontes pressupõe técnica e estratégia. Cada terreno ou obstáculo exige certo tipo de projeto. Existem pontes fixas, móveis, temporárias, duplas, feitas de madeira, pedra, concreto, aço, de troncos ou raízes.

Pontes são construídas, sobretudo, devido ao interesse de cada um dos lados de estar mais acessível ao outro. Pontes existem para abrir caminhos. E não é essa a ideia de todos os educadores?







Capítulo

1 *Modos de chegar: como OSCs e escolas podem se aproximar*



Conhecer e se inspirar: MODOS DE FAZER

Segundo o IBGE, em 2010 existiam no Brasil 290,7 mil fundações privadas e associações sem fins lucrativos¹⁸. Desse total, 10,5% eram entidades de **assistência social** (30,4 mil instituições), 6,1%, de **educação e pesquisa** e 2,1%, de **saúde**¹⁹.

Portanto, quando falamos em OSCs, estamos nos referindo a uma diversidade muito grande de organizações. A identidade das OSCs está relacionada a muitos fatores: o contexto em que estão inseridas, a missão para a qual foram criadas, as condições de infraestrutura que constroem, a experiência de sua equipe técnica e outras variáveis.

O mesmo ocorre com as escolas públicas. Embora todas tenham o objetivo de educar seus alunos, cada escola é o resultado da conjugação de uma série de elementos: o modelo de gestão, a equipe de educadores, o público atendido, o setor governamental ao qual responde e, finalmente, a cultura de relacionamento criada entre ela e a comunidade. Cada escola tem ainda sua história, currículo, forma de organização.

Para iniciar qualquer parceria, é fundamental conhecer as identidades da instituição, sua “personalidade”. Preconceitos e ideias prontas podem ser revistos no momento em que se conhece, de fato, o trabalho realizado por umas e outras, as equipes, as metodologias, a proposta pedagógica. A consistência e a eficácia dos resultados também dependem do respeito a essa identidade.

Do encontro entre OSCs e escolas podem surgir diversos tipos de parcerias. O modo de se conhecer também é muito variado. Ora a aproximação se dá pela vizinhança - “a escola era próxima, nós a procuramos”, ora acontece porque a OSC oferece uma atividade que interessa à escola. Pode ser algo pontual, como uma apresentação, uma oficina, uma ginca- na, ou

“Esse vínculo entre escola e OSC me parece sumamente rico, potencializador, com uma capacidade enorme de transformação, tanto da sociedade civil, como do sistema escolar, e pode ser visto de diferentes maneiras.”

*Rosa Maria Torres**

Palestra Educação Integral no enfrentamento de iniquidades sociais (Seminário do Prêmio Itaú-Unicef, São Paulo, 2005)

¹⁸ Em termos jurídicos, uma OSC é sempre uma associação ou uma fundação. Para compreender melhor essa questão, acesse <http://www.promenino.org.br/projetos/ong-instituicao-fundacao-entidade-semelhancas-e-diferencas>

¹⁹ In Gouveia, T. & Danliauskas, M. Abong, panorama das associadas. São Paulo: Abong, 2010.

* Rosa María Torres é pedagoga, linguísta e jornalista. Foi diretora pedagógica da Campanha de Alfabetização “Monseñor Leonidas Proaño”, no Equador, assessora educacional do UNICEF, em Nova York, diretora de programas para América Latina e Caribe da Fundação Kellogg e coordenadora da área de Inovações Educacionais no IIPE (Unesco, Buenos Aires). Atualmente, atua como consultora independente.

uma atividade permanente, como capoeira ou coral. Às vezes a parceria pode se iniciar pela observação da mudança de comportamento de determinada criança na escola.

OSCs atendem crianças que vêm de diversas escolas e, certamente, cada uma tem sua

cultura. Mas ambas são capazes de potencializar seus recursos e suas ações, porque possuem objetivos semelhantes.

OSCs e escolas têm em comum, sobretudo, a criança, o educando, que é o mesmo e que exerce papéis diferentes em cada lugar.



Ao longo dos 20 anos de realização do Prêmio Itaú-Unicef, observamos que nem toda aproximação implica uma parceria contínua. Os principais casos mostram as seguintes situações:

- a OSC cede equipamentos ou materiais (informática, gráfica, livros ou outros) para uso da escola em determinado momento;
- a escola solicita uma atividade específica da OSC para apresentação durante os recreios ou eventos programados;
- cessão de espaços de uma ou outra instituição;
- organização conjunta de festas e eventos educativos;

- a OSC oferece sua expertise para compor uma ação da escola, como por exemplo, dança afro para evento da Semana da Consciência Negra;

- professores que são também voluntários em OSCs.

Neste capítulo vamos conhecer algumas experiências que mostram como foi o início das parcerias.

*"Cerca de 1% das pessoas, mobilizadas, são capazes de transformar a realidade local. Quanto menor a localidade, maior a chance de se transformar esta realidade." **

Jane Jacobs e Augusto de Franco

* Citado por Rebeca Raposo, disponível em http://www1.unimed.com.br/portal/download/rs/Seminario2008/3_9Rebecca.pdf

A OSC PROCURA A ESCOLA

CEPAS E ESCOLA HERBERT JOSÉ DE SOUZA BELO HORIZONTE/MG

ESCOLA MUNICIPAL HERBERT JOSÉ DE SOUZA

1.100 alunos do 5º ao 9º ano do
Ensino Fundamental

Equipe gestora e administrativa: sete
pessoas

Educadores: 65 professores e seis
monitores pelo projeto municipal de
Educação Integral

Projeto Mais Educação

(dados de alunos referentes a 2014)

CENTRO DE PROMOÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL ANA BERNARDINA (CEPAS)

120 alunos da Escola Municipal Herbert José
de Souza e 230 de outras oito escolas

Equipe gestora e administrativa: 17 pessoas

Educadores sociais: 10 educadores

Atividades desenvolvidas: teatro, circo,
danças urbanas (hip-hop, contemporânea),
dança livre (clássica e jazz), canto, grafite,
artes, jogos e brincadeiras.

www.cepas.org.br



O trabalho realizado pelo Cepas e a Escola Municipal Herbert de Souza é bastante coe-
rente e afinado com a proposta de Educação Integral da Rede Municipal de Belo Hori-
zonte. A parceria nasce, portanto, em terreno fértil, estimulada por uma política pública.

O Programa *Escola Integrada* é uma política municipal de Educação Integral que
estende o tempo e amplia a oferta de atividades para os alunos da capital mineira. O
programa tem como ponto forte as parcerias entre escolas, OSCs e universidades e
envolve 82 organizações sociais conveniadas. A rede municipal de Belo Horizonte tem
188 escolas de Educação Básica e cerca de 130 mil alunos no Ensino Fundamental²⁰.

A parceria começou quando uma das oficinas do Cepas, que na época era também
professora da escola, estabeleceu o contato entre as duas instituições. Pode-se dizer,
então, que a parceria surgiu no seio da escola. Nessa época, Wesley Camilo, coordena-
dor da OSC, ia semanalmente à escola e conversava com a equipe técnica para
compreender o contexto em que estava inserido o Centro. Criava-se, assim, uma via
de mão dupla:

²⁰ Fonte: Censo Escolar/INEP 2013.

“Começamos a parceria com a escola em 2010. Quando nós chegamos na comunidade, o Cepas era conhecido como ‘casa da sopa’, porque era a única atividade: distribuição de sopa aos sábados. E durante todos esses anos, de 1994 até 2010, a estrutura ficava fechada durante a semana. Eu fui contratado para ser secretário, para atender um telefone que não tocava. Isso começou a me trazer uma certa indignação. A toda hora eu saía no portão, porque eu estava com tempo livre. E comecei a ver muita adolescente grávida, muitas crianças na rua. Então, eu comecei a procurar os espaços da comunidade para ver o que poderíamos fazer juntos. Foi quando eu cheguei na escola e me apresentei para a diretora. Nem a escola nos conhecia direito, nem eu conhecia a comunidade. Mas a diretora ficou aliviada com a proposta que eu fiz, porque a indisciplina era muito grande, a violência das crianças também. Nós propusemos iniciar com uma gincana. A gincana durou dois meses e a escola nos cedeu todo o espaço. Quando a gincana acabou, nós começamos com a oficina de hip-hop. Ao final, a diretora falou assim: e agora, o que nós vamos fazer?”

A princípio, apenas um gesto do lado de lá e outro do lado de cá, e nasceu a parceria. Uma visita, uma conversa e surge a gincana. Na sequência, foi preciso um pouco mais para conhecer e conquistar o parceiro. Os profissionais da OSC, mesmo com as atividades anuais já encerradas, fizeram visitas semanais à escola. O objetivo era conhecer as necessidades e interesses das crianças e adolescentes.

A partir dessa pesquisa informal, o Cepas delineou as atividades. Elas foram acolhidas e aperfeiçoadas com a participação de professores e da coordenadora pedagógica da escola. Escolheram oferecer teatro, danças urbanas, dança livre, artes, jogos e brincadeiras. Aos sábados, circo e canto. Crisley Soares Felix, coordenadora da escola em 2014, explica:



“Aqui na escola, nós consideramos muito o perfil do aluno. Tem criança que precisa de um cuidado maior, no que diz respeito ao desenvolvimento humano. Aí nós ligamos para o Wesley. Nós sabemos que lá vai ter um tempo para o cuidado com essa criança, mais tempo para conversar com a família, mais tempo para perceber e tratar esse aluno que, de repente, na escola, com essa correria, nós não conseguimos fazer.”²¹

²¹ Depoimento dado no Seminário Internacional Educação + Participação = Educação Integral, realizado pelo Cenpec e pela Fundação Itaú Social, em novembro de 2014, em São Paulo.

Conhecer o parceiro e respeitar o seu ritmo de trabalho é importante para que os primeiros passos sejam seguros. De lá para cá, os professores da escola foram se engajando e a lista de atividades que realizam em conjunto só cresce:

- Em 2014, conseguiram organizar reuniões de pais em conjunto, com a participação das equipes da OSC e da escola.
- O coordenador do Cepas faz parte do Conselho da Escola e, desde 2012, quando chamado, participa das reuniões pedagógicas dos professores.
- A OSC faz avaliação das atividades que oferece junto com as crianças, os pais, os educadores e os professores da escola.
- As duas instituições realizam atividades conjuntas de planejamento anual e prestação de contas. Organizam também reuniões de “estudo de caso”, para conversar sobre determinado aluno.
- Nas apresentações de final de ano, as crianças do Cepas ensaiam com as crianças da escola no espaço escolar.
- A atividade escolar *Desafio Esportivo* foi pensada, planejada, realizada e avaliada conjuntamente. O mesmo ocorreu com a *Semana da Sustentabilidade*, o *Passeio ao Mineirão* e a *Semana de Educação Integral no Teia* (evento da Faculdade de Educação da UFMG).
- O trabalho de artes do Cepas também já foi assimilado pela escola. A atividade *Hora social – assembleia na escola* é realizada conjuntamente.



Mauro Sérgio
de Amorim

O que gerou sentido logo no início da parceria e provavelmente se tornou seu combustível foi a inquietação dos envolvidos, como destaca a professora Isa Guará²²:

“Primeiro, prestem atenção: a organização era casa da sopa. Isso é a história das organizações sociais no Brasil. Outra coisa importante: descobrir a ociosidade que ainda existe em vários serviços oferecidos nos municípios. Espera aí, com essa porção de crianças fora da escola, e nós só dando sopa? Tem muita gente com tempo e com paixão. Isso é um diferencial muito grande. Eles tinham uma inquietação. Ninguém se mobiliza se não se inquieta.”

²² Isa Guará é professora de pós-graduação da Universidade Anhanguera, em São Paulo.

Outro impulso para que a parceria entre a escola municipal e o Cepas prosperasse foi uma política pública, o Programa *Escola Integrada*. A ação do Estado, portanto, induz a prática. Por outro lado, mesmo em uma rede com política pública indutora, foi necessária a articulação em nível local.

Depois, a parceria ficou tão fortalecida que permitiu que OSC e escola pudessem dialogar com a Secretaria Municipal de Educação para garantir algumas condições de trabalho. Entre elas, a manutenção de um coordenador encarregado da articulação entre as duas instituições.

Vemos assim que a parceria nasce de uma iniciativa entre a escola e a OSC, mas, com sua consolidação, evolui influenciando a política pública. Num futuro próximo, a Escola Herbert de Souza e o Cepas querem criar um grupo com as oito escolas do território para formar um núcleo de trabalho em Educação Integral. Como diz Wesley Camilo: *"para podermos ganhar o mundo, precisamos ganhar legitimidade com nossos pares."*

Pontos de destaque da parceria:

- A iniciativa de uma parte e a receptividade da outra para que o diálogo se iniciasse.
- A existência de articulação local, apesar da política pública indutora.
- A percepção da importância da atuação da OSC dentro da escola.
- O estabelecimento de uma comunicação aberta e respeitosa.
- A criação de oportunidades de encontros informais, porém sistemáticos, como estímulo para afinar a parceria.
- A construção de relações de confiança, a partir do diálogo no dia a dia das organizações.
- O engajamento dos responsáveis, coerência e convergência entre os discursos da OSC e da escola.
- O planejamento e avaliação feitos em conjunto pelas duas equipes.
- A visão de Educação Integral compartilhada por ambos.



A ESCOLA PROCURA A OSC²³

ASSOCIAÇÃO OLHOS DE ÁGUIA E ESCOLA IVAN BRASIL GUARAREMA/SP

ESCOLA ESTADUAL IVAN BRASIL

653 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio

Equipe gestora: quatro pessoas

Educadores: 47 professores, incluindo eventuais e substitutos

Projetos: *Educomunicação, Mais Educação e Proemi*, da Secretaria Estadual Educação, envolvendo trabalho de letramento, horta, banda, canto, leitura, jornal e rádio

Outros projetos: *Feira de Conhecimento, Sarau Literário, Gincana Estudantil*

ASSOCIAÇÃO OLHOS DE ÁGUIA

60 crianças e adolescentes de seis a 14 anos

Equipe gestora e administrativa: seis pessoas

Educadores sociais: três profissionais

Atividades desenvolvidas: teatro, recreação, meio ambiente, jiu-jítsu e reforço escolar

<http://olhosdeagua.org/website/>



O município de Guararema é uma bonita e pacata cidade, de menos de 30 mil habitantes, cortada pelo Rio Paraíba do Sul, na Região Metropolitana de São Paulo. Lá se originou, em 2005, a OSC Associação Olhos de Águia, a partir do trabalho voluntário da então presidente.

Edilaine Melo se preocupava com os problemas da infância e da juventude do município. Inicialmente, o trabalho consistia em palestras sobre a participação dos pais na vida escolar dos filhos, especialmente entre as turmas mais indisciplinadas.

Ao final de um desses encontros, o diretor da escola onde a palestra acontecia pediu à Associação uma atividade semanal de humanização. E assim foi feito. Ao longo de seis meses, os alunos participaram de oficinas e, no final, apresentaram produções teatrais e musicais para seus colegas. Durante o processo, houve melhora significativa no comportamento dessas crianças e adolescentes.

Em 2008, já colhendo os frutos da experiência, a Prefeitura Municipal ofereceu apoio técnico e financeiro para que a OSC realizasse um projeto com adolescentes de várias escolas.

²³ Texto escrito com a colaboração de Jailson Moreira e Walderez Nosé Hassenpflug.

Três escolas municipais e duas estaduais têm alunos que frequentam a Associação Olhos de Águia no contraturno escolar. Nos casos em que a vulnerabilidade é maior e as crianças e adolescentes necessitam de mais atenção, o Conselho Tutelar e o CMDCA se envolvem para dar suporte às famílias.

A OSC é sempre chamada a mediar as relações conflituosas na escola. Muitas vezes, a postura questionadora do adolescente vem da energia própria da idade. As ações desenvolvidas pela Associação canalizam esse vigor para as oficinas de teatro, música e esporte. E sempre abrem espaço para muito diálogo. Daí, o sucesso alcançado.

Marinalda Maria da Silva, a atual presidente da Olhos de Águia, diz que a parceria mais sólida é com a Escola Ivan Brasil. Tanto que, em 2014, a escola convidou a OSC para participar de seu planejamento escolar. A equipe da Associação apresentou, então, o projeto *Fazendo Arte*, com uma oficina de educomunicação. O principal objetivo era melhorar a frequência e o rendimento escolar, bem como o comportamento dos participantes.

Os resultados logo se tornaram visíveis. Além da melhoria na relação com os alunos, os professores verificaram um aumento na apreensão dos conteúdos escolares.

Um bom exemplo é o 8º ano D. Nas palavras da diretora, Maria de Fátima Souza Zumba, esta era uma das turmas mais problemáticas da escola. Depois da intervenção da Olhos de Águia, foi o grande destaque durante as filmagens e entrevistas que levaram à criação do canal “*Se liga, Moleque*” no Youtube.

Outra ação da parceria ocorre anualmente, durante a *Feira do Conhecimento*. Trata-se de um projeto da escola, que conta com a intervenção de propostas socioeducativas da OSC.

Segundo a diretora Maria de Fátima, há uma valorização do diálogo entre as organizações, o que permite o encaminhamento conjunto de questões relacionadas aos alunos durante todo o processo educativo. De sua parte, Marinalda afirma que o mais importante é acreditar que a parceria pode dar certo e que é preciso muita humildade de ambas as partes.

Dessa maneira, passo a passo, mostrando seu trabalho, a Associação Olhos de Águia foi conquistando seu lugar ao lado da escola.

Da dificuldade em lidar com o comportamento dos estudantes, nasceu a busca de um apoio naquilo que é frequentemente reconhecido como expertise das OSCs. Com os resultados positivos, os próprios professores criaram outras estratégias para lidar com os alunos. Isso levou à melhoria da aprendizagem.



Pontos de destaque da parceria

- *O pressuposto de que crianças e adolescentes devem ser respeitados e amparados pela rede de proteção social é compartilhado pelas duas instituições.*
- *O conhecimento, por parte das duas instituições, dos caminhos, estratégias e modelos de intervenções sociais possíveis e próprios a cada uma delas.*
- *A crença na parceria como fundamental para potencializar o trabalho das duas instituições.*
- *A receptividade da escola em relação ao trabalho da OSC.*
- *O estímulo da escola para que a OSC sistematizasse e ampliasse suas ações.*

CONHECER A REALIDADE DO PARCEIRO É ESSENCIAL²⁴

CECAP E ESCOLA GETÚLIO VARGAS PARANAÍ/PR

ESCOLA MUNICIPAL GETÚLIO VARGAS

332 alunos do jardim II (5 anos) até o 5º ano do Ensino Fundamental.

Equipe gestora e administrativa: 12 pessoas

Educadores: 22 professores

CENTRO DE ATENDIMENTO ESPECIAL À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE DE PARANAÍ (CECAP)

230 crianças e adolescentes de 6 a 15 anos

Equipe gestora e administrativa: 16 pessoas

Educadores sociais: quatro educadores sociais e 12icineiros

Atividades oferecidas: artes visuais, capoeira, balé, judô, futebol e música

<http://cecapparanavai.com.br>



O Centro de Atendimento Especial à Criança e ao Adolescente de Paranavá (Cecap) fica na Vila Operária, uma das regiões de maior vulnerabilidade social do município. A grande maioria das famílias é de baixa renda e a maior parte das crianças atendidas pelo Centro estuda na Escola Municipal Getúlio Vargas.

A experiência da relação entre o Cecap e a escola mostra que nas parcerias não há uma única forma de aproximação. O caminho é construído a cada momento. Na parceria, as organizações lançam mão de sua própria flexibilidade para encontrar o melhor arranjo. E nele colocam seus conhecimentos e sua experiência para alcançar o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes

A OSC e a escola sempre foram vizinhas, mas não foi a proximidade física que as reuniu. Líria Inez Balestieri, diretora voluntária da organização, conta sobre como se deu o encontro:

“Havia um grupo de crianças consideradas especiais, mas não porque tinham alguma necessidade especial. Eram crianças com comportamento considerado ‘não condizente’. À medida que foram crescendo e se sentindo rejeitadas, começaram a destruir a escola, colocaram fogo, não respeitavam mais professores.

²⁴ Texto escrito com a colaboração de Suzete Aparecida Franchin.

Diante dessa realidade, pensamos em nos aproximar da escola e mostrar que essas crianças não tinham o mesmo comportamento aqui na entidade. E que juntas poderíamos fazer alguma coisa. Organizamos, então, momentos de lazer, depois, fomos trazendo para eventos culturais e artísticos até que perceberam que poderíamos trabalhar junto. Na época a escola também teve o índice mais baixo de aproveitamento na Prova Brasil, no município. Nesse momento, o projeto do Cecap encontrou um espaço maior para trabalhar com as mesmas crianças e com as mesmas famílias. A escola passou a ver o projeto como algo que poderia contribuir e nós também passamos a valorizar o trabalho que a escola fazia.”

Com o trabalho da OSC, os alunos começaram a ser vistos com outros olhos pelo corpo docente. Isso fortaleceu o circuito de aumento da autoestima e consequente participação qualificada na escola.

Ainda que não seja tarefa das OSCs se comprometer com indicadores de avaliação (Prova Brasil, Ideb e outros), é importante observar que esse foi o indutor da procura da escola por novos lugares de aprender. Entre eles, estava a OSC.

Assim, pode-se afirmar que “boas parcerias partem de uma sólida compreensão dos interesses existentes, e de um esforço, frequentemente penoso para cada um de nós, de aprender a ler a realidade de outro ponto de vista” (Dowbor, 2002, p. 92).

O Cecap se relaciona com 14 escolas estaduais e municipais. Com todas mantém comunicação constante, acompanha a frequência escolar, as avaliações e as dificuldades de aprendizagem. Na escola Getúlio Vargas, Eliane Teodoro dos Santos Kawamura, a diretora que assumiu em 2015, considera que a parceria com a OSC é importante e coopera com os projetos da escola. À medida que planejam atividades do ano em conjunto, também organizam cursos com temas de interesse dos professores e discutem casos específicos de crianças e suas famílias.

No Cecap são oferecidas atividades de artes visuais, capoeira, balé, judô, futebol, contação de história, danças urbanas, flauta, violão, bordado, xadrez e informática. Elas são desenvolvidas por oficinairos e as crianças podem optar por até cinco atividades. Ao mesmo tempo, educadoras sociais realizam atividades socioeducativas.

Na organização é possível ver crianças atuantes e interessadas nas oficinas. A participação e a premiação em festivais de dança, nacionais e internacionais, mostram que

a organização está oferecendo às crianças e aos adolescentes novas oportunidades.

Os pais participam semanalmente do grupo de terapia comunitária, coordenado por uma assistente social, e de reuniões que definem, junto com a equipe técnica, os detalhes das viagens para apresentações e campeonatos. A comunidade também se engaja na confecção dos figurinos para as apresentações.

Outro destaque é a articulação que a OSC e a escola têm com a rede de proteção da criança e adolescente. Em situações de conflito, são acionados

outros órgãos, como Conselho Tutelar, Procuradoria da Infância e da Adolescência, CRAS, Fórum Permanente das Entidades Sociais, CMDCA ou outros.

Hoje o Cecap e a escola têm uma relação muito próxima, com diálogo constante e acompanhamento da situação escolar das crianças atendidas. Como a parceria é antiga, pode-se dizer que ambas já vivenciaram momentos de reflexão sobre a relação, redefinindo-a a cada novo desafio.



Guito Costa |

Pontos de destaque da parceria

- *A articulação da OSC e da escola com os equipamentos, serviços e empresas existentes no território. Isso amplia as possibilidades de proteção e garantia dos direitos das crianças e adolescentes.*
- *A oferta de oportunidades que promovem a participação das crianças e adolescentes e de suas famílias na vida comunitária.*
- *A sensibilidade da OSC em perceber que era necessário aproximar-se da escola para atender melhor os alunos e a flexibilidade da escola em aceitar a aproximação.*

Pensar e compreender

OSCS – ESCOLAS: UM ENCONTRO PELA EDUCAÇÃO

DOMINGOS ARMANI²⁵

“Toda vez que eu dou um passo, o mundo sai do lugar”.

Siba, cantor
e poeta pernambucano

OSCs e escolas públicas compartilham a dimensão educativa e os fins públicos como propósitos gerais. Apesar disso, não faz muito tempo que elas se descobriram no cenário social brasileiro.

É recente a percepção e valorização das OSCs como sujeitos capazes de reflexão, de produção de conhecimentos e do desenvolvimento de práticas educativas. Os centros de ensino e pesquisa de nível superior, a mídia, e também as escolas demoraram bastante para se dar conta disso.

As escolas, particularmente, parecem ter dificuldade em perceber nas OSCs parceiros potenciais. De sua parte, também poucas OSCs vislumbram as escolas como possíveis parceiros e espaços de intervenção.

O foco prioritário da parceria entre escola e OSC é a educação e o desenvolvimento integrais de crianças, adolescentes e jovens. Se

ambas as instituições perseguem o mesmo objetivo, por que a dificuldade em estabelecer parceria?

PARCEIROS RELUTANTES?

É possível afirmar que, na maioria das vezes, o encontro entre escola e OSC se dá por iniciativa da OSC. Interessante, não? Por que isso ocorre?

As OSCs, dada sua autonomia e necessidade permanente de lutar pela sobrevivência, têm na busca de novas oportunidades um elemento de cultura e identidade. Elas precisam estar sempre “à procura” de novas demandas, de novos apoiadores, de novos associados, etc. Nada está garantido para elas.

OSCs fecham facilmente, se suas lideranças não conseguirem construir condições de sustentabilidade institucional sólidas. Entre essas condições, estão credibilidade, idoneidade, qualidade técnica, equipe qualificada, gestão responsável, capacidade de inovar e capacidade de refletir sobre a própria prática para produzir conhecimento. As OSCs precisam estar conectadas com seu contexto para serem relevantes e sobreviverem.

As escolas, por sua vez, têm outra condição, bem diferente. Elas são entes estatais, parte de uma rede de ensino formal, cuja atividade

²⁵ Sociólogo e mestre em Ciência Política (UFRGS), consultor independente em desenvolvimento institucional das OSCs (blog: www.domingosarmani.wordpress.com).

e dinâmica são fortemente regradas. A situação atual das escolas públicas é bastante preocupante, mas seu valor social é inquestionável. O seu êxito reside na arte de “fazer do limão uma limonada”: lutar diuturnamente para identificar gente motivada, oportunidades educativas e soluções criativas nas brechas das enormes dificuldades cotidianas.

Comumente, essa luta se dá dentro dos muros da escola ou nos limites da rede de ensino. Por vezes, alguém oferece ajuda de fora...

Esta caracterização sucinta serve para indicar que OSCs e escolas representam dois universos bastante distintos, entre os quais há desconhecimento mútuo. Como é possível, então, compreender o encontro e a parceria entre elas, cada vez mais comuns?

PROCESSOS DE APROXIMAÇÃO E ENCONTRO

Muitas vezes o encontro escola–OSC acontece por acaso. E o “acaso” quase sempre associa uma disposição da OSC para a inovação e uma busca da escola por formas novas de enfrentar dificuldades pedagógicas.

Foi assim na relação entre o Centro de Promoção e Assistência Social Ana Bernardina (Cepas) e a Escola Municipal Herbert José de Souza, em Belo Horizonte. O Cepas já existia havia 16 anos, mas só distribuía sopa nos finais de semana. A OSC praticamente ignorava a dinâmica da comunidade durante a semana. O Cepas era conhecido justamente como “casa da sopa”. Com esta imagem



A situação atual das escolas públicas é bastante preocupante, mas seu valor social é inquestionável

Leanderson
Souza Ferreira

pública, não fazia sentido a escola procurar o Centro para colaboração pedagógica.

A indignação e a capacidade de iniciativa do novo funcionário do Cepas o levou a percorrer a comunidade, reconhecer seus problemas e identificar potenciais novas áreas de atuação. Num desses trajetos pela comunidade, a escola foi visitada.

Foi no bojo da ampliação do olhar sobre o papel da OSC, e de mapeamento do território, que a escola foi “encontrada”. Quem estava perto só foi visto e valorizado quando a OSC mudou suas lentes, vendo então mais e melhor do que antes.

Mas isso não era suficiente para o encontro. Foi necessário que do outro lado, na escola, houvesse a abertura e a coragem

para perceber que ali estava uma oportunidade realmente nova. Uma possibilidade de enfrentar os duros problemas de desinteresse e indisciplina então vividos. Havia também a sensibilidade da escola para perceber que o desenvolvimento de determinados alunos requeria ajuda diferenciada.

Acima de tudo, emergia uma percepção vital de que o desafio da educação não é exclusivo de nenhuma instituição. É um desafio que, pela sua complexidade, requer a colaboração simultânea de múltiplas instituições.

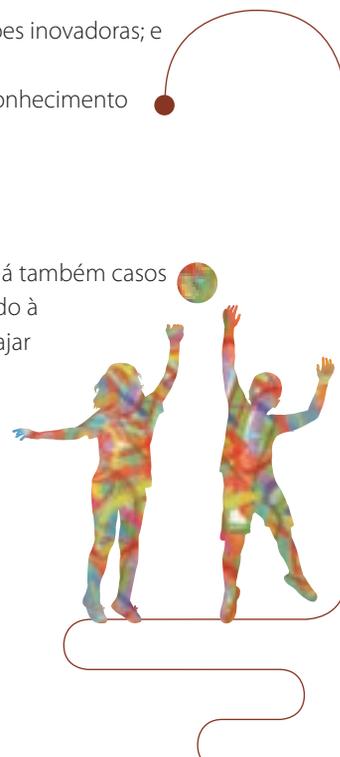
Pode-se afirmar, então, que alguns fatores são valiosos para favorecer um efetivo encontro entre escola e OSC. Destacamos aqui:

- 1) lideranças de ambas as instituições com inquietação e coragem;
- 2) iniciativa de conhecer a comunidade na qual se atua e seus atores;
- 3) disposição para correr riscos;
- 4) capacidade da escola para reconhecer seus limites e para vislumbrar o potencial da ajuda externa;
- 5) habilidade de olhar os problemas de novos ângulos, buscando soluções inovadoras; e
- 6) existência de uma ação conjunta inicial, que favoreça o progressivo conhecimento mútuo e as potencialidades da colaboração.

ENCONTROS E DESENCONTROS

Há inúmeros casos de sucesso nas parcerias entre OSCs e escolas. Mas há também casos de frustração que geram aprendizados. Algumas vezes, isso ocorre devido à resistência de alguns professores em sair da “zona de conforto” e se engajar no processo.

É muito mais difícil pôr as coisas em movimento se a escola não tiver a inovação pedagógica e o diálogo institucional como dimensões de seu projeto político pedagógico. Vale a pena reafirmar que se, por um lado, as parcerias trazem incertezas, por outro, podem revitalizar o sentido da prática educativa.



O apoio da direção é crucial para romper o imobilismo e experimentar. Sem isso, o caminho se torna ainda mais penoso. Há inúmeros casos de iniciativas exitosas, mas que morreram depois, porque faltou apoio da direção.

Igualmente, a ausência na rede de ensino de uma política de interlocução com grupos e instituições da sociedade civil tende a desestimular novas experiências. Essa postura acaba não valorizando os esforços heroicos de alguns professores e escolas.

Outro problema que pode gerar desencontros é a tentativa da secretaria de educação de estabelecer a interação das escolas com a comunidade de forma impositiva. Sem o devido processo de consulta e diálogo, a “receita de bolo” desconhece as singularidades e necessidades de cada escola.

Em dois trabalhos recentes com OSCs que atuam com escolas públicas²⁶, recolhi algumas aprendizagens a partir das dificuldades encontradas:

- 1) garantir que o projeto político pedagógico da escola inclua a relação permanente com a comunidade e com as organizações da sociedade civil;
- 2) começar a parceria com uma experiência pequena, como estratégia para mostrar como é possível avançar e que a iniciativa pode ajudar a escola e os professores a enfrentarem problemas de disciplina, de desinteresse e mesmo de evasão;
- 3) desenvolver alianças e relações de confiança internas na escola, antes e durante a implantação da experiência inicial de parceria, de forma a gerar o máximo de impacto na comunidade escolar; e
- 4) perceber que a contribuição das OSCs na escola não precisa e não deve ficar restrita aos alunos, podendo se traduzir em atividades para os professores e funcionários e também para os pais.

Paradoxalmente, há encontros que geram desastres. É o caso de OSCs que desenvolvem ações com uma visão hipernegativa da escola e uma atitude superpositiva sobre si mesmas. Atuam como se não houvesse vida inteligente na escola e como se

²⁶ São eles: a Ação Educativa (<http://www.acaoeducativa.org.br/>) e o Fundo Juntos pela Educação (<http://juntospelaeducacao.com.br/>), uma parceria entre o Instituto C&A e o Instituto Arcor, antes focada na Educação Integral e agora voltada à Educação Infantil.

a simples entrada da OSC trouxesse um sopro de vida. Nestes casos, há abertura da escola para as ações da OSC, mas o efeito disso é o aprofundamento da baixa autoestima na comunidade escolar.

GANHOS ESTRATÉGICOS E DESAFIOS

As relações entre OSCs e escolas ainda tem muito que avançar e produzir. Nem todo encontro é interessante para ambas as instituições. O melhor sinal de sucesso dessa relação no médio e longo prazos é o impacto positivo no desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e jovens atendidos. Outro bom sinal é a transformação mútua dos parceiros.

Que visão têm a escola e seus gestores sobre o papel social das organizações da sociedade civil? E que visão têm a OSC e suas lideranças acerca do valor social da escola e da educação formal na sociedade?

O pior cenário acontece quando a OSC entra e realiza suas atividades na escola sem que estas tenham qualquer relação significativa com o projeto político pedagógico e com o planejamento escolar. As ações acontecem como eventos excepcionais, mágicos até, mas sem dialogar com os desafios didático-pedagógicos vividos na escola. Esse tipo de atividade torna-se apenas um adereço de luxo num cotidiano penoso.

A desconfiança mútua entre professores e educadores sociais é notória. Na construção

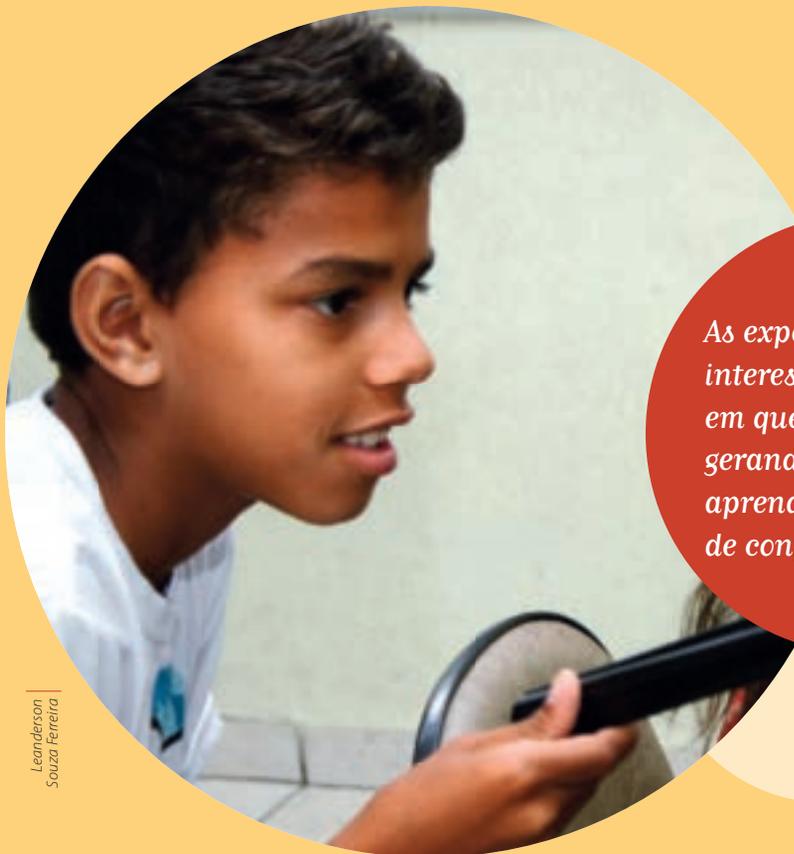
das parcerias, há um enorme desafio. De um lado, romper a resistência dos professores à colaboração das OSCs. E de outro, fazer com que os educadores das OSCs cheguem à escola com uma atitude de respeito, escuta e abertura para compreender e envolver os professores e suas vivências no processo.

Por isso, as experiências mais interessantes são aquelas em que a aproximação vai gerando conhecimento, aprendizagens e laços de confiança. Dessa forma, o processo é experimentado como conjunto, gerando benefícios de parte a parte. Para isso, é necessário que a proposta seja construída conjuntamente pela OSC e pela escola.

E aí reside uma questão fundamental: ambas as instituições devem fazer um esforço para esclarecer e explicitar os objetivos da iniciativa. Ainda que tenham propósitos distintos, é crucial que estes sejam claros e conhecidos. E que haja acordo em torno de pontos de interesse comum.



Guto Costa |

Leanderson
Souza Ferreira

As experiências mais interessantes são aquelas em que a aproximação vai gerando conhecimento, aprendizagens e laços de confiança

O desafio maior está na escola. Para a OSC parece mais simples se aproximar e estabelecer parcerias em atividades que despertem o interesse dos alunos. Já para a escola não é nada fácil superar as resistências internas e incorporar as atividades da OSC na qualificação do seu fazer educativo. Mas é justamente a capacidade de gerar novas possibilidades educativas que pode dar sentido à colaboração com as OSCs.

Há um verdadeiro fosso entre as exigências do currículo formal que regem a escola e a liberdade criativa das OSCs. O desafio é construir pontes de sentido entre estes dois “continentes”. A plena liberdade da OSC não faz parte da natureza da vida escolar. Por outro lado, a relativa rigidez do currículo escolar pode provocar a “morte” da escola.

Como fazer a liberdade criativa oxigenar os meandros do currículo? Como flexibilizar o formalismo escolar? Como estimular os professores a buscar novas perspectivas pedagógicas? Como despertar em sala de aula o mesmo interesse que os alunos demonstram nas atividades socioeducativas das OSCs? Como oferecer aos estudantes novas experiências educativas para além dos muros escolares? Como fortalecer nos professores a identidade de educador?

A entrada da OSC no cotidiano da escola deve servir de estímulo para que toda a comunidade escolar aprofunde o seu compromisso com a qualidade da educação e com o desenvolvimento pleno das crianças, adolescentes e jovens.

Dicas

*Dicas para a escola*²⁷

Comece olhando para seus vizinhos: que organizações atuam no seu bairro ou na sua cidade? De que forma elas podem contribuir para o trabalho escolar? Escolha uma pessoa da equipe para “olhar para fora”. Ela será responsável por garimpar projetos interessantes, elaborar propostas de parceria, captar recursos.

Busque conhecer as OSCs da sua região.

Ao procurar uma organização, certifique-se de que ela tem clareza dos próprios objetivos. E que seja transparente na gestão dos recursos. Procure conhecer a história da organização, materiais que já produziu e projetos que já desenvolveu. Prefira OSCs bem articuladas, que participem de redes e dos debates da área.

Discuta a parceria com franqueza e objetividade.

Se uma OSC sugere um projeto, não avalie apenas a ação proposta, mas as necessidades da escola e da equipe escolar. Não maquie a realidade. Exponha à OSC as condições e os problemas da escola, para que a intervenção possa ser mais bem planejada. Procure deixar claro o papel de cada um na parceria e defina os resultados que espera alcançar.

Envolva toda a escola, com o espírito aberto.

Encoraje o envolvimento de toda a comunidade escolar. Essa é a chave para a continuidade da iniciativa. Estejam abertos para as reflexões e novas ideias de quem vem de fora. Sistematize a experiência, avalie e compartilhe os resultados dentro e fora da escola.

Fortaleça a escola na parceria.

Busque, sempre que possível, o apoio da Secretaria de Educação. Isso pode garantir a consolidação e reprodução das experiências positivas. Quanto mais a rotina escolar for próxima dos interesses dos alunos, mais significativo este espaço será. Sendo assim, promova reuniões com a equipe da OSC para definir estratégias comuns, com foco no desenvolvimento integral das crianças e jovens. As escolas são espaços privilegiados de interação das crianças, adolescentes e jovens. Identifique suas potências e as valorize. Tenha a OSC como parceira para reforçar os seus projetos.

²⁷ Propostas extraídas de Ramalho, Priscila. “Guia para uma parceria eficaz” Revista Nova Escola, 18/08/2008. Disponível em http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/materias_295759.shtml



Dicas para a OSC

Evite chegar com projetos prontos.

Não raro as OSCs conseguem verbas para desenvolver projetos concebidos dentro da própria organização. Mas, ao buscar uma parceria, nem sempre a proposta dialoga com as demandas da escola ou com seu projeto político pedagógico. No diálogo, a organização social pode encontrar no próprio projeto pontos flexíveis que o aproximem dos interesses da escola. É importante, contudo, que a OSC não perca sua identidade ou abra mão de sua expertise.

No entorno da escola podem existir outras organizações.

É importante mapear as outras organizações existentes no bairro ou no município. As associações de bairro, igrejas, CRAS, unidades de saúde ou outros órgãos podem ser parceiros em alguma palestra ou oficina, cooperar no empréstimo de espaços, oferecer algum serviço importante para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Essas instituições podem reforçar o projeto apresentado à escola, ou ainda apoiar uma ação específica da OSC.

Proponha uma reflexão sobre o território.

Promova uma reunião com sua equipe e levante os principais desafios da comunidade em que a OSC está inserida. Depois, junto com o grupo, reflita: como a escola do entorno escolheria uma OSC para ser sua parceira? Que critérios usaria? Para que ação? Que outras instituições são importantes para o desenvolvimento do trabalho da escola?

Esteja em sintonia com o calendário escolar.

Ele é elaborado com muita antecedência e segue uma legislação municipal ou estadual.

Crie estratégias de corresponsabilização pelas ações.

O projeto proposto deve fazer sentido para todos. Tanto na elaboração, como no planejamento das ações, envolva os educadores, as crianças, adolescentes e jovens. Faça entrevistas e reuniões com pais e professores da escola. Se puder, envolva também lideranças locais e comunitárias.



Agora é com você!

Embora a legislação apoie o estabelecimento de parcerias, a realidade nos mostra que a aproximação entre a OSC e a escola está apenas começando. Sem dúvida, há um caminho a ser construído e você pode fazer parte desse processo. Proponha atividades criativas que favoreçam a construção de parcerias a partir dos interesses comuns das duas instituições.

Esta seção é um convite para ações concretas, que podem ajudar a sua equipe a estabelecer parcerias. As oficinas podem ser executadas tanto pela OSC como pela escola, pois há muito o que fazer antes do encontro entre as instituições.

A seguir, você encontrará quatro propostas não sequenciais. Isto é, você escolhe quais e quantas deseja realizar com seu grupo de educadores. Elas devem ajudar a compreender a razão do encontro e o sentido pretendido da parceria.

Oficina 1 Os mapas dos caminhos: tem o objetivo de identificar os espaços de circulação das crianças pela comunidade e os espaços significativos para os educadores. Esta oficina pode ser realizada antes da aproximação com o parceiro ou durante o processo de fortalecimento da parceria.

Oficina 2 Registro do potencial do território: contribui para o reconhecimento dos parceiros no território e pode ser realizada num momento de planejamento de trabalho.

Oficina 3 Ponto de partida: sugere uma dinâmica específica para levantar expectativas e interesses de aproximação com o parceiro. Sugerimos que seja vivenciada no momento de aproximação.

Oficina 4 Linha do tempo: pretende resgatar a memória da instituição. Serve para que a equipe se aproprie da trajetória da organização e possa apresentá-la aos parceiros.

OFICINA 1 – OS MAPAS DOS CAMINHOS

Para começar, é importante conhecer muito bem o território onde você atua. Isso ajuda a compreender os recursos e equipamentos existentes e com quem se pode contar. Para tanto, nada melhor do que a cartografia. Trata-se de uma metodologia utilizada para identificar novos trajetos, revelar pessoas e experiências significativas.

Conceitos e pressupostos da cartografia:

- Territórios cartografados são lugares nos quais as pessoas existem, atuam e se relacionam, produzindo as realidades locais.
- A cartografia identifica os potenciais das trajetórias e dos territórios para ativá-los. Isso é realizado em processos de formação e de construção coletiva do conhecimento sobre as realidades locais.
- Cartografar resgata a história do que já foi feito, reconhece os caminhos atuais e provoca o desejo de mudança.
- A produção cartográfica mobiliza memórias, saberes e desejos para a formulação de projetos de vida ou coletivos.

Veja uma das propostas de uso da cartografia:

- Reúna sua equipe e discuta como um parceiro novo pode potencializar o trabalho da instituição (escola ou OSC).
- Distribua um mapa onde aparece a OSC ou a escola e as ruas do entorno.
- Peça que seus educadores, em grupos de até quatro pessoas, marquem no mapa, com determinada cor, os caminhos que as crianças fazem para chegar à instituição.
- Com outra cor, desenhe os caminhos utilizados pelos educadores.





Mauro Sérgio de Amorim

Após essa breve reflexão, ofereça um novo mapa no qual aparece apenas a OSC e a escola. Garanta que esse mapa traga os desenhos das instituições ampliados, pois vocês vão desenhá-las por dentro.

Detalhem a disposição do espaço com suas diferentes salas, as atividades oferecidas, local onde os adultos mais gostam de ficar, local preferido pelas crianças. Observe que conhecimento os educadores têm sobre a instituição vizinha. Eles a conhecem? Já estiveram lá? Imaginam como ela é?

A partir das respostas, o grupo terá conhecimentos mais apropriados acerca do parceiro. Poderá, então, definir estratégias de aproximação.

Ainda com seu grupo de trabalho você pode:

- Depois, troque a cor mais uma vez e solicite que os educadores desenhem os espaços que as crianças frequentam quando não estão em sua organização.
 - Em seguida, cole cada mapa numa mesma parede e peça que os grupos comentem o que veem. O que se encontra no entorno? O caminho das crianças e o caminho dos educadores são semelhantes ou diferentes? Os educadores conhecem os locais que as crianças frequentam? O grupo vê mais pontos positivos ou negativos no entorno da instituição?
- Pronto! Aqui você tem o primeiro material de trabalho que revela um pouco dos saberes que seu grupo de profissionais já possui sobre o território e as pessoas.
- Elaborar um mapa com as crianças, para que elas marquem os locais do entorno onde mais gostam de ir, os que menos gostam, os que nunca querem ir. Cada grupo pode fazer um mapa e depois apresentar aos outros. Cabe ao mediador sistematizar as informações, para que as crianças consigam identificar as opiniões que o grupo tem a respeito do território. Assim, você também vai conhecer o modo de ver das crianças.
 - Organizar, a partir do mapa, uma lista de perguntas e dúvidas sobre o modo de ser e funcionar da instituição parceira, antes de convidá-la para um café ou bate-papo.



OFICINA 2 – REGISTRO DO POTENCIAL DO TERRITÓRIO

Além dessas atividades, é muito importante que você e sua equipe mapeiem todos os equipamentos sociais, educacionais, de lazer ou de saúde do seu entorno, assim como eventuais estabelecimentos comerciais. Eles podem vir a ser potenciais colaboradores ou parceiros em seus projetos.

Isso pode ser feito na forma de listas, de mapa ou de um quadro, como nos exemplos abaixo. Qualquer que seja o formato, o importante é que haja uma discussão e que os integrantes da equipe de trabalho troquem informações a respeito do território.

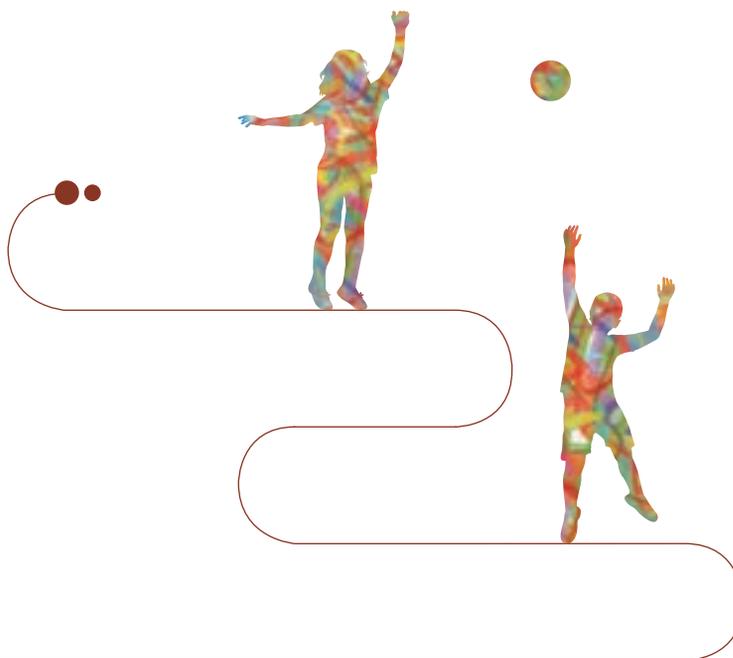
Exemplo

<i>Rede de parcerias</i>	<i>Instituições</i>	<i>Qual o objetivo da parceria?</i>
Parcerias com órgãos governamentais	• Posto de saúde	• Compartilhar informações sobre as crianças e adolescentes atendidos
Parcerias com escolas e Universidades	• Universidade Paulo Freire (cursos de Arquitetura e Urbanismo, Comunicação Social e História)	• Projeto de reforma da sede da OSC – Projeto de comunicação da OSC com a comunidade e com o público atendido • Projeto de História Oral de resgate da memória do bairro
Parcerias com OSCs	• Associação Cultural Zumbi dos Palmares	• Formação dos educadores sobre a cultura afro-brasileira
Parcerias com conselhos	• CMDCA • Conselho Tutelar	• Desenvolver um programa de defesa dos direitos da criança e do adolescente
Parcerias com empresas	• Padaria Pão e Leite	• Fornecimento de lanche para as crianças e os adolescentes
Parcerias com agentes culturais e coletivos	• Coletivo Mestres do Samba	• Projeto de registro da história do bairro, a partir de seus sambistas mais antigos

Também podemos mapear as características dos parceiros ou atores sociais. Aqui estão alguns exemplos, mas cada realidade é diferente e cada OSC pode listar parceiros distintos:

<i>Instituições</i>	<i>Interesse da parceria</i>	<i>Vantagens</i>	<i>Riscos</i>
Escolas			
Empresas			
Fóruns e conselhos			
OSCs			

Esses registros serão muito úteis no planejamento de ações ou de atividades que a escola ou a OSC queiram realizar.





A aproximação pode se concretizar, por exemplo, com a discussão de um pré-projeto de trabalho, que possa contar com o envolvimento do outro

OFICINA 3 – PONTO DE PARTIDA

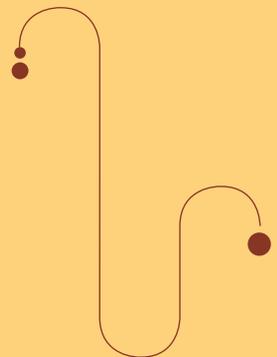
Você pode aquecer seu grupo de trabalho antes do encontro com o parceiro, seja OSC ou escola, produzindo um material inicial que identifique expectativas e possibilidades.

Organize previamente perguntas relacionadas à instituição com quem se quer fazer parceria. Por exemplo:

- Que informações você gostaria de ter sobre a OSC/escola?
- Você sabe quais são os cargos e funções da instituição parceira? E quem são as pessoas que lá trabalham?
- O que mais chama a sua atenção na fala das crianças sobre a OSC/escola?
- Que aprendizagens das crianças e adolescentes você identifica como resultado do trabalho da instituição parceira?
- Como você imagina um trabalho conjunto?
- Pensando no plano de trabalho que está desenvolvendo, que convite faria à instituição parceira?

Essas perguntas devem estar escritas em pequenos papéis. Distribua cada uma delas a um membro da sua equipe. Depois de respondidas, pendure os papéis na parede ou num varal de barbante. Leia as respostas, junto com o grupo. À medida que vão lendo, discutam cada questão.

O objetivo é explicitar o que se quer e o que se espera do parceiro. Depois disso, é o momento de convidá-lo para uma reunião ou visita. A aproximação pode se concretizar, por exemplo, com a discussão de um pré-projeto de trabalho, que possa contar com o envolvimento do outro.



OFICINA 4 – LINHA DO TEMPO

Na equipe de sua instituição, provavelmente há pessoas que estão há mais tempo e outras que entraram recentemente. Se você estiver na OSC, proponha esta oficina durante uma reunião de equipe ou de planejamento. Se você for da escola, organize esta atividade no horário coletivo dos professores, se possível, durante a semana de planejamento.

MATERIAL:

Você vai precisar apenas de um longo papel Kraft e canetas hidrográficas coloridas.

COMO FAZER:

Deixe a sala ambientada: pendure o papel numa parede, deixe as canetas à mão e, se possível, espalhe fotos de diferentes momentos do trabalho de vocês.

Faça uma roda com as pessoas presentes e procure incluir o pessoal da cozinha, da limpeza e da secretaria. Peça ao grupo que responda livremente a seguinte questão: “quais são os momentos mais marcantes de nosso trabalho, desde que você chegou a esta instituição?”

Provavelmente as pessoas falarão de situações que remetem a diferentes tempos e propostas. Permita que este bate-papo aconteça por mais ou menos vinte minutos.

Em seguida, divida o papel que está na parede em colunas. Cada coluna representa um período (década, triênio ou ano). O primeiro período simboliza o início dos trabalhos da instituição, e assim por diante.

Peça que as pessoas registrem na linha do tempo, em texto ou desenho, o momento lembrado. Reserve mais vinte minutos para isso.

Novamente em roda, converse com o grupo sobre cada período: quais foram os momentos marcantes? Quais eram os desafios? Quais foram os principais aprendizados? O que se levou desse período para o seguinte? O resultado do debate pode compor uma linha do tempo paralela, em papel de cor diferente, colado junto ao papel Kraft.

Por fim, ao chegar ao momento atual, além de marcar os acontecimentos, desafios e aprendizados, surpreenda o grupo, apresentando mais uma coluna: “próximos anos”. Pergunte ao grupo como imagina o trabalho de vocês nesse futuro próximo. Anote as ideias. Você terá em mãos a visão que está sendo construída sobre o trabalho coletivo de vocês. Utilize o material para todo o planejamento do ano.

Além disso, a linha do tempo serve para resgatar a memória de sua instituição, a partir do registro simbólico das pessoas que atualmente trabalham nela. Ao final, você terá a história que esse grupo pode contar e onde pretende chegar.

Em outro momento, utilize esse material para apresentar-se à instituição parceira. Convide a escola ou a OSC para conhecer o trabalho de vocês, através da linha do tempo. Melhor ainda se a instituição parceira também tiver feito uma linha do tempo como a de vocês. Nesse caso, o tema de uma das reuniões pode ser “nosso histórico, onde estivemos e onde queremos estar”.

LISTA DE ORGANIZAÇÃO DO ENCONTRO

Você e sua equipe já sabem o que querem dos parceiros? O que estão buscando? Por quê? Quando? E com quem? Já estabeleceram algum diálogo e há interesse em realizar alguma atividade em conjunto? Talvez seja o momento de marcar uma reunião para que todos se conheçam melhor, para tirar dúvidas, para diminuir expectativas.

Tal como a lista de organização de uma festa, faça a lista dessa reunião. Aqui vão algumas sugestões:

- Ligue para a instituição na véspera para confirmar o encontro.
- Leve algum material de apresentação da OSC ou da escola, que mostre o que ela faz e como.
- Prepare algum lanche para a reunião. É sempre mais simpático uma prosa com café.
- Confirme antecipadamente quem participará com você da reunião.
- Valorize a fase de aproximação e crie pactos iniciais de trabalho ou de relacionamento.
- Agende uma sequência de reuniões.

E visitem-se mais vezes! Tanto a equipe escolar deve ir à OSC como educadores sociais devem conhecer a escola. Recebam uns aos outros como visitas que vão à sua casa. Isso fará com que vocês se compreendam melhor e sintam como é o ambiente educativo de cada instituição.



Exercite o diálogo e a troca em todos os momentos



Capítulo

2

*Do trabalho paralelo
ao compartilhado:
OSCs e escolas atuando
na comunidade*



André Azevedo/
Galeria Zoom de
Fotografia de Potary

Parcerias são tão variadas quanto podem ser as OSCs e as escolas. Com histórias, metodologias e objetivos diferentes, lembram aqueles casamentos que dão certo exatamente porque cada parceiro é bem diferente do outro.

Parcerias que se revelam produtivas souberam valorizar essa complementaridade. Em geral, foram construídas a partir do reconhecimento das diferenças e também da consciência da incompletude de cada uma para dar conta da tarefa educativa. Exatamente porque escolas e OSCs se completam, elas podem mais. O ponto forte de uma, às vezes é o ponto frágil da outra. E, ao mesmo tempo, as qualidades de ambas podem se somar.

A riqueza do trabalho conjunto provém da heterogeneidade das contribuições e da homogeneidade dos objetivos: educar mais e melhor. Em rede, há maior sinergia para a realização de ações diversificadas. É no coletivo que os problemas são diagnosticados e as soluções encontradas.

A diversidade geográfica do Brasil produz igualmente uma variedade significativa de escolas públicas. E elas atendem a imensa maioria dos pequenos cidadãos brasileiros.

Há quase duas dezenas de escolas de fronteira em municípios que se localizam até 150 km da divisa com outro país. As

matrículas na Educação do Campo representam 12,4% do total do país, o que corresponde a cerca de 6,3 milhões de crianças e adolescentes espalhados em mais de 76 mil escolas rurais²⁸. Dentre estas, temos 2,5% de escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos, 3,8% em terras indígenas, 5,9% em áreas de assentamento. E 71,57% delas são turmas multisseriadas²⁹.

²⁸ Dados apresentados na II reunião Técnica do Pronacampo, em setembro de 2013, pelo Ministério da Educação. Segundo o Censo Escolar 2013, são 50 milhões de matrículas na Educação Básica.

²⁹ Fonte: http://www.unefab.org.br/p/efas_3936.html#.UqTVY40c_tk

*“O papel do terceiro setor não é somente o de complementar ou de suplementar o papel do Estado. As organizações da sociedade civil têm função própria — necessária, insubstituível e imprescindível — no processo de desenvolvimento social. (...) Trata-se de assumir responsabilidades, tomar iniciativas e alavancar recursos de toda ordem para, autonomamente e em parceria com o Estado e com o mercado, realizar ações de desenvolvimento”.**

Augusto de Franco

* FRANCO, Augusto de. *A nova sociedade civil: o terceiro setor e seu papel estratégico*. Brasília: Agência de Educação para o Desenvolvimento, 2002, p. 30.

Como se vê, todo esse contingente de crianças e adolescentes tem acesso a bens culturais e sociais muito diferentes daqueles que habitam os espaços urbanos, que também são muito diversificados.

Numa realidade tão complexa, é um grande desafio pensar uma educação que considere as particularidades de cada território, sem abrir mão do que é direito de todos. Para produzir efeitos na comunidade, escolas e OSCs precisam compreender a cultura de cada lugar e considerar as diferenças como elementos para a aprendizagem. Precisam promover a troca de saberes, partilhar as vivências e manter o espaço aberto para o diálogo.

Em territórios urbanos de alta vulnerabilidade, onde há poucos equipamentos e serviços, escolas e OSCs têm feito diferença no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens. A educação é a principal estratégia para romper o ciclo de reprodução da pobreza, entre uma geração e outra. Daí porque as instituições educativas dessas regiões auxiliam na mudança desse quadro. Além disso, por seu histórico de lutas sociais e de defesa de direitos, geralmente as OSCs gozam de grande prestígio junto às comunidades.

Em outros territórios com serviços igualmente precários, como zonas rurais, ribeirinhas ou quilombolas, as OSCs também se destacam por sua grande capilaridade. Como pequenos afluentes, chegam onde ninguém mais tem acesso, onde a oferta é escassa e os recursos são mínimos. Conhecem o público com que trabalham melhor do que ninguém.

Parcerias interinstitucionais ampliam a capacidade educativa e promovem um compromisso da população com a educação das futuras gerações.

“Quanto mais relações interorganizacionais a organização mantiver e mais diversas forem tais relações e quanto mais relações interorganizacionais, intersetoriais – isto é, entre o primeiro setor (o Estado), o segundo setor (o mercado) e o terceiro setor (a nova sociedade civil) – forem estabelecidas, mais condições terá essa organização de receber o (in)fluxo de recursos do ambiente externo e mais condições ela terá de influir nesse ambiente.” (Franco, 2002: p.35)³⁰.

As qualidades das OSCs, somadas àquelas das escolas, beneficiam a todos. De um lado, por suas características, as OSCs são mais ágeis em desenvolver ações no território onde estão. De outro, as escolas públicas podem tornar duradouros os efeitos positivos das ações implantadas.

Neste capítulo você verá como OSCs e escolas juntas são capazes de mudar paisagens. E como os territórios, com suas culturas, identidades e demandas, podem catalisar as parcerias. Confira.

³⁰ FRANCO, Augusto de. *A nova sociedade civil: o terceiro setor e seu papel estratégico*. Brasília: Agência de Educação para o Desenvolvimento, 2002.

Conhecer e se inspirar: CRIANÇAS E ADOLESCENTES OCUPAM NOVOS ESPAÇOS

O PATRIMÔNIO HISTÓRICO COMO BASE DA PARCERIA³¹

VERDE CIDADANIA E ESCOLA PARQUE DA MANGUEIRA PARATY/RJ

ESCOLA MUNICIPAL PARQUE DA MANGUEIRA

1.000 alunos do 1º ao 5º ano do
Ensino Fundamental

Equipe gestora e administrativa:
sete pessoas

Educadores: 30 professores

Parceiros: Casa-Escola; Instituto Trilha
da Arte & Educação (Itae) e Escola
de Dança

VERDE CIDADANIA – CASA ESCOLA

Cerca de 100 crianças entre 6 e 14 anos

Equipe gestora: três pessoas

Educadores sociais: seis educadores

Atividades: além de promover o convívio e ações
integradas na comunidade, o Projeto oferece
reforço escolar e reforço na alfabetização,
tecnologias na educação, inglês e educação física

www.casaescola.org.br

facebook.com/casaescolaparaty



A OSC Verde Cidadania surgiu da iniciativa de um grupo de amigos, moradores das cidades do Rio de Janeiro e Niterói (RJ), que frequentavam as praias de Paraty. Os amigos ficaram sensibilizados com a situação dos caiçaras que estavam sendo expulsos de suas terras por conta da especulação imobiliária. O grupo passou, então, a defender os moradores da região. Hoje, a OSC, sediada no Rio de Janeiro, ainda mantém a assessoria e defesa dos direitos sociais das comunidades tradicionais.

A Casa Escola, gerida pela OSC, iniciou as atividades em 2005, oferecendo reforço escolar a 30 crianças moradoras dos bairros Ilha das Cobras e Parque da Mangueira. Elas foram selecionadas com a ajuda da Escola Municipal Parque da Mangueira, onde a maioria delas estudava. Em 2007, o número de crianças atendidas aumentou para 40 e o projeto passou a funcionar em dois turnos: manhã e tarde.

³¹ Texto escrito com a colaboração de Ivone do Canto Almeida.

De lá para cá, a Casa Escola introduziu um programa de inclusão digital no turno da noite, com aulas de informática para jovens e adultos. Criou também o programa de Educomunicação, que utiliza os meios de comunicação (rádio, vídeo, jornal e blog) como ferramentas de aprendizagem. O envolvimento das famílias dos alunos é um ponto importante no trabalho da equipe.

A educação patrimonial e ambiental é um dos eixos centrais das práticas pedagógicas da Verde Cidadania. Com isso, a OSC busca, de mãos dadas com a escola Parque Mangueira, resgatar a cultura tradicional de Paraty.

O reforço escolar é uma das principais ações, dando suporte ao Ensino Fundamental I. A cada ano um tema alinha as atividades interdisciplinares e lúdicas. Em 2013, o tema foi “Paraty e sua história”. O projeto é, então, desenvolvido por meio de jogos, canções, desenhos e saídas a campo. As ações são planejadas a partir do conteúdo definido com a escola.

Dos três dias da semana que cada turma de crianças frequenta a OSC, dois são destinados ao reforço escolar. O terceiro dia é usado para atividades escolhidas, como inglês e educação física. Luiz Virgulino comenta a relação das crianças com o projeto:

“Eles gostam muito de estar aqui e de saber como melhoraram na escola, como foram bem na prova por terem estudado aqui o conteúdo. Isso nos recompensa e nos dá fôlego para o trabalho.”

Ao longo do ano, as crianças participam de oficinas variadas: artes, animação, fotografia, vídeo, higiene e saúde, jogos e brincadeiras. Também são oferecidas atividades de leitura e contação de histórias, bordado – inclusive para os meninos –, meio ambiente e cidadania. Na educação patrimonial, são feitas visitas a equipamentos culturais, exposições, eventos, festas e a comunidades tradicionais da região.

A escola, por sua vez, caminha afinada com essa proposta. Além do trabalho com os conteúdos curriculares, são propostos projetos e eventos sociais e culturais, que envolvem também a comunidade. O projeto “Resgate da cultura de Paraty”, realizado em 2013, contou com a participação de pais e avós, que ajudaram os alunos nas atividades sobre a cultura local. A diretora da escola, Marcia Regina Nunes, relata:

“O avô de um aluno veio para contar como era a pesca na época de sua juventude e ensinou os alunos a fazerem a rede de pesca. Nossa intenção é valorizar o saber dos pais e preservar a cultura de Paraty.”

A escola considera a OSC sua grande parceira, pois a Casa Escola está bastante comprometida com a aprendizagem das crianças e adolescentes. A diretora Marcia Regina afirma:

“Os alunos que frequentam a Casa Escola se desenvolvem muito, se tornam mais participativos, têm maior desenvoltura, apresentam uma diferença visível no comportamento, passam a acompanhar o ritmo da sala, contam felizes o que fazem na OSC.”



Além do respeito mútuo e do diálogo constante, um dos principais fatores do sucesso dessa parceria é, sem dúvida, a convergência de concepções a respeito da Educação Integral

A atuação conjunta OSC-escola visa à superação de dificuldades de aprendizagem, à consolidação do letramento e à ampliação dos conhecimentos estéticos, étnicos e culturais das crianças e adolescentes das comunidades onde atuam.

À medida que os profissionais das duas instituições foram se aproximando, melhorou a comunicação entre eles. Começou a haver a troca de e-mails entre gestores e educadores, tanto para divulgar as atividades da OSC, quanto para informar os resultados obtidos pelos alunos.

Em 2014, os encontros entre profissionais da OSC e da escola ocorreram a cada 40, 50 dias. As duas instituições também trocam relatórios individuais sobre os alunos. Para 2015, os parceiros já perceberam a necessidade de intensificar as reuniões de planejamento. Entendem que isso ajudará a programar ações com objetivos mais claros.

Quando escola e OSC estão envolvidas com as mesmas temáticas e objetivos, é possível desenvolver habilidades e competências das diferentes dimensões humanas. De seu lado, a escola garante

a aprendizagem dos conteúdos curriculares. A OSC, por sua vez, traz para a parceria seus conhecimentos específicos, atividades inovadoras e agilidade para organizar saídas a campo. Desse modo, conseguem concretizar práticas de Educação Integral. Quem ganha é a criança e o adolescente. E toda a comunidade se beneficia!

Além do respeito mútuo e do diálogo constante, um dos principais fatores do sucesso dessa parceria é, sem dúvida, a convergência de concepções a respeito da Educação Integral.

Pontos de destaque da parceria:

- *O reforço permanente da parceria. O cronograma de reuniões e a troca de mensagens mantêm aquecido o vínculo criado. Muitas vezes, a rotina atribulada de cada instituição não permite encontros frequentes. Mesmo assim, muito pode ser feito se as equipes estiverem afinadas, compartilhando os mesmos valores e objetivos.*
- *A existência de um diálogo respeitoso e produtivo entre as instituições. Dialogar com a escola não significa atuar da mesma forma. Ao focarem a mesma meta, as instituições podem oferecer às crianças e adolescentes desafios diferenciados de aprendizagem e apresentar uma visão de mundo mais integrada e harmônica.*
- *A forma inovadora do reforço escolar. A escolha de atividades lúdicas e criativas para melhorar a compreensão dos conteúdos programáticos favorece o desenvolvimento do pensamento crítico da criança e do adolescente e o aprimoramento de competências cognitivas.*
- *A valorização do território. O trabalho sobre o entorno — seja o bairro, a região ou a cidade — favorece a relação das crianças e adolescentes com o lugar onde moram, com sua história e de sua família. Os jovens passam a valorizar conhecimentos, fatos e pessoas, ampliam seus horizontes sobre as potencialidades desses espaços e se tornam protagonistas do universo cultural existente. Isso melhora o cuidado com os espaços públicos, valoriza a família e possibilita que as crianças tenham uma relação positiva com suas origens.*



ESCOLA E OSC JUNTAS PELA CIDADANIA³²

ADEIS E ESCOLA DOM ADALBERTO MARZZI MANAUS/AM

ESCOLA MUNICIPAL DOM ADALBERTO MARZZI

650 alunos no Ensino
Fundamental I e na EJA

Equipe gestora e administrativa:
cinco pessoas

Educadores: 12 professores

Oferece Mais Educação e, em
2014, introduziu o projeto
Clube da Leitura

ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO E SUSTENTÁVEL (ADEIS)

45 crianças e 170 adolescentes nas faixas de 8 a 12 e de
12 a 18 anos (em 2014)

Equipe gestora e de educadores: quatro pessoas

Atividades em 2014: formação de educadores, oficinas
pedagógicas e lúdicas com as crianças, oficinas
temáticas com os adolescentes nas escolas, campanhas
educativas, encontros com as famílias, visitas
domiciliares. Também atua em conselhos e fóruns.
site www.adeis.org.br



A Associação para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável (Adeis) atua em Manaus desde 2002. Tendo como missão a inclusão social, econômica e cultural, o público infantojuvenil é apenas uma de suas linhas de ação.

Na capital amazonense, a Adeis trabalha em uma região bastante populosa, com graves problemas de infraestrutura, além de poucas opções de lazer e cultura. Por essa razão, um projeto que estimula a participação dos jovens e oferece novos horizontes culturais é muito bem-vindo.

O Programa Protagonismo Infantojuvenil (Projul) é desenvolvido nas comunidades parceiras da Adeis com duas faixas etárias, de 8 a 12 anos e de 12 a 18 anos. Em oficinas socioeducativas, o projeto trabalha as questões relacionadas à adolescência e à juventude, como direitos, participação comunitária, sexualidade, drogas e projetos de vida. O intuito é despertar os participantes para a cidadania e para o protagonismo juvenil, ampliando a sua inserção social.

³² Texto escrito com a colaboração de Luceny Freire.

Luceny Freire, presidente da Adeis, explica como esse trabalho foi feito com uma turma de crianças menores. A questão da violência doméstica foi trabalhada por meio de histórias. Depois, o grupo escolheu o teatro para representar o que tinha aprendido. A apresentação foi feita na casa de uma das crianças, com a presença dos vizinhos. Em seguida, foram debatidas formas de encaminhar a questão e os participantes se interessaram em conhecer o trabalho de instituições de defesa de direitos.

A equipe técnica da Adeis vai mensalmente às escolas para acompanhar o desenvolvimento das crianças e adolescentes participantes do projeto. As reuniões permitem identificar como é melhor atuar em cada caso. A equipe da OSC leva aos professores informações sobre as visitas domiciliares e o contexto familiar que encontram.

Nas escolas mais abertas ao diálogo, as reuniões com professores foram gradativamente se enriquecendo. A OSC trazia dados sobre a comunidade e sobre o trabalho realizado por outros equipamentos, como saúde e assistência social. A partir das informações que recebe, a escola pode adotar novas atitudes. Assim, por exemplo, um aluno que faltava porque não conseguia ir à escola vestido adequadamente recebeu a doação de roupas e sapatos. E teve apoio do professor para participar do reforço escolar. Cada caso é pensado e soluções são criadas em conjunto.

Bimestralmente, a Associação propõe uma roda de conversa com professores, pais



Pablo Pinheiro/
Estúdio P

e mães, tanto das crianças do projeto, quanto de outras crianças da escola. Nessas reuniões, o enfoque principal é como a cidadania e os direitos estão sendo vivenciados pela comunidade.

Os temas são escolhidos a partir das visitas domiciliares, quando a equipe da OSC identifica os assuntos mais relevantes a serem discutidos nas rodas de conversa. Em um dos encontros, por exemplo, os representantes do Conselho Tutelar foram convidados a falar sobre seu trabalho. Desse modo, as famílias tomaram consciência do papel do Conselho no território.

Atualmente, um desafio que se coloca para as OSCs é a sua capacidade de exercer protagonismo, vinculado à defesa de direitos e ao

interesse público na sociedade. Maior desafio ainda é desempenhar esse protagonismo em sintonia com o projeto político pedagógico da escola. Por isso, projetos como os da Adeis têm um papel importante a cumprir.

O resultado é bastante visível para ambas as instituições. Os adolescentes têm participação ativa – direta ou indireta – nas associações e conselhos comunitários. Segundo dados da OSC, cerca de 80% dos participantes são capazes de identificar as diferentes formas de violência e conhecem seus direitos. A grande maioria dos pais acompanha as atividades dos filhos.

Quando a escola e a organização social se unem na defesa dos direitos das crianças e adolescentes, elas podem mais.



A experiência da Adeis mostra como o envolvimento das famílias e crianças em determinada questão contribui para integrá-las a outros equipamentos e serviços. Dessa forma, vão consolidando a rede de proteção social e garantindo o exercício pleno dos direitos estabelecidos pelo ECA.

Esse é um ponto fundamental na educação de crianças e adolescentes, uma vez que a vulnerabilidade também se caracteriza pela falta de acesso – por desinformação ou desconhecimento – a equipamentos sociais.

Pontos de destaque da parceria:

- *O enfoque na cidadania e nos direitos. Em locais onde a proteção social não chega, essa questão ainda é muito importante. Existem experiências e oficinas em sites de OSCs que se dedicam a esse tema. Confira na bibliografia ao final da publicação.*
- *A correta limitação do campo de ação. Uma parceria pode trabalhar somente uma questão, como aqui a proteção social e a cidadania. Pode também atuar em apenas determinada área (turismo, artes, ciências) com grande sucesso.*
- *A união de proteção social e educação. Quando a escola e a OSC discutem juntas questões da área de assistência social e da saúde, agregam um novo olhar para o desenvolvimento da criança, do adolescente e da família. A maior flexibilidade das OSCs e sua grande circulação no território contribuem para que ela identifique serviços e equipamentos que podem ser compartilhados com a equipe escolar.*
- *A escolha de uma questão relevante para a comunidade. Ao definir a violência como tema para o trabalho conjunto, escola e OSC contribuem para identificar situações reais na comunidade e encaminhá-las para atendimento. Por outro lado, de modo preventivo, discutir a questão dos direitos na OSC e na escola fortalece o protagonismo e a participação das crianças.*



*Quando a escola e a
organização social se
unem na defesa dos
direitos das crianças
e adolescentes, elas
podem mais*

UMA PARCERIA EM REGIÃO DE FRONTEIRA³³

MOINHO CULTURAL E ESCOLAS DE CORUMBÁ E LADÁRIO CORUMBÁ/MS

ESCOLA ESTADUAL DOM BOSCO (EM CORUMBÁ³⁴)

2.148 alunos da Educação Infantil até o Ensino Médio

Equipe gestora e administrativa: oito pessoas

Educadores: 96 professores

Oferece *Projeto Seguindo em Frente, Jovem Conductor* e curso pré-vestibular. Integra a proposta do Ensino Médio Inovador

escoladombosco1@ibest.com.br

Secretaria Municipal de Educação
(em Ladário)

Parceria com 11 escolas, especialmente as da periferia do município. Total de alunos do Ensino Fundamental: 2.385 e 206 na EJA

INSTITUTO MOINHO CULTURAL SUL-AMERICANO

390 crianças e adolescentes de 6 a 18 anos, de Corumbá, Ladário e das cidades bolivianas de Puerto Suárez e Puerto Quijarro.

Equipe gestora e conselhos consultivo e deliberativo: 11 pessoas

Equipe administrativa: 26 pessoas

Educadores sociais: 28 educadores

Voluntários cadastrados: 80 pessoas

Atividades: dança (balé clássico, dança contemporânea, dança regional); história da arte; música (musicalização, MPB, música regional, coral e prática de instrumentos: teclado, cordas, metais e percussão); apoio escolar, educação ambiental, educação patrimonial, informática e idiomas.

<http://www.moinhocultural.org.br>



Corumbá é a maior cidade pantaneira do estado de Mato Grosso do Sul e carrega em sua história as marcas da Guerra do Paraguai. Possui cerca de 110 mil habitantes e está localizada na fronteira com a Bolívia. Corumbá é conhecida por sua diversidade, resultado das influências culturais sul-americanas (paraguaias, argentinas, uruguaias, bolivianas) e indígenas. E também por sua música e culinária. Essa aproximação geográfica com o país vizinho constrói um cenário multicultural, onde atua o Instituto Moinho Cultural Sul-Americano.

A OSC está instalada no antigo Moinho Mato-Grossense, edifício pertencente ao Patrimônio Histórico e Cultural de Corumbá. Em um bairro de alta vulnerabilidade

³³ Texto escrito com a colaboração de Lone Garcia Altieri.

³⁴ Os centros dos municípios de Ladário e Corumbá distam apenas 6 km entre si. Juntos, Corumbá e Ladário somam 120.817 habitantes.



Marco Antônio
Correa Calabrita

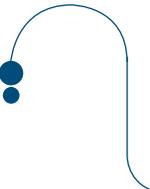
social, a escolha da sede foi estratégica, pois fica próxima ao ponto de prostituição do cais do porto, que é também um dos maiores locais de tráfico de drogas do município. É nesse porto que atracam tanto os pescadores artesanais, como barcos-hotéis para o turismo de pesca. Em meio a essa realidade, a organização é muito respeitada pelos moradores.

O principal objetivo do Moinho é promover a inclusão e integração social de crianças e adolescentes brasileiros e bolivianos. Meninos e meninas que têm em comum a vulnerabilidade social e econômica típica da região de fronteira. A proposta é que as duas culturas se relacionem e que os participantes convivam com as diferenças de forma saudável.

Marcia Rolon, idealizadora do Moinho Cultural, começou a parceria, trazendo a experiência da escola para dentro do projeto:

"Pensávamos em fazer um projeto social que trabalhasse a formação integral das crianças. Então, não ficamos só com dança. Entraram a música, a orquestra... As crianças que ingressassem aqui deveriam experimentar a arte como um todo. Como elas passariam as 20 horas do contraturno escolar, pensamos na importância da relação com a escola. Isso foi muito importante: escutamos bastante as escolas. E conseguimos a cedência de dois profissionais, depois quatro e depois cinco e depois voltou para dois. Eles vieram para trabalhar com apoio escolar, que era muito importante para nós e fez uma ligação muito boa com as escolas."

A parceria com a escola, hoje sob direção de Maria Clarice Servion, começou pela cessão de professores para atuar na OSC. À medida que a escola reconhecia que as práticas culturais oferecidas pelo Moinho se somavam às suas práticas pedagógicas, teve início um processo contínuo de formação.



O Moinho se relaciona com as secretarias de educação de Corumbá e de Ladário e das cidades bolivianas próximas. Maria Angélica Jesus T. Amorim, quando diretora da escola Dom Bosco, de Corumbá, em 2013, revelou o ótimo entrosamento com a OSC:

“Sentimos uma grande diferença nos alunos que participam do Moinho, tanto na questão da disciplina como na aprendizagem. Fazemos reuniões constantes para falar sobre nossas crianças. As crianças e adolescentes que frequentam o projeto nos ajudam muito aqui na escola. Eles montam coreografias para nossos alunos, desfiles e são bem proativos, cooperando com vários eventos culturais. Como a organização não tem como absorver todas as nossas crianças e adolescentes, pois tem que dividir as vagas com outras escolas e localidades, os que ainda não estão lá também se sentem um pouco participantes. Nossas crianças amam a instituição.”

O que chama atenção no Moinho Cultural é a variedade de oficinas e a grande circulação de crianças, adolescentes e famílias no espaço. Isso mostra a importância do projeto para a comunidade.

Inicialmente, as crianças ingressam no núcleo comum, com aulas de dança e música. Essas atividades desenvolvem a consciência corporal, a sensibilização e a percepção. Ao longo do tempo, as crianças e adolescentes vão ganhando grande autonomia no uso do espaço e dos equipamentos, e também em relação às atividades das quais querem participar.

A instituição também se destaca por potencializar um traço cultural da cidade, que é a presença da música e da dança. Ao trazer essas linguagens para dentro do Moinho, abriu-se um espaço de expressão de que a população já gostava, mas ao qual não tinha acesso. Além disso, no Mato Grosso do Sul, região de cultura tradicional e conservadora, a dança era carregada de preconceitos. Hoje, já é possível observar meninos e meninas dançando igualmente.

A parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul garante seis estagiárias dos cursos de Psicologia, Educação Física e Serviço Social. A educadora e professora de teatro Sônia Ruas realiza mensalmente, junto com as estagiárias, reuniões com mães e pais que têm alguma habilidade, seja esportiva ou artística.

A proposta é que as duas culturas se relacionem e que os participantes convivam com as diferenças de forma saudável

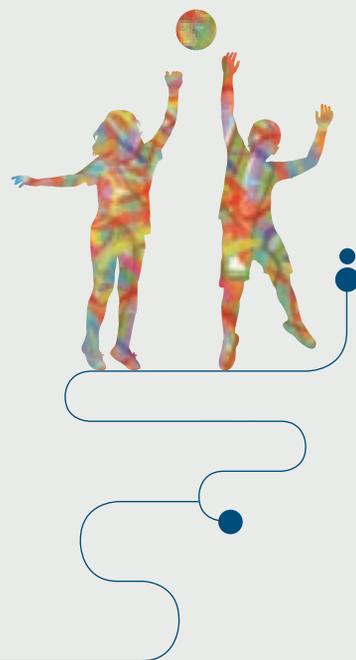
Daí, são planejadas as atividades das sextas-feiras, chamadas de “Ilhas Culturais”. As pessoas da comunidade aportam seus saberes em uma troca muito saudável.

“As mães que são cabeleireiras ou manicures ensinam as adolescentes como fazer o cabelo, fazer coque, fazer unhas... Pais que jogam futebol e vôlei são incentivados a vir jogar às sextas-feiras. É chamada de ‘ilha’ porque são várias atividades acontecendo ao mesmo tempo, e as crianças escolhem de quais querem participar”.

Nesses dias também acontecem aulas interativas: pais e professores participam de uma atividade igual à oferecida às crianças e adolescentes. A intenção é que eles se integrem ao trabalho desenvolvido. Segundo a gestora educacional Mônica Barbosa Macedo “é o momento em que pais e filhos passam a compreender que todas as coisas têm regras”.



Marco Antônio
Correa Calabina



As estratégias de parceria criadas pelo Moinho Cultural e pelas escolas são amplas e consideram as especificidades desse território, marcado pela diversidade cultural de fronteira. Essa especificidade colabora com a troca de experiências entre professores da escola e profissionais da OSC, construindo uma ponte entre os diferentes saberes. Assim, a pedido da escola, o Moinho já ofereceu workshop de dança e música para os professores. O objetivo é compartilhar estratégias educativas que contribuam para que a aprendizagem ocorra de outra forma.

De seu lado, o Moinho também convida professores para falarem sobre temas importantes para os adolescentes, como sexualidade, higiene e saúde. Os docentes também apresentam seus projetos no dia da Ilha Cultural. Além disso, todo ano, há uma reunião de planejamento envolvendo o Moinho e os educadores das escolas parceiras.

O Moinho conta ainda com a presença de Geovana Ortiz, que exerce o papel de professora comunitária. Ela também é responsável pelo contato com a Secretaria de Cultura de Puerto Suárez, parceira da OSC na Bolívia.

O trabalho do Instituto inspirou uma política pública de Ladário, o Projeto “Semear”. Os alunos recebem formação em música, dança, xadrez, além de aulas de natação, atendendo a uma demanda de mais de 1.300 crianças e adolescentes em 2015. A secret ria municipal de educa o Maria Eulina Rocha dos Santos explica:

“Aprendemos muito com o Moinho e nossa parceria   ótima. Os alunos do nosso município, quando saem do Instituto j  têm trabalho conosco, como monitores do projeto Semear. Muitos deles já estão cursando a universidade. Nesta semana, entramos com um projeto de lei na Câmara Municipal de Ladário para que o nosso projeto seja considerado oficialmente um programa municipal”.

Para a constru o de uma Educa o Integral, são necessárias estratégias educacionais que dialoguem com o território. Nesse caso, o Moinho Cultural encorajou a escola e a comunidade a estabelecerem uma nova rela o. E criou espaços para que os diferentes saberes fossem compartilhados.

Pontos de destaque da parceria:

- *O reconhecimento da diversidade cultural da região. Por estarem em uma área de fronteira, escolas e OSC convivem e atendem crianças de duas nacionalidades. O reforço e a valoriza o dessa diversidade cultural favorecem a amplia o dos conhecimentos, da visão de mundo e da tolerância e respeito ao diferente.*
- *A contribui o para o desenvolvimento social da região, ao oferecer qualifica o profissional na dança, na música e em outras áreas.*
- *A valoriza o dos saberes da comunidade. As Ilhas Culturais estimulam que pais e professores compartilhem suas experiências e conhecimentos.*

O RESGATE DA HISTÓRIA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL³⁵

HERDEIROS DO FUTURO E COLÉGIO SANTA TEREZINHA CURITIBANOS/SC

COLÉGIO ESTADUAL SANTA TEREZINHA

1.300 alunos no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no curso de Magistério

Equipe gestora e administrativa: três pessoas

Educadores: 68 professores

Projetos: coral, grêmio escolar, fanfarra e projetos pedagógicos

ASSOCIAÇÃO DE VOLUNTÁRIOS HERDEIROS DO FUTURO

100 crianças e adolescentes, sendo que 30% são alunos de outras escolas

Equipe gestora e administrativa: quatro da OSC e três apoiados pela parceria

Educadores sociais: 10 professores e oficinas

Atividades: oficinas de arte (dança e música), educação (letramento, informática e jogos educativos), cultura e cidadania (resgate histórico), e cursos para as famílias e comunidade

<http://ongherdeirosfuturo.blogspot.com.br>



Curitibanos é um município de Santa Catarina com cerca de 40 mil habitantes. Fica a aproximadamente 300 km da capital e foi palco de uma história de violência, devido à Guerra do Contestado³⁶. O enfrentamento aconteceu no início do século XX, mas a memória histórica perdura até hoje.

A luta do povo do campo pela justiça social, desde aquela época, tem sido um grande catalisador do trabalho conjunto entre escolas e OSC. Na região, ocorrem constantes conflitos sociais. Os bairros periféricos³⁷ têm diversos problemas de infraestrutura: transporte, tratamento de água e saneamento básico, energia elétrica, saúde e segurança.

³⁵ Texto escrito com a colaboração de Mariza Brandão Esteffanio.

³⁶ A **Guerra do Contestado** foi um conflito armado entre a população local e os representantes dos poderes estadual e federal. Expulsos de suas terras, os colonos do Contestado resistiram por quase quatro anos. A guerra deixou milhares de mortos e desaparecidos.

³⁷ São Francisco, Getúlio Vargas, Bom Jesus, São José, Santo Antônio e São Luís. No perímetro rural do município há oito assentamentos conquistados por movimentos sociais e dois deles são reassentamentos, de onde as famílias foram expulsas para darem lugar à construção de barragens. As famílias lutaram judicialmente e conseguiram suas terras de volta.

É nesse cenário que atua a Associação de Voluntários Herdeiros do Futuro, atendendo, com poucos recursos financeiros, cerca de 100 crianças dos bairros mais pobres. A OSC mantém uma relação próxima com as famílias e uma sólida parceria com as escolas locais, principalmente com o Colégio Santa Terezinha, mais próximo de sua sede.

Giovana Kruker, coordenadora da OSC, explica que as ações visam não só o sucesso na escola, mas também as relações sociais e familiares. A Associação organiza um conjunto de atividades atrativas, nas quais as crianças e adolescentes constroem seus saberes e desenvolvem ações em diversas áreas do conhecimento.

Os participantes encontram outras formas de aprendizagem na OSC e realizam “mostras” no espaço escolar. Em 2014, dois projetos da escola, o Mais Educação e o Programa Estadual de Novas Oportunidades de Aprendizagem, passaram a acontecer na sede da Associação.

O diretor Fabio Fogaça, professores e funcionários da escola participam de reuniões de planejamento da OSC. O processo envolve também as famílias. Com isso, juntos programam atividades socioeducativas e oficinas artísticas. Um dos resultados é o trabalho coeso que gera forte vínculo entre os profissionais das duas instituições e entre estes e os adolescentes. Giovana Kruker, coordenadora da OSC, conta:

“Tivemos muitos ganhos com a parceria e um deles é o momento inédito de planejamento com a equipe escolar. A partir daí, definimos uma série de atividades, como formação de professores, cursos para pais, e elaboramos novos projetos. Também surgiram novos desafios: gerenciar melhor o tempo, propor novas metodologias e incluir a avaliação conjunta dos resultados.”

Os participantes encontram outras formas de aprendizagem na OSC



O apoio ao Grêmio Estudantil é outra ação conjunta da escola e da OSC. O Grêmio envolve toda a escola, até os mais novos e as reuniões entre os alunos acontecem no espaço da Associação.

O combate à violência contra crianças e adolescentes é uma das bandeiras de ambas as instituições. A equipe gestora da escola encaminha os alunos em situação de vulnerabilidade para a OSC. Há também orientação das famílias quanto aos direitos básicos que envolvem participação comunitária.

O projeto de combate à violência é articulador da comunidade. Vários moradores participam de políticas de desenvolvimento social, de conselhos de direitos e são ligados a outras organizações sociais e trabalhos em rede.

As crianças e adolescentes participam de uma oficina na Câmara Municipal da cidade. Lá, entrevistam os vereadores, para compreender o trabalho dos políticos e o papel de cada um dos poderes. Depois, os alunos também elaboram projetos de lei e os defendem junto aos vereadores.

Às vezes é preciso realizar ações pontuais de grande valia. A escola já se mobilizou para angariar materiais, como régua, lápis e papel, e repassar à OSC. Agora, a escola planeja uma nova campanha para conseguir mão de obra e materiais para a construção de uma sede da Associação.

O diretor do Colégio Santa Terezinha, Fábio Fogaça, demonstra satisfação com a parceria e aponta algumas estratégias-chave para que ela dê certo:

“Nossa parceria vai muito bem... Depois da construção coletiva do plano, estamos ainda mais convictos de que as nossas ações podem causar mudanças nas crianças e adolescentes e produzir aprendizagens significativas. Nem sempre é fácil transpor as barreiras, mas com paciência tudo se supera. Debatemos muito para a tomada de decisões e buscamos soluções em conjunto. Isso está nos aproximando e nos fortalecendo, na busca da realidade que sonhamos”.

Na perspectiva de conhecer e se apropriar do território, as crianças e os adolescentes participam de passeios pelos pontos históricos da cidade. São acompanhados



Elemer Otmar
Finger

por historiadores e voluntários idosos. Estes contam histórias da Guerra do Contestado e de outras lutas populares, falam sobre os tropeiros ainda vivos, etc. Assim, a memória dos lutadores da terra é resgatada por registros e relatos orais e se valoriza o patrimônio cultural da região. Por isso, o nome do projeto é Herdeiros da terra.

Todo esse trabalho faz com que as crianças e os adolescentes valorizem sua história, compreendam as razões do desmatamento de suas terras e questionem as relações de poder. Mas, sobretudo, permite que sonhem com um mundo mais justo, respeitando os

antepassados e o lugar onde habitam. Do trabalho integrado dessas duas instituições, surge um adolescente protagonista, participativo, questionador, fazendo a diferença na sua comunidade.

Pontos de destaque da parceria:

- *A coerência e consistência do trabalho realizado entre escola, OSC e famílias.*
- *O reconhecimento da história e da geografia locais e a valorização do próprio patrimônio cultural. Isso permite um precioso trabalho educativo.*
- *O destaque às trocas entre as gerações. Ao resgatar a história do Contestado, a partir do relato dos mais velhos o projeto privilegia a partilha de valores, o respeito mútuo, a valorização da própria história e da cultura local.*
- *A articulação de grupos e a mobilização comunitária para garantir os direitos humanos, sociais e políticos.*
- *A integração da equipe da escola no planejamento da OSC. A relação inovadora permite também que a OSC acompanhe o projeto pedagógico da escola.*
- *O apoio dado pela escola e pela OSC ao Grêmio Escolar. Isso estimula nas crianças e adolescentes o protagonismo e o exercício da cidadania.*



Pensar e compreender É DO CHÃO QUE BROTA A PARTILHA

Dirce Koga³⁸

Normalmente, as políticas públicas atuam nos territórios partindo de um plano global, sem prever as particularidades de cada território. Pensar hoje sobre o desafio de uma Educação Integral e integrada exige deslocar o planejamento e a operação dos serviços e programas, indo do chão para a instituição. A perspectiva de integralidade e de integração das ações devem envolver unidade de propósitos dos agentes e, ao mesmo tempo, respeito à diversidade do local de intervenção.

O desafio que se coloca é justamente na articulação entre os grandes objetivos e diretrizes e as diversidades territoriais. Os programas são propostos de forma geral para o país e não levam em conta as diferenças sociais, culturais e econômicas presentes em cada uma das 5.570 cidades brasileiras.

Nos territórios de difícil acesso os serviços públicos inexistem, seja pela precariedade de estradas, seja pela configuração geográfica, formada por rios, florestas, regiões de fronteira. São os territórios invisíveis das políticas públicas. São lugares e pessoas que simplesmente não existem para o restante do país, dos seus estados e de suas próprias cidades.

Esse modo de planejar e operacionalizar as políticas públicas de “costas para o chão” tem se traduzido em lacunas de presença e acesso aos serviços básicos de proteção social. Digo presença e acesso, porque já se percebe que a simples existência de um equipamento (creche, escola, posto de saúde ou CRAS) não é suficiente para se dizer que o serviço é realizado.

O BRASIL QUE NÃO SE CONHECE

Podemos citar equipamentos em áreas rurais ou nas periferias das grandes cidades, em que é comum a falta de profissionais. É o médico que não aparece no dia marcado, o professor que não é substituído quando se licencia, a equipe social que não pode atender as famílias porque está em reunião.

³⁸ Assistente social e professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social da PUC/SP e do Programa de Mestrado em Políticas Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul.



Estes e outros inúmeros exemplos poderiam ser citados para se concluir o quanto ainda a cobertura dos serviços públicos em nossas cidades está aquém das demandas das populações que nelas residem. É preciso dizer ainda que nossos municípios são muito diferentes e desiguais entre si. As disparidades estão no tamanho da população, na dimensão territorial, nas características socioculturais e no desenvolvimento econômico.

Há mulheres que precisam viajar um dia inteiro para ir ao centro

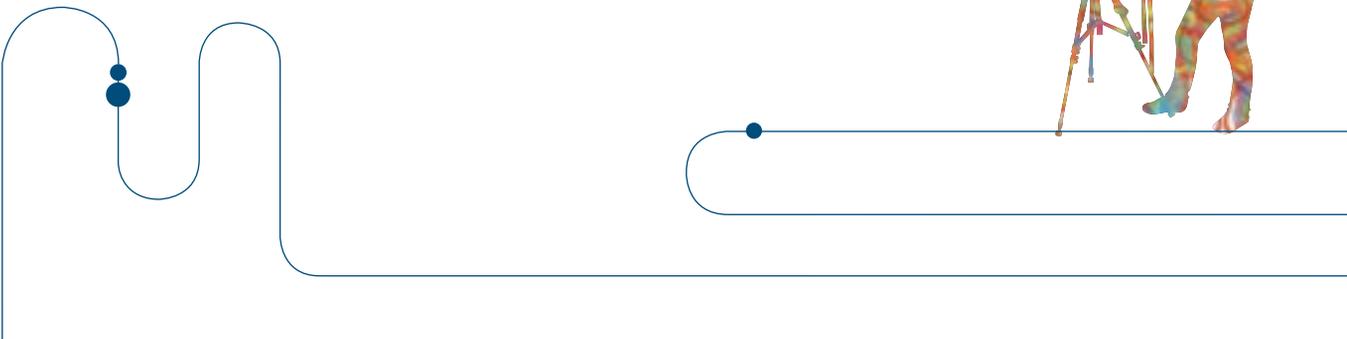
Toda essa diversidade não tem sido devidamente considerada nos projetos tanto públicos, quanto não governamentais. Há muitos anos, a cantora Elis Regina já entoava “o Brasil não conhece o Brasil”. Tudo indica que essa realidade permanece.

Trata-se de um (des)conhecimento presente, inclusive, nos currículos de nossas escolas. Estuda-se a geografia e a história do mundo, mas não se estuda os rios e estradas que cortam a cidade onde está a escola; não se sabe a história e a cultura do lugar. Esse conhecimento não foi valorizado e talvez sequer registrado. Na maior metrópole brasileira, a cidade de São Paulo (mais de 11 milhões de habitantes), as próprias subprefeituras (32 no total) não têm acervos com as histórias dos bairros que as compõem.

CORUMBÁ, UM EXEMPLO DA DESIGUALDADE E PARTILHA

A cidade de Corumbá, na fronteira entre o Mato Grosso do Sul e a Bolívia figura como exemplo de diversidade e desigualdade. Nela, há comunidades ribeirinhas onde se chega somente de barco. Há mulheres que precisam viajar um dia inteiro para ir ao centro para receber a Bolsa Família. Poderíamos ainda lembrar dos idosos que enfrentam a mesma dificuldade para receber a aposentadoria ou o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

É no centro das cidades ou nas áreas mais urbanizadas que se concentram os serviços básicos. Permanece a lógica “sedentária” de fixar os serviços de atendimento à população.



Os serviços de barco com equipes de saúde já existem em algumas cidades e começam a fazer parte também das equipes volantes de CRAS. Porém, o tamanho e a qualidade dos barcos também variam. As exigências de manutenção são constantes e muitas vezes esbarram na burocracia das prefeituras. Isso acaba comprometendo a regularidade das visitas das equipes nos territórios ribeirinhos.

Em Corumbá também vamos encontrar as áreas rurais, que coincidem com as fronteiras secas com a Bolívia. As escolas rurais têm se constituído na presença mais forte nessas regiões fronteiriças. Também é nas dependências da escola que ocorrem reuniões e entrevistas com famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família. Nessas ocasiões, as equipes do CRAS Rural saem de suas casas bem cedo e, muitas vezes, dependem da carona do ônibus escolar para chegar à escola e realizar o atendimento.

É de forma partilhada que os serviços ocorrem nesse território e quiçá em tantos outros cantos do país. Se, por um lado, tal compartilhamento ocorre pela proximidade entre os trabalhadores dos serviços, por outro, também revela as condições precárias em que atuam essas equipes.

O compromisso social desses profissionais é o ingrediente fundamental para que os direitos sociais sejam alcançados pelos cidadãos, sejam brasileiros ou bolivianos. Um bom exemplo é a ação realizada pelo Moinho Cultural. Trata-se de um trabalho de integração das crianças e adolescentes brasileiros e bolivianos, respeitando suas culturas. É do chão que brota a partilha.

FAZER ACONTECER A PROTEÇÃO SOCIAL

Nesse campo, mais uma vez se faz sentir a ausência de um sentido territorial com base na vivência cotidiana dos moradores e dos agentes institucionais. Os serviços, programas e projetos atuam em uma lógica de território político-administrativo, cujos limites são determinados pela força da lei, dos mapas e documentos oficiais. Não são levadas em conta as experiências locais e as relações sociais construídas em torno dos lugares, onde se vive, por onde se circula no cotidiano da vida.

Em Corumbá, como em outras regiões fronteiriças, encontram-se situações de enorme desproteção social. São crianças em idade escolar sem escola, tráfico de seres humanos (crianças, adolescentes, mulheres, pessoas doentes), exploração sexual e do trabalho infantil. Diante dessa situação, os professores da escola rural, as equipes de saúde ou as equipes volantes de CRAS não podem ficar esperando a regulamentação dos protocolos de atendimento. Esses trabalhadores tratam de fazer acontecer a proteção social, seja para os brasileiros, seja para as pessoas de outra nacionalidade.

A CAPILARIDADE DOS EQUIPAMENTOS ESCOLARES

Nas cidades brasileiras, a escola, seja pública, privada ou gerida por organizações sociais conveniadas, é o serviço público mais presente nos territórios intraurbanos. Trata-se de um campo complexo de agentes institucionais que se encontram espalhados pelos territórios (e também virtualmente de forma

cada vez mais contundente), desenvolvendo, cada qual, seus serviços em torno da política de educação.

Sem dúvida, essa capilaridade de profissionais e equipamentos termina criando referências importantes nos locais em que se encontram. O papel da escola vai além da função pedagógica. São salas que se transformam em seções eleitorais, pátios e quadras que se tornam abrigos para famílias inteiras, vítimas de catástrofes. Ou mesmo espaço que acolhe eventos culturais, esportivos e de lazer, envolvendo a cidade ou o bairro como um todo.

Em contrapartida, é cada vez mais necessário que cada agente, incluindo escolas e organizações sociais, estabeleça vínculos com o território. O plano de trabalho deve contemplar a interpretação do lugar, reconhecendo a geografia, a história, a cultura e a dinâmica cotidiana que se constroem para além dos muros institucionais.

Nesse sentido, uma Educação Integral e integrada à comunidade é resultado dos vínculos construídos pelos educadores com o território em que atuam. Trata-se de uma vinculação que ultrapassa a dimensão administrativa. É essencialmente pautada pelo cotidiano das relações com o lugar, ou seja, o território de vivência. Como sinalizava o geógrafo Milton Santos,

“O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.” (Santos, 1999: p.8)³⁹.

Significa romper com a lógica institucionalizada da educação. Isso exige o deslocamento de perspectiva para vivências do território. São as histórias e trajetórias individuais e coletivas desses lugares, das famílias e dos múltiplos outros sujeitos locais, trazidas pelos participantes da própria escola.

Trata-se, enfim, de ter o chão como ponto de partida e não a institucionalidade das políticas públicas. É do chão que nasce a partilha... para a construção da tão sonhada Educação Integral e integrada ao território.



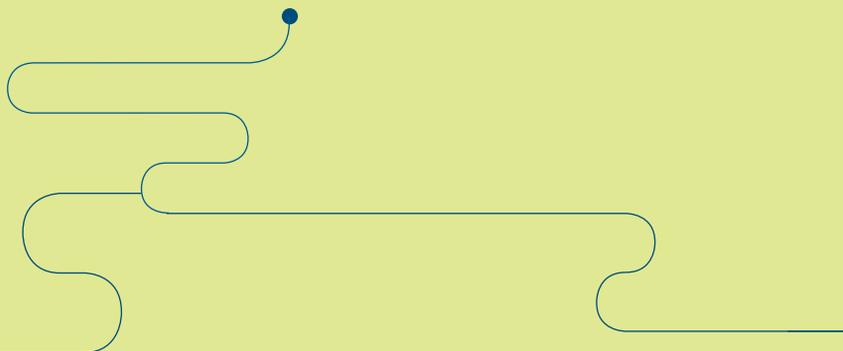
Elmer Otmar
Finger

³⁹ SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. Geographia – Ano 1 – Nº 1 – 1999. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/2/2>

Dicas

Dicas para a escola

- Tenha claro que a escola deve ser um espaço de convivência social. Nela, as crianças e adolescentes devem se ver em relação aos seus pares, e perceber a diversidade cultural e social como um lugar de diálogo. Assim, serão capazes de exercitar a sociabilidade.
- Enriqueça o currículo. Procure identificar novas habilidades e competências, desenvolvidas em outros espaços educativos aos quais os alunos têm acesso ao longo da vida.
- Promova reuniões com a equipe gestora e educadora das OSCs para que elas conheçam suas preocupações em relação ao desenvolvimento das crianças e jovens. A escola ocupa grande parte do cotidiano dos alunos e, por essa razão, quanto mais próxima dos projetos de vida deles, mais significativo esse espaço será.
- Ajude a mudar a imagem da escola, caso ela seja negativa. Convide as crianças para ajudar nessa tarefa. Identifique suas potências e valorize-as. Tenha a OSC como parceira para reforçar os projetos da escola. Algumas características das OSCs podem ser incorporadas pela escola.
- Vale a pena observar como as OSCs:
 - provocam intervenções inovadoras;
 - trazem uma boa dose de idealismo e, por isso, mobilizam causas;
 - encorajam novas experiências;
 - oferecem novos espaços para atividades;
 - abrem-se para o entorno.



Dicas para a OSC

- Esteja em sintonia com o calendário escolar. Ele é elaborado com muita antecedência e segue a legislação municipal ou estadual.
- Procure criar estratégias de responsabilização pelas ações. O projeto proposto deve fazer sentido para todos!
- Convide as escolas parceiras para apresentar a elas a equipe de profissionais da OSC. Chame um representante de cada escola do entorno. Isso certamente irá favorecer uma rica troca de experiências.
- Tente saber onde os profissionais das escolas parceiras buscam aprimoramento e atualização para novas práticas. Muitas redes de ensino são bastante ativas na oferta de cursos de formação para profissionais da educação. Compartilhe desses saberes.
- Vale a pena observar como as escolas:
 - elaboram e acompanham seus planejamentos;
 - definem seus objetivos e metas;
 - avaliam os resultados obtidos;
 - organizam o tempo de trabalho.



Biblioteca José Kleber

As crianças e adolescentes devem perceber a diversidade cultural e social como um lugar de diálogo

Agora é com você!

Um dos principais alicerces de uma parceria é o compartilhamento de objetivos e valores. Trabalhar para o mesmo fim não significa perder a própria identidade. Ao contrário, o trabalho se fortalece e tem maior impacto quando as organizações parceiras somam suas habilidades e competências.

Vamos exercitar esse tema?

Oficina 5 Construindo um memorial da sua instituição: pretende resgatar a história da organização, para que seja apropriada por todos que nela trabalham. Assim, essa história poderá ser transmitida aos pais, às crianças e adolescentes, aos parceiros e à comunidade.

Oficina 6 Cardápio de ideias: dicas de como aproximar as atividades oferecidas pela sua instituição daquelas que o parceiro oferece. A ideia é identificar suas atividades, registrá-las como um cardápio e apresentá-las ao parceiro. E, a partir desse cardápio, elaborar ações ou projetos em conjunto.

Oficina 7 Todos juntos somos fortes: parte da premissa de que um projeto não nasce grande. Esta oficina sugere que os parceiros exercitem conjuntamente uma ação, identificando como cada instituição pode contribuir. A atividade deve envolver questões importantes para as crianças ou adolescentes.

Oficina 8 A comunicação como um espaço de encontro: reflexão sobre o papel da comunicação para que seu trabalho seja difundido e reconhecido. A proposta é identificar veículos de comunicação utilizados pela sua instituição e pelo parceiro e buscar pontos de convergência, estreitando a parceria.

“A educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar de sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la.”
(Dowbor, 2006).

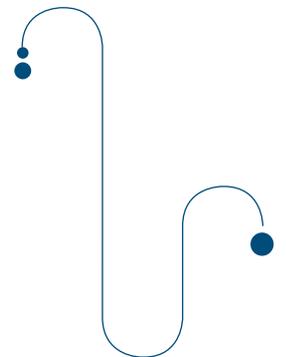
LISTA DE DICAS PARA OS ENCONTROS COM PARCEIROS

Ao organizar a oficina com seu parceiro:

- Prepare o ambiente de maneira acolhedora. Se possível, crie estímulos visuais (cartazes ou panos coloridos), auditivos (música de fundo). Chá e biscoitos sempre melhoram o contato.

- Apresente a sua equipe, dizendo os nomes, cargos e, eventualmente, as expectativas para aquele encontro. A apresentação pode ocupar um tempo da oficina ou encontro, mas é um tempo precioso. Ela abre espaço para a construção de vínculos no grupo e gera confiança mútua.

- Não se esqueça de compartilhar a proposta de trabalho do dia.



OFICINA 5 – CONSTRUINDO UM MEMORIAL DA SUA INSTITUIÇÃO⁴⁰

Esta oficina visa basicamente resgatar a história da sua instituição, a partir do olhar e da memória das pessoas que ali trabalham ou que habitam o território. À medida que seus profissionais se apropriam da trajetória da organização, melhor compreendem o presente, os valores e os modos com que ela opera.

Daí ficará muito mais fácil apresentar a OSC ou a escola quando for necessário. A atividade também pode fortalecer o vínculo com as instituições parceiras.

Proponha ao seu grupo de profissionais resgatar a história da instituição e, então, elaborar um material para ser apresentado aos parceiros. Pode ser um mural, um jornal, um livro ou outro suporte escrito.

O memorial é construído ao longo de vários encontros ou em um único momento. É interessante que o produto final da oficina seja apresentado num momento de confraternização.

Se a oficina for realizada na escola, é importante envolver o diretor, o coordenador, os professores e a equipe de apoio. Caso ocorra na OSC, envolva os técnicos, coordenadores, educadores e oficinairos. Essa oficina também pode ser adaptada para crianças e adolescentes. Para mais informações, consulte o link sugerido na nota de rodapé.

Organize a proposta:

- Verifique como conseguir mais dados sobre a instituição.
- Liste as sugestões da equipe num cartaz.
- Verifique a viabilidade de colher as informações.
- Procure garantir o depoimento de pessoas de diferentes idades e variadas funções.

⁴⁰ Baseada na oficina [http://educacaoeparticipacao.org.br/oficinas/memorial-da-ongescola/](http://educacaoeparticipacao.org.br/oficinas/memorial-da-ongescola/http://educacaoeparticipacao.org.br/oficinas/memorial-da-ongescola/)

É muito importante envolver as crianças e os adolescentes

Faça um plano de trabalho coletivo, organizando estratégias de levantamento dos dados:

- Defina quais profissionais e usuários da OSC/escola serão entrevistados.
- Descubra e relacione pessoas que estiveram vinculadas à OSC/escola em outros períodos, para darem seus depoimentos.
- Pergunte aos profissionais da OSC/escola e a familiares desses onde buscar eventuais registros sobre a instituição.

A seguir, mãos à obra.

Planeje o encontro e convide as pessoas que serão entrevistadas. Envie antecipadamente as perguntas para que elas se preparem. Convide também moradores antigos para colher seus depoimentos. Abra espaço para que eles digam os assuntos de que querem tratar. Peça fotos e reportagens que, eventualmente, tiverem. E combine o melhor local para o encontro. É muito importante envolver as crianças e os adolescentes nessa atividade. Eles irão aproveitar muito.

No dia do encontro, é preciso cuidar de todos os detalhes, formando pequenas comissões. Uma comissão para recebê-los, outra para registrar a entrevista (anotações, fotos e vídeos) e outra para recolher os materiais cedidos pelos convidados. E, finalmente, uma comissão para fazer os agradecimentos e a despedida.

A comissão responsável pelos materiais deve anotar, no verso, a lápis, o nome e o telefone do cedente, para posterior devolução. É muito importante cumprir o combinado, retornando todos os materiais em perfeito estado.

Num segundo momento, é a hora de montar o memorial.

É preciso organizá-lo e nessa tarefa todos devem ser envolvidos. A equipe que cuidou do evento e a que recolheu fotos e documentos trazidos pelos convidados socializam o material e discutem como apresentá-lo. Várias são as opções: exposição de fotos e de documentos, varal com uma linha do tempo, vídeo com trechos interessantes dos depoimentos, etc. Depois, é preciso pensar no evento de divulgação do material.

O memorial constitui uma estratégia de trabalho que aguça a curiosidade de todos e mobiliza o fazer coletivo. Permite às crianças, adolescentes, famílias e profissionais da instituição conhecer melhor sua história e entender por que ela assumiu as feições que tem hoje.



OFICINA 6 – CARDÁPIO DE IDEIAS

Outra maneira de aproximar a OSC e a escola é pensar um trabalho a partir das atividades já desenvolvidas por ambas. A proposta é que a OSC e a escola se reúnam para apresentar uma à outra o próprio “cardápio de atividades”. O encontro será mais produtivo quanto melhor for sua preparação.

Se você for da escola, reúna alguns professores e a equipe de gestão para revisitar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Observe quais metas e propostas estão previstas e veja se estão indicadas as metodologias ou atividades para se alcançar os objetivos, por exemplo:

- Quais projetos estão em andamento e a que disciplinas estão vinculados?
- Quais atividades extraclasse os alunos têm realizado ou ainda devem realizar?
- Está prevista alguma atividade coletiva, como festas, festivais, feiras?
- Há alguma proposta de intervenção na comunidade ou no espaço escolar?

Se você for da OSC, reúna seus profissionais para relacionar as atividades que já desenvolvem.

Uma sugestão é que ambas organizem o conteúdo sugerido num documento criativo e inovador. Criem um cardápio, como num restaurante, ou num folder de agência de



Marco Antônio
Correa Calabria

turismo.

Imagine que a instituição parceira vai “embarcar” numa viagem com sua instituição e precisa conhecer o que você tem a oferecer. Reserve um tempo para a elaboração desse documento. Ele deve ser consistente e esteticamente motivador.

Em seguida, marquem o encontro entre vocês. Se possível, convidem também representantes das organizações de saúde, cultura, esporte e assistência social do bairro. O convite deve ser para que todos reflitam sobre os desafios da região para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente.

No encontro, tanto a OSC como a escola apresentam seus cardápios para o grupo, mostrando como têm atuado para enfrentar os desafios. Provavelmente surgirão outras ideias durante a reunião. Ao se integrarem com as já existentes, possibilitarão novos projetos em parceria.

Uma dica é garantir um bom espaço para o lanche. Uma conversa em volta de uma mesa com café e bolo estimula boas ideias e projetos.

OFICINA 7 – TODOS JUNTOS SOMOS FORTES

A integração das instituições pode ocorrer a partir dos profissionais que as compõem ou através das próprias crianças e adolescentes. Neste capítulo vimos diversas formas de trabalhar com os meninos e meninas, mas há ainda outra ideia que vocês podem propor como exercício de parceria.

Comece com um grupo pequeno de crianças ou adolescentes. Lembre-se de que nenhum grande projeto já nasce grande. Escolha, por exemplo, o grupo do 6º ano B e convide as crianças da OSC que tenham aproximadamente a mesma idade. Melhor ainda se algumas crianças da OSC forem também alunos dessa turma.

Tanto o professor como o educador da OSC devem se organizar para o encontro, definindo lugar, tempo e quem será o mediador da atividade.

A ideia é que o grupo de crianças seja convidado a discutir uma questão que esteja emergindo no cotidiano deles. Pode ser, por exemplo, a epidemia da dengue, a falta de espaço de lazer na comunidade, a falta de água no bairro, a pista de skate esburacada, etc. Para que esses temas surjam no debate, sugerimos o uso da cartografia, já descrita no Capítulo 1.

Desenvolva essa atividade em dois ou três encontros. Destine o primeiro encontro para que o grupo se conheça e estabeleça vínculos. Proponha formas criativas de se apresentarem, como por exemplo um jogo, uma brincadeira ou uma dança.

*Nesse processo
algumas crianças
acabam se destacando.
Elas podem contribuir
em novos projetos
conjuntos*



Num segundo encontro, forme grupos de quatro ou cinco crianças, misturando os grupos da escola e da OSC. Distribua um papel grande, como um A3 ou uma folha de cartolina cortada na metade. O papel deve ter um mapa que indique aproximadamente onde ficam a escola e a OSC. Deixe espaços livres mostrando as outras ruas do bairro.

Inicie aquecendo o grupo para o trabalho. Diga que estão reunidos para pensar melhorias para a região. Depois, peça que imaginem, primeiro em silêncio, seu dia a dia: imaginem-se acordando, tomando café, se preparando para ir à escola ou à OSC, chegando em casa. Em seguida, pergunte ao grupo: o que você acha de seu cotidiano? Existe algo que gostaria de fazer diferente? Há algum problema que incomoda?

Várias respostas devem surgir, com diferentes conteúdos. Contribua para que o debate ganhe relevância. Veja se alguma resposta pode ser melhorada com uma nova pergunta sua. Por exemplo, “eu não faço nada, fico na TV”. Talvez a reflexão possa amadurecer se você perguntar: “se tivesse um grupo jogando, brincando, dançando, escrevendo, ou um novo lugar, você ficaria na TV? Aonde iria?”

Não tenha pressa de chegar a conclusões. Nem sempre é fácil que a criança se sinta ouvida ou se sinta à vontade para compartilhar uma preocupação. Por fim, veja se é possível construir um tema comum para o grupo, algo que todos considerem importante.

A partir desse tema, professor e educador vão propor que cada grupo pense o que pode fazer, em suas instituições, para enfrentar a questão. Nesse momento, separe as crianças da escola em novos subgrupos e as crianças da OSC em outros subgrupos. O professor e o educador devem colaborar com o trabalho, dando ideias e observando se todos estão tendo oportunidade de falar.

Ao final, todos os grupos apresentam suas propostas. O ideal seria que as sugestões se complementassem. Se o tema que escolheram for o número elevado de pessoas com dengue, a escola pode propor estudar o ciclo de vida do mosquito, sua forma de sobrevivência, o ciclo da doença. O registro dessas informações poderia ser feito em formato de cartazes ou história em quadrinho, envolvendo português, artes e ciências.

A OSC, por sua vez, pode propor uma pesquisa: visitar as casas de algumas crianças, observando locais onde o mosquito pode proliferar. Seria criado um mapa do bairro, indicando as casas visitadas, e mostrando possíveis criadouros de mosquito no bairro. Em seguida, pode juntar esses mapas e pensar soluções para o problema.

Num outro momento, unindo novamente os grupos, todos apresentam suas descobertas e juntos planejam formas de atuar na comunidade. Observe que nesse processo algumas crianças acabam se destacando. Elas podem contribuir em novos projetos conjuntos.



OFICINA 8 – A COMUNICAÇÃO COMO UM ESPAÇO DE ENCONTRO

A tecnologia tem trazido novas possibilidades de comunicação. Se antes a informação chegava pronta pela TV e você era apenas um receptor, hoje, a informação se constrói e se reconstrói a todo instante. Quase todo o mundo pode opinar e criar sites, blogs, fotos ou textos que correm pelas redes sociais ou quaisquer outras formas de interagir pela internet.

Pensando nisso, esta oficina visa identificar de que maneira vocês têm se comunicado. Consideramos o tripé básico da comunicação: o que se quer comunicar, para quem e como.

Chame a sua equipe, reúna o material de comunicação e procure organizá-lo, classificando conforme o exemplo da tabela abaixo.

MATERIAIS DE COMUNICAÇÃO

Colocar o material de comunicação

- Site
- Folheto e folder

PÚBLICO ALVO

Identificar para quem é dirigido

- Qualquer pessoa que acessar o site
- Pessoas que visitarem a instituição

QUEM PRODUZ

Levantar quem produz as informações inseridas naquele material (na escola ou na OSC)

- Coordenação
- Equipe pedagógica

Faça isso com toda forma de comunicação externa: bilhetes ou cartazes para falar com pais, materiais de divulgação de atividades para a comunidade, avisos, relatórios diversos, etc. Ao final, observe:

- A equipe utiliza materiais de comunicação variados?
- Vocês acham que a comunicação tem atingido cada público (comunidade, famílias, jovens, professores)? Por quê? Se não tem atingido, quais as razões?

- Há envolvimento das crianças, adolescentes e jovens na produção desses conteúdos. É possível que eles participem?
- A comunicação entre a escola e a OSC tem dado bons resultados. Quais são as formas de comunicação mais utilizadas entre as instituições? Poderia haver outras?

A seguir, mostre a lista de “Mediações Comunicativas” identificadas pelas 64 instituições que participaram da Assessoria aos finalistas do Prêmio Itaú-Unicef, em 2014. Observe se essa lista pode aperfeiçoar o que vocês produziram.

- Apresentações
- Telefone
- Oficinas
- Relatórios
- Banner
- E-mail
- Portfólio
- Reunião
- Blog
- Debate virtual ou por Skype
- Rádio escolar e comunitária
- Site
- Carro de som
- Encontros
- Rede social (Facebook, YouTube, Twitter)
- Visitas domiciliares
- Cartazes, faixas
- Feira cultural
- Divulgação em jornal
- WhatsApp
- Boletins, informativos
- Murais, painéis
- Produção de jornal
- Insira as ideias do seu grupo

A lista pode ser completada por esse Tag produzido na Assessoria, que também ilustra os ecossistemas comunicativos.



Depois, recorte os retângulos do quadro abaixo. Eles mostram diferentes públicos. Descarte aqueles que não servem para o seu caso. Produza outras filipetas, caso estas não sejam adequadas à sua instituição.

Agora, para cada material de comunicação do quadro acima, peça que a equipe aponte o público que pode ser atingido por ele. Provavelmente vocês utilizarão mais de uma filipeta para cada material de comunicação.

Famílias	Funcionários	Financiadores
Parceiros no território	Equipes escolares	Equipes das OSCs parceiras
OSCs do território	Educandos	Bairro
Moradores do bairro	Mídia local	Parceiros fora do território

Essas são algumas dicas para vocês pensarem como estão se comunicando com os diversos públicos que se relacionam, direta ou indiretamente, com a instituição.

Seria interessante compartilhar as descobertas com seus parceiros, em uma reunião específica sobre comunicação. Essa conversa permitirá ouvir as opiniões de quem recebe as mensagens que vocês estão transmitindo. E, assim, aperfeiçoar o diálogo e a troca de informações.



LISTA DE SUGESTÕES PARA FORTALECER O TRABALHO CONJUNTO NO TERRITÓRIO

Para que o Brasil eduque plenamente suas crianças, adolescentes e jovens é preciso criar uma rede de cooperação entre diferentes setores. A grandeza de tal tarefa exige a ação conjunta do poder público e da sociedade civil, com a participação de empresas, famílias, grupos informais e indivíduos.

No processo, os objetivos particulares se fundem e as identidades institucionais se complementam. Assim, a Educação Integral fará sentido para crianças e adultos que vivem naquele território e ajudará a transformar a realidade de todos e de cada um.

Esse caminho pode até ser lento, mas é importante que seja consistente. Somente assim sairão fortalecidos tanto os parceiros, quanto a cidadania das crianças, adolescentes e jovens. E isso já vem sendo feito por inúmeras OSCs e escolas nas parcerias que constroem pelo Brasil afora.

Segue aqui uma lista de questões que pode ser compartilhada com seus parceiros, para que as ações conjuntas gerem mais benefícios para sua comunidade:

- Vocês já fizeram um levantamento dos saberes locais, descobrindo as habilidades de pais, colegas, comerciantes ou outras pessoas do bairro?

- Vocês conhecem os indicadores sociais do bairro ou do município? E os indicadores educacionais das escolas da região? O que eles dizem? Como aproveitá-los no âmbito da parceria?
- Vocês já pensaram em alguma ação conjunta em locais próximos às suas instituições, a fim de trazer benefícios para esses espaços?
- Vocês e seus parceiros já delimitaram algum espaço geográfico que mereça atenção especial da comunidade?
- Vocês já ouviram as opiniões das crianças e adolescentes sobre o bairro?
- Vocês conhecem as lideranças comunitárias? Os meios de comunicação locais (rádio, jornal do bairro, quadro de avisos de entidades)? Como as pessoas do bairro se comunicam ou têm acesso às informações?
- A sua escola ou OSC abre os espaços para a comunidade? Participa dos eventos do bairro? Estimula as crianças a participarem dessas atividades?

Esse caminho pode até ser lento, mas é importante que seja consistente. Somente assim sairão fortalecidos tanto os parceiros, quanto a cidadania das crianças, adolescentes e jovens



Capítulo

3

*Integração OSC—escola:
juntas construindo
um projeto de
Educação Integral*



José Sabreira
de Oliveira

O objetivo maior das parcerias é, sem dúvida, promover experiências desafiadoras às crianças e adolescentes. Experiências que estimulem novas aprendizagens e ampliem seu universo de saberes. Tais vivências podem ser sociais, culturais, artísticas, intelectuais ou afetivas.

Já vimos nos capítulos anteriores que existem muitas possibilidades de ação conjunta entre diferentes instituições educativas. E os casos se multiplicam. Do Nordeste ao Sul, várias organizações criam outras formas de aproximação com a escola, buscando consolidar um trabalho coletivo. Vejamos:

Rolou na prática

- **Juntos no horário coletivo da escola:**

O profissional da OSC é convidado a participar da reunião na escola, porque alguns professores, preocupados com a aprendizagem, queriam trabalhar de forma inovadora. Essa experiência evoluiu. Outras escolas e instituições são convidadas a participar. E se ampliam os conhecimentos sobre a parceria em projetos de educação.

- **Criança como portadora da nova experiência:**

Na escola de uma grande capital, a professora observa que um aluno do 6º ano estava com um material novo relacionado à Ética. Curiosa, indaga de onde veio o material e descobre que era usado em uma atividade da OSC. A professora imprime cópias e distribui para a classe toda. Consta que o trabalho flui e se amplia. Apostando

no resultado, faz o material circular por outras três salas de 6º ano, obtendo ótimos resultados. Mais tarde, procura o educador da OSC para trocar ideias.

- **Mesmo tema na OSC e na escola:** A professora de artes de uma escola do Nordeste, apreciadora da cultura local, também atua como voluntária na OSC. Propõe, então, um projeto conjunto para reavivar a tradição musical da cidade. As atividades são feitas uma vez por semana na OSC, estimulando a curiosidade das crianças e adolescentes envolvidas. Na escola, a pesquisa se desenvolve, o repertório do grupo se amplia e novos saberes são construídos coletivamente.

*“Fazer a ponte entre a escola e depois da escola não significa que todos os programas têm que acontecer na escola ou que eles têm que se tornar escolares. O que importa é que os programas visem a criar oportunidades de aprendizagem transversais, consigam integrar com sucesso alguns objetivos de aprendizagem e aprofundem a aquisição de habilidades e de exposição da criança, sem deixar de respeitar a existência de muitas maneiras de aprender e proteger a diversidade de ambientes educacionais.” * (Gil G. Noam).*

* Extraído do artigo “Aprendendo com entusiasmo: conectando o mundo da escola ao pós-escola por meio da aprendizagem por projetos” in Cadernos Cenpec nº 2 - Educação Integral, 2º sem., 2006, p. 29-38, tradução de Renata Moraes Abreu.

- **Combatendo dificuldades comuns:** Uma escola do Sul preocupa-se com os elevados índices de violência. A OSC, em reunião com a escola, apresenta seu trabalho com bandas. Para tocar, é preciso levar em conta as divisões do tempo e a harmonia entre os músicos. Essa proposta ‘casa’ perfeitamente com os valores trabalhados pelos professores. A escola tem os instrumentos, a OSC o profissional. Juntas, iniciam o trabalho e colhem os bons resultados.
- **Planejamento conjunto:** No início de 2014, a equipe de uma OSC do Centro-Oeste se senta com os coordenadores da escola durante a semana de planejamento para discutirem um projeto da OSC e o PPP da escola. Na conversa, reconhecem os pontos convergentes e alinham os objetivos dos dois projetos. Ambas querem o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. A partir da integração de objetivos, metodologias e práticas, é elaborado um plano de ação conjunta. Plano que é discutido e adaptado semanalmente, conforme o desempenho e desenvolvimento dos educandos.

Como você pôde perceber por essas ‘pitadas’ de experiências, há um novo olhar sobre o educando e a aprendizagem. Uma visão ampliada de educação faz rever as premissas e as práticas de ensino-aprendizagem. Crianças e adolescentes são mais ativos, professores e educadores se abrem para novas formas de compreender e de fazer. E um novo ‘currículo’ surge, composto por saberes que até então não entravam na escola.

Crianças e adolescentes são mais ativos, professores e educadores se abrem para novas formas de compreender e de fazer. E um novo ‘currículo’ surge, composto por saberes que até então não entravam na escola

Ainda que se considere a importância de melhorar índices educacionais, como o Ideb, as parcerias podem mais do que isso. Parcerias vivas fortalecem o trabalho da escola e da OSC porque ampliam as aprendizagens e os modos de ensinar e de aprender.

Experiências como essas surgem em todos os cantos do país. Elas atestam que uma nova concepção de educação está se disseminando. Essa nova visão é impulsionada por políticas públicas municipais, estaduais ou federais, como o Programa Mais Educação.

Nessa proposta, assume-se a educação como tarefa abrangente, coletiva (no sentido da participação de muitos) e infindável, porque estamos sempre (nos) formando.

“Há educação, é claro, na escola e na família, mas ela também se verifica nas bibliotecas e nos museus, num processo de educação a distância e numa brinquedoteca. Na rua, no cinema, vendo televisão e navegando na internet, nas reuniões, nos jogos e brinquedos (...) ocorrem, igualmente, processos de educação. Quem educa, evidentemente, são os pais e professores, mas as influências formadoras (ou eventualmente deformadoras) também são frequentemente exercidas por políticos e jornalistas, poetas, músicos, arquitetos e artistas em geral, colegas de trabalho, amigos e vizinhos, e assim por diante.” (Arantes, 2008, p. 30)⁴¹.



José Sobreira
de Oliveira

Neste capítulo, pretendemos mostrar como as OSCs e escolas se unem para formar integralmente crianças e adolescentes. Você também conhecerá algumas experiências relevantes que mostram como o trabalho em parceria acaba por incidir nos conteúdos de aprendizagem. E isso resulta num currículo vivo que instiga as crianças e adolescentes e impacta na frequência e no interesse pela escola.



⁴¹ ARANTES, Valéria Amorim (Org.); TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos. São Paulo, Summus, 2008, p. 30.

A Educação Integral e os novos arranjos educativos

As mudanças que vêm acontecendo na educação ocorrem tanto pela exaustão do modelo escolar tradicional, quanto pelos estudos que questionam conteúdos e formas escolares. Todos eles se preocupam com as competências, saberes e habilidades que são e serão exigidas neste século XXI.

Na verdade, a discussão sobre quais competências, temas e linguagens seriam socialmente relevantes inquieta educadores de OSCs e da escola, e também acadêmicos. Estudiosos da educação que se dedicam a essas questões situam seu campo de trabalho na área do currículo.

Embora sejam muitas as teorias que embasam as diferentes posições sobre o tema, esse é um debate do qual OSCs e escolas não podem se furtar. Especialmente porque ele está no bojo da Educação Integral, meta do nosso Plano Nacional de Educação (PNE):

“Se ampliar o tempo de permanência das crianças está atrelado ao objetivo de buscar a aprendizagem de todos, os meios para fazê-lo deverão passar pela reconfiguração de tempos, espaços e, também, de saberes. A relação da escola com a cultura local e com as outras instâncias educativas da região exigirá, de certo, como algumas propostas já atestam, uma nova composição e articulação do currículo e uma nova organização de tempos, espaços e trabalho da escola.” (Galian e Sampaio, 2012, p. 422)⁴².

A concretização da Educação Integral é um processo complexo. Ela se dá por meio de arranjos diversificados e intersetoriais. Na Educação Integral, as responsabilidades são partilhadas, de acordo com os contextos locais. Daí a importância das redes de cooperação do Sistema de Garantia de Direitos, como os serviços públicos de educação, assistência social, cultura, esporte e saúde.

A formação integral é um compromisso não só da escola, mas também da família e da comunidade. Para tanto, propõe-se um novo arranjo educativo, em conexão com o território. As ações socioeducativas devem englobar as várias áreas do saber e do desenvolvimento humano e social.

Já temos indícios de que as parcerias estabelecidas pela escola são um fator de melhoria da aprendizagem de crianças e adolescentes. Em 2006, uma pesquisa⁴³ realizada pelo UNICEF, MEC e Inep estudou 33 escolas com nota acima da média nacional na Prova Brasil, procurando identificar quais eram os seus componentes que distinguiam boas práticas de aprendizagem. Os resultados foram organizados em cinco dimensões do aprender: práticas pedagógicas; papel do professor; gestão democrática e participação da comunidade escolar; participação dos alunos; e parcerias externas. Na quinta dimensão, afirma-se que:

“segundo a análise das boas práticas das 33 escolas do estudo Aprova Brasil, a construção de parcerias com instituições externas à comunidade escolar é uma das práticas que pode contribuir para enriquecer e fortalecer a escola. Essas parcerias podem estar ligadas aos recursos e infraestrutura da escola, a projetos socioculturais ou a ações socioeducativas. Os parceiros pertencem a diversos setores: empresas (de bancos a pequenos comerciantes), outras escolas, fundações, organizações não governamentais, universidades, sindicatos e associações. As parcerias ajudam a viabilizar projetos nas escolas e criam ainda importantes espaços de mobilização social pela qualidade da educação”. (op. cit., p. 57).

Como se vê, a Educação Integral e integrada, apoiada na pluralidade de instituições educativas, é uma saída mais do que possível para o nosso país. Ela é necessária e enriquecedora.

⁴² GALIAN, Cláudia V. A.; SAMPAIO, Maria das M. F. Educação em tempo integral: implicações para o currículo da escola básica. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 2, p. 403-422, maio/ago. 2012.

⁴³ Extraído de “Aprova Brasil, o direito de aprender: boas práticas em escolas públicas avaliadas pela Prova Brasil/[parceria entre] Ministério da Educação; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; Fundo das Nações Unidas para a Infância. – 2. ed. – Brasília: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2007, p. 19. Disponível em http://www.unicef.org/brazil/pt/aprova_final.pdf

Conhecer e se inspirar: **CONSTRUINDO OLHARES PARA UM NOVO JEITO DE EDUCAR**

NOVAS TECNOLOGIAS AJUDAM OS JOVENS A DESCOBRIR E TRANSFORMAR A REALIDADE LOCAL⁴⁴

**CECOP E ESCOLAS PÚBLICAS DO RIO GRANDE DO NORTE
CURRAIS NOVOS, FLORÂNIA E NATAL/RN**

CURRAIS NOVOS

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR HUMBERTO GAMA

285 alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental

Equipe gestora e administrativa: quatro pessoas

Educadores: 26 professores

Outros Projetos na escola: *Mais Educação, Mais Cultura na Escola, Policial Mirim*

**ESCOLA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS
(COMUNIDADE QUILOMBOLA)**

90 alunos do Ensino Fundamental

Equipe gestora e administrativa: três pessoas

Educadores: quatro professores

Outros Projetos na escola: *Mais Educação* (iniciado em 2015)

NATAL

**ESCOLA ESTADUAL DESEMBARGADOR FLORIANO
CAVALCANTE**

1.047 alunos no Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA

Equipe gestora e administrativa: quatro pessoas

Educadores: 43 professores

Outros Projetos na escola: *Mais Educação* e *Mais Cultura na Escola*

FLORÂNIA

ESCOLA ESTADUAL TEÔNIA AMARAL

468 alunos do Ensino Médio

Equipe gestora e administrativa: seis pessoas

Educadores: 14 professores

Outros Projetos na escola: *Mais Cultura, POEMI e Despertar*

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
COMUNICAÇÃO POPULAR (CECOP)**

170 crianças e adolescentes de 7 a 18 anos, mais 18 crianças de 4 a 6 anos, e 52 jovens maiores de 18 anos

Equipe gestora e administrativa: quatro pessoas

Educadores sociais: seis educadores

A equipe conta ainda com professores de escolas parceiras e técnicos da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Norte, totalizando mais 13 pessoas

Atividades: trabalhos na área de comunicação, cultura e educação popular, que são difundidos na TV Educativa e Cultural do Rio Grande do Norte

<https://www.facebook.com/premiocecop>



⁴⁴ Texto escrito com a colaboração de Vanda Anselmo Braga dos Santos e Raimundo Melo.



Pablo Pinheiro/
Estúdio P

O principal projeto do Centro de Documentação e Comunicação Popular (Cecop) chama-se Rede Potiguar de Televisão Educativa e Cultural, mais conhecida como RPTV.

O Cecop surgiu em 1991, quando um grupo de educadores e artistas se reuniu com a intenção de realizar um trabalho de educação popular, articulando manifestações artísticas tradicionais, memória e história local. A ideia era utilizar as novas tecnologias de então, como o cinema e o vídeo.

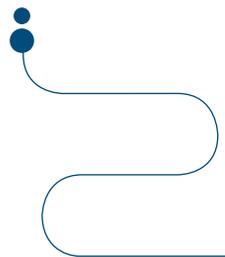
Inicialmente, a instituição atuava de forma mais sistemática no município de Caicó e, a partir de 2002, os trabalhos foram ampliados para a capital do Estado. Ao longo dos últimos anos, diversas ações vêm sendo feitas com as comunidades rurais e urbanas

e junto a outras organizações e instituições educativas e culturais.

A seleção para o projeto é feita a partir da disposição do professor para inovar o processo de ensino e aprendizagem, usando novas tecnologias no cotidiano escolar. O grupo de professores e professoras passa, então, a participar das oficinas de TV e vídeo, oferecidas pelo Cecop. Vemos aqui um potencial de transformação pouco frequente nas parcerias: a OSC formando equipes escolares nos temas em que tem competência e experiência.

A formação inicial dos professores, na maioria das vezes, não incorpora as novas tecnologias da informação e comunicação como instrumentos pedagógicos. Os professores que se aproximam dessas linguagens podem ampliar seus conhecimentos e torná-los objetos de ensino em diferentes situações de aprendizagem.

Depois, as crianças e adolescentes também participam das oficinas sobre as mídias digitais. O objetivo é promover o acesso aos bens culturais, estimular a reflexão sobre a democratização dos meios de comunicação e incentivar o protagonismo juvenil. Estão inseridos nas atividades da OSC crianças, adolescentes e jovens de nove escolas públicas municipais e estaduais das cidades de Natal, Currais Novos e Florânia.



O depoimento de Dioclécio Dantas, professor de português e inglês da Escola Municipal Professor Humberto Gama, de Currais Novos, confirma os ganhos da parceria:

“A oficina de stop motion, realizada ao longo desses últimos dois meses, contribuiu substancialmente para a compreensão linguística do alunado, bem como suas potencialidades, no que se refere à observação e percepção do mundo”.

A vice-diretora, Maria de Lourdes Araújo Medeiros, concorda:

“A oficina de animação realizada na escola Humberto Gama enriquece muito a aprendizagem dos nossos alunos. O conteúdo é muito interessante e, com certeza, tem contribuído também para a vida desses alunos”.

Semanalmente são exibidos filmes e realizadas oficinas de fotografia, memória e patrimônio imaterial. Também são oferecidas oficinas de elaboração de roteiros, entrevistas, operador de câmera e edição de imagens, além de rodas de leitura, contação de histórias e oficinas de saberes. Outra ação do projeto é documentar e difundir as manifestações da cultura popular e as práticas educativas desenvolvidas pelo projeto.

A exibição dos filmes acontece nas salas de aula e nos auditórios das escolas. São apresentadas produções nacionais e curtas-metragens locais, seguidas de conversas sobre os conteúdos abordados. As discussões são mediadas por educadores da escola e do projeto. Essa mediação é possível porque ambos já construíram uma trajetória que lhes permite coordenar uma atividade conjuntamente. Para tanto, precisaram conversar e trocar muitas ideias para acertar detalhes e compartilhar objetivos.

As oficinas de fotografia trabalham novas formas de olhar. Além disso, abordam temas como memória, história local, patrimônio imaterial das comunidades e do município.



*As oficinas
de fotografia
trabalham
novas formas
de olhar*

Temas esses que fortalecem os vínculos do educando com seu território. Nesse caso, a imagem é usada como recurso de pesquisa, documentação e difusão do conhecimento.

As oficinas que trabalham com imagem sempre resultam em produtos fotográficos e audiovisuais. Também preparam crianças, adolescentes e jovens para atuarem como agentes culturais nas escolas e comunidades. Assim, eles são capazes de interagir com o meio, utilizando as novas tecnologias da comunicação, usadas na TV, nos vídeos e filmes. Nos espaços da comunidade, também são realizadas atividades com temáticas mais livres, que enfatizam a cultura local e o uso das tecnologias.

Todas as práticas educativas são documentadas e difundidas na escola, na comunidade e no canal de TV local. Anualmente, a culminância do trabalho acontece nas Mostras de Cinema, realizadas nas cidades de Currais Novos, Florânia e Natal. Esses eventos mobilizam escolas, pais e mães de alunos, organizações culturais, artistas e organizações populares.

Na comunidade quilombola Negros do Riacho, o Cecop tem atendido, semanalmente, cerca de 90 crianças do Ensino Fundamental I, com exibição de filmes e contação de histórias. Os professores da Escola São Francisco de Assis participam do projeto, recebem filmes e cartilhas e dão continuidade à ação nas salas de aula.

Nessa comunidade, num rico exercício de ampliar o trabalho educativo para o território, o Cecop participou da elaboração de um plano de ação local. Os debates reuniram a equipe de gestão da escola, professores, alunos, a associação comunitária e agentes de saúde. O plano considerou as demandas da comunidade e foi estruturado em três frentes de ação: a implantação do Ponto de Memória, a ação Mão no Barro e a Área Verde. A OSC, com sua experiência em trabalhos comunitários, tem feito a ponte entre a escola e outros atores sociais, ajudando a construir um verdadeiro trabalho em rede.

As ações do projeto também têm contribuído para a implantação e o fortalecimento de políticas públicas, como o Mais Educação, Mais Cultura na Escola, e o Fundo para a Infância e Adolescência (FIA) e o Conselho Municipal de Cultura.

O cuidado do Cecop em negociar seu projeto com cada escola, buscando sintonia com os anseios das equipes escolares, faz com que a parceria seja significativa para todos. Isso beneficia tanto o projeto pedagógico da escola, quanto o da OSC.



Pablo Pinheiro/
Estúdio P

Pontos de destaque da parceria:

- *A grande capilaridade no território. Isso impulsiona as ações de ambas as instituições. A mobilização social e o fortalecimento do sistema de direitos podem influenciar políticas públicas e garantir maior sustentabilidade para os projetos sociais.*
- *O trabalho em rede. As parcerias intersetoriais e interinstitucionais favorecem a proteção social e o protagonismo de adolescentes e jovens.*
- *A visão da cultura como direito. Essa concepção representa um ganho em relação à ideia de cultura como lazer.*
- *A constante expansão do projeto. A conquista de novas parcerias com organizações públicas e privadas de diferentes naturezas fortalece o trabalho que vem sendo feito. Esse crescimento parte da experiência acumulada e se baseia na intencionalidade educativa do projeto. Ampliar as oportunidades educativas de crianças, adolescentes e jovens é o objetivo central.*
- *O uso das novas tecnologias da informação e da comunicação. A apropriação das linguagens tecnológicas e comunicacionais possibilitou que os jovens se envolvessem com temáticas de seu interesse. E mostrassem o potencial criativo, crítico e produtivo, antes não explorado. Com isso, a escola pôde trabalhar os conteúdos curriculares de maneira inovadora.*
- *A busca de parceria com programas públicos de educação e cultura. Ao dialogar com essas políticas, a OSC criou condições favoráveis à articulação com escolas e programas culturais.*
- *A eficiente articulação dos conteúdos pedagógicos. O correto planejamento das ações permite a integração das metodologias da OSC com os conteúdos curriculares das escolas. Isso, além de ampliar o sentido da parceria, fortalece o projeto pedagógico de cada uma das organizações.*
- *O compromisso com a disseminação do conhecimento produzido. Todas as atividades são registradas e difundidas para os diferentes públicos envolvidos com ambas as organizações.*



A CONSTRUÇÃO DE UM PLANO CONJUNTO⁴⁵

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA E ESCOLA JOÃO RAMOS SÃO PAULO/SP

EMEF JOÃO RAMOS PERNAMBUCO ABOLICIONISTA

565 alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental

Equipe gestora: cinco pessoas

Educadores: 55 professores

Projetos em parceria com a Fundação Gol de Letra:
Esporte Educacional e Dança/Ginástica Rítmica

Projetos da Escola que acontecem no contraturno
escolar: xadrez, tênis de mesa, esportes olímpicos,
canto e coral, jornal escolar, clube de leitura,
esporte na escola, teatro, jogos matemáticos
para crianças do Fundamental I, matemática
para alunos do Fundamental II, e *Projeto de
Recuperação Paralela*

Projeto desenvolvido durante o turno regular
de aulas, sem parceria: *Assembleia Escolar e
Imprensa Jovem*

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA

150 crianças e adolescentes de 7 a 25
anos (São Paulo)

Equipe gestora: oito pessoas

Educadores sociais: 17 educadores

Número de programas em execução em
São Paulo e Rio de Janeiro: sete projetos

Atividades: expressão oral, escrita,
cultural, artística, corporal e esportiva,
modalidades esportivas, escolas e lazer
para a comunidade, oficinas para jovens
de audiovisual, grafite, teatro e oficinas
sobre empregabilidade com parcerias.

<http://www.goldeletra.org.br>



Um muro multicolorido e grafitado destoa na Vila Albertina. O bairro se esparrama por ruas íngremes, onde se amontoam casas inacabadas. O muro guarda mais que a sede da Fundação Gol de Letra. Abriga o alarido de crianças e adolescentes que lá tecem parte de suas infâncias e adolescências.

Como muitas OSCs das grandes metrópoles, a Gol de Letra fica em um bairro da periferia de São Paulo. Mas a Vila Albertina faz limite com o grande Parque da Cantareira, importante remanescente da Mata Atlântica. Por isso, a pobreza da região contrasta com condomínios de luxo.

⁴⁵ Texto escrito com a colaboração de Celia Terumi Sanda e Maria José Reginato.

Macaquinhos, tucanos e outros tipos de pássaros são vizinhos das crianças que estudam na EMEF João Ramos, uma das escolas parceiras da Fundação. A escola foi construída nos anos 1950, é ampla por dentro e por fora, e se alonga pelas escarpas da serra da Cantareira. Na João Ramos, estudam 70 alunos participantes do Virando o Jogo, programa educativo desenvolvido pela Gol de Letra. Todos os dias, eles descem a ladeira, junto com os outros que vivem na mesma comunidade. Mas não vão para suas casas. Param no meio do caminho.

A Fundação Gol de Letra foi criada em 1998 pelos ex-jogadores de futebol Raí e Leonardo. Depois de anos de atuação, tornou-se ponto de referência do bairro e de todo o Terceiro Setor, pela qualidade do seu atendimento. A OSC desenvolve vários projetos, mas três são especialmente voltados para crianças e adolescentes: *Virando o Jogo*, *Jogo Aberto* e *Jovem em Formação*.

Eles visam ampliar o repertório, favorecer o protagonismo infantil e juvenil e estimular o compromisso com o grupo e com a instituição. Têm como foco oferecer atividades que exploram linguagens da arte e da literatura. E trabalhar temas como sexualidade, cuidados consigo, cuidados com o outro e com o ambiente, solidariedade e tolerância.

Os pontos fortes da proposta são as atividades como rodas de conversa, esporte, dança, música, teatro, capoeira, feiras culturais, passeios, visitas, estudos do meio, assim como o bom relacionamento dos profissionais entre si e com os participantes.

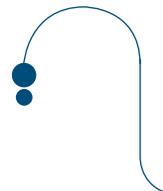
Virando o Jogo é o projeto mais conhecido da Gol de Letra e atende 257 crianças de 7 a 14 anos, de três escolas próximas. Mas a OSC tem parceria com outras 15 escolas da região.

O programa oferece no período alternado ao da escola atividades de expressão oral, escrita, corporal, artística e cultural. Ao ampliar o repertório dessas crianças e adolescentes, o objetivo último é diminuir os fatores de vulnerabilidade social a que estão expostos. Simultaneamente a esse trabalho, jovens de 15 a 20 anos são formados para atuarem como monitores e mediadores dos projetos da instituição.

A OSC sempre procurou a aproximação com os outros equipamentos públicos da região, para realizar um trabalho mais integrado. Nem sempre foi fácil. Patrícia Liberali, na OSC há 15 anos e coordenadora do projeto *Virando o Jogo*, explica:

“Sempre acreditamos no trabalho em rede. Conversávamos com o posto de saúde, com o CRAS, mas, com as escolas municipais e estaduais próximas, não conseguíamos ser bem sucedidos”.

Há cerca de três anos, a instituição decidiu dobrar os esforços para estreitar os laços com as escolas da região. A decisão foi transformada em meta concreta a ser atingida. A questão é que cada escola estava em um momento diferente na visão de parceria. A Gol de Letra encontrou uma resposta mais consistente na EMEF João Ramos.



A diretora Sônia Regina Parron chegou lá em 2008. Nessa época, a escola era mal vista pelos moradores, principalmente os do entorno luxuoso. Os próprios alunos tinham vergonha de estudar ali. A escola era cinzenta, arrebentada, com muitas grades. Sônia foi trabalhando com a equipe, ouvindo os alunos, tirando grades. E, nesse contexto, aceitou desenvolver as atividades esportivas e culturais que a Gol de Letra oferecia.

Em 2011, a escola entrou no programa federal Mais Educação. Sônia explica que sua equipe não tinha a menor ideia do que hoje se concebe como Educação Integral. Pensavam:

“Vamos receber mais dinheiro e nossos alunos vão ficar mais duas horas na escola e nós vamos oferecer atividades no contraturno. E isso era Educação Integral pra nós?”

Aos poucos, a gestora da escola, os coordenadores e professores foram percebendo que as novas atividades tinham que ser integradas ao PPP⁴⁶. Caso contrário, estariam criando duas escolas distintas, que não conversavam: a do ensino regular e a do contraturno. Sônia explica:

“Os professores do Mais Educação começaram a conversar com os outros professores nos horários pedagógicos coletivos e surgiram alguns questionamentos: por que será que os alunos estão ficando mais na escola? Por que procuram tanto o professor de Artes? Nossa, eles pediram pra fazer uma peça de teatro sobre bullying!”

⁴⁶ O Projeto Político Pedagógico (PPP) é o documento mestre da escola, é sua identidade. O documento deve estar articulado ao Plano Municipal de Educação (PME), que tem como base o Plano Nacional de Educação (PNE). O PNE estabelece metas e estratégias para alcançá-las. Em sintonia com o PNE e o plano da secretaria de educação (municipal ou estadual), o PPP é elaborado por toda a comunidade escolar e deve exprimir os objetivos que se quer alcançar e como estes serão atingidos. O PPP é a base para a construção do programa escolar e dos planos de trabalho do diretor, do coordenador pedagógico e dos professores.



A partir daí, a escola começou a se modificar gradativamente. E é evidente que isso só aconteceu devido à participação de professores muito engajados. A Gol de Letra foi se aproximando devagar. Além das atividades extras, até então oferecidas, propôs alguns encontros entre as gestoras das duas instituições para pensarem como poderiam ir além do que o Mais Educação oferecia.

Nesses encontros, puderam perceber que compartilhavam dos mesmos valores e dos mesmos princípios. E, assim, novas propostas foram surgindo, as relações foram se estreitando e as ações de ambas se imbricando.

Atualmente, não são atividades que apenas se tangenciam. Há identidade de propósitos e na forma de atuar. Mesmo nas ações pontuais, há um planejamento cuidadoso, entre a coordenação do projeto e a coordenação pedagógica da escola.

Um exemplo interessante ilustra essa maneira de cooperar. Alunos do 9º ano tinham que identificar os problemas do bairro e propor algum tipo de intervenção coletiva. Isso fazia parte do Trabalho Colaborativo de Autoria (TCA)⁴⁷, exigência da Secretaria Municipal de Educação, para a conclusão do Ensino Fundamental.



Ana do Amaral /
Mesquita



⁴⁷ Outras informações: <http://maiseducacaoaopaulo.prefeitura.sp.gov.br/mais-educacao-sao-paulo-preve-estudantes-da-rede-desenvolvam-projetos-sociais/>

Os professores elaboraram, então, um questionário para os alunos responderem. A partir das respostas, chegaram a três grandes temas de interesse: a saúde na Vila Albertina (gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, drogas); a infraestrutura da Vila Albertina (coleta de lixo, saneamento básico, desmatamento, enchentes, transporte) e a segurança.

As agentes comunitárias do *Projeto Comunidades*, desenvolvido pela Fundação Gol de Letra, foram convidadas a participar. Elas conheciam melhor o bairro do que os professores e poderiam ajudá-los a circular pelo entorno. Assim, sentaram-se professores-coordenadores do TCA, mães do projeto e alunos. Juntos, planejaram a saída pelo bairro, os procedimentos de abordagem das pessoas e as entrevistas que deveriam ser realizadas. Segundo uma das agentes comunitárias, essa interação entre a Gol de Letra e a escola é muito importante:

“As crianças e os adolescentes sabem que estão sendo cuidados, que uma instituição tem acesso à outra, que eles não são ‘largados’. Muita gente se preocupa com eles. Quando vem alguém da escola aqui ou a gente vai lá, eles sentem o maior orgulho”.

A diretora Sônia Perron deseja ainda fazer um trabalho mais próximo das famílias, para que se tornem protagonistas e participem ativamente do Conselho de Escola e do PPP. Para isso, conta com a experiência da Gol de Letra no trabalho com as famílias. Quer também ampliar a adesão

dos professores do Ensino Fundamental II à proposta da Educação Integral.

Sônia dá algumas dicas para que a parceria se sustente:

- Levar alguns professores a cada encontro com a OSC para que conheçam seus profissionais e o trabalho que realizam. Os professores poderão identificar formas semelhantes de trabalho e perceber que a proposta não é descompromissada ou apenas lazer. A visita vai ajudá-los a compreender que se trata de uma efetiva parceria para oferecer melhores oportunidades de aprendizagem às crianças e adolescentes.
- Propor que a equipe escolar estude o tema da Educação Integral nos horários de atividade coletiva. Isso permitirá compreender melhor a proposta e como realizá-la.
- Ter paciência e investir tempo e esforço na relação, porque parceria é um processo de troca, com muitas etapas. E, por isso, demora. Não desistir na primeira recusa do possível parceiro. Insistir até conseguir algum tipo de encontro.

Patrícia Liberali, coordenadora do *Virando o Jogo*, acredita que é preciso, sobretudo, escutar e acolher as escolas, não somente no início do projeto, mas ao longo dele. Segundo ela, os educadores da OSC devem criar momentos de escuta para compreender as demandas do parceiro e o funcionamento de uma escola, tão diferente daquele de uma organização social.

A parceria entre a Gol de Letra e a João Ramos tem tudo para progredir. A meta agora é a construção conjunta do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Dessa forma, esperam executar o projeto e avaliar os resultados, em condição de coautoria e com legitimidade.

Pontos de destaque da parceria:

- **A convicção e persistência da OSC.** A Fundação tem absoluta clareza dos benefícios de integrar sua ação com as escolas e demais equipamentos públicos. Entende que isso só enriquece as ações educativas. Em sua trajetória, desenvolveu uma necessária persistência para conquistar novos parceiros e para enfrentar as dificuldades inerentes ao diálogo com o outro.
- **A diversidade de parcerias da OSC.** A Gol de Letra busca pontos em comum em cada uma das parcerias que estabelece. Dessa forma, identifica os trabalhos que podem ser compartilhados, o que fortalece o vínculo que se cria.
- **O ambiente democrático do trabalho conjunto.** Os coordenadores da OSC e a equipe gestora da escola lideram equipes abertas, que se engajam em prol das crianças e adolescentes sob sua responsabilidade.
- **O papel indutor da parceria.** A ação da OSC estimulou a escola a pesquisar sobre Educação Integral e a buscar um modo de executar essa proposta. A resposta da escola abriu um campo mais amplo para o corpo docente compreender e apostar na potencialidade das ações parceiras.

Há identidade de propósitos e na forma de atuar



AS ONDAS DE RÁDIO PROMOVEDO ENCONTROS⁴⁸

DIOCESE DE SANTARÉM E ESCOLA ECILA NOBRE DOS SANTOS SANTARÉM/PA

ESCOLA MUNICIPAL

PROFESSORA ECILA NOBRE DOS SANTOS

372 alunos da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental

Equipe gestora e administrativa: 35 pessoas

Educadores: 19 professores

Projetos: *Programa Educação Fiscal, Projeto Étnico Racial, Projeto Agenda 21*

Em Santarém:

24 escolas, sendo quatro da zona rural: 3.840 alunos

Educadores: 208 professores

Em Belterra:

Sete escolas, sendo quatro da zona rural: 450 alunos

Educadores: 14 professores

DIOCESE DE SANTARÉM

Rede de Repórteres:

27 repórteres educativos distribuídos nas escolas de Santarém e Belterra (23 em Santarém, quatro em Belterra)

Núcleo de Leitores: 20 crianças e adolescentes

Equipe gestora e administrativa: 20 pessoas

Educadores sociais: oito educadores

radiopelaeducacao.wordpress.com

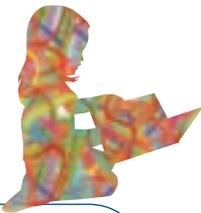
www.radioruraldesantarem.com.br



A Diocese de Santarém, no Pará, faz parte da organização territorial da Igreja Católica no Brasil. Entre suas ações está a formação de lideranças populares na região. O objetivo é que atuem em diversas áreas, com atenção especial às minorias, à luta pelos direitos humanos, à promoção de justiça para todos e à proteção da infância e da juventude.

Santarém é um município com aproximadamente 300 mil habitantes, sendo 40% na zona rural. A cidade fica às margens do Rio Tapajós que, em alguns trechos, chega a ter 20 km entre uma margem e outra. Isso é um grande obstáculo para a mobilidade na região. Muitas comunidades vivem isoladas e levam até 40 horas de barco e caminhada para chegar ao centro de Santarém.

⁴⁸ Texto escrito com a colaboração de Carla Machado de Castro, Ione Garcia Altieri e Jailson Moreira.



No período das chuvas, há comunidades que se alagam. Nelas, todas as casas são palafitas e existem as chamadas ‘escolas de várzea’. Tais escolas só funcionam durante a estação seca⁴⁹. As férias acontecem em épocas diferentes das demais escolas. Nelas, existe maior rotatividade de professores, que pedem transferência com frequência, pois as condições de trabalho são muito difíceis.

As longas distâncias entre os vilarejos e cidades da Amazônia, a falta de energia e de cobertura de telefone ou de internet dificultam a comunicação. Assim, nada melhor que o rádio, que pode ser ouvido através de sistemas de som, utilizando energia solar ou aparelhos a pilha, de maneira democrática e abrangente.

Inspirados no Movimento de Educação de Base e na Pedagogia de Paulo Freire, o projeto tinha, até meados da década de 1980, o objetivo de oferecer aulas aos jovens e adultos não alfabetizados. Com a ampliação do acesso à escola, a proposta mudou de foco. Em 1999, o projeto *Rádio Pela Educação* ganhou forma, em virtude da preocupação com os altos índices de evasão, repetência e defasagem idade/série na educação dos municípios de Santarém e Belterra.

Na época, professores sem ensino superior e com pouca experiência para lidar com classes multisseriadas enfrentavam enormes problemas, como o trabalho infantil ou a dificuldade de acesso às comunidades ribeirinhas. Esses fatores foram determinantes para a implantação de uma nova tecnologia. O UNICEF financiou, então, a compra de um aparelho transmissor para a Rádio Rural levar ao ar um programa educativo. Também financiou a aparelhagem para ser implantada nas escolas.

A seguir, foi organizada a formação dos professores, com a utilização de um Guia Pedagógico. E teve início a produção do programa *Para Ouvir e Aprender*, que passou a ser transmitido a todas as salas de aula das escolas parceiras.

Esse Guia é um suporte para professores e alunos que acompanham o programa. Ele ajuda o docente a relacionar aquilo que é veiculado pelas ondas do rádio ao seu plano de aula. O material é produzido em parceria com a Universidade Federal do Oeste do Pará e distribuído gratuitamente. O projeto Rádio pela Educação acabou

⁴⁹ São cerca de 200 comunidades rurais no município. As escolas existentes nestas comunidades são consideradas anexos de ‘escolas-polo’, que ficam em comunidades maiores. O número de anexos para cada ‘escola-polo’ é variável, assim como o número de crianças e adolescentes que frequentam cada uma delas. Existem anexos que trabalham com 60 crianças, o que permite a divisão por faixa etária; e outros onde somente 11 crianças assistem às aulas.

sendo o vencedor do Prêmio Itaú-Unicef em 2001, por sua proposta inovadora e muito adequada à região onde atua.

Um grupo de adolescentes da Diocese elabora os programas que são transmitidos pela rádio. Os professores das escolas inscritas e seus alunos ouvem o programa no início das atividades, de manhã e à tarde. E, em seguida, trabalham com os conteúdos pedagógicos propostos pelo programa, reforçando, assim, o aprendizado.

Os programas fazem tanto sucesso que as crianças comentam com os familiares o trabalho realizado na escola. Essa conversa torna-se mais rica porque os familiares também ouvem o programa. Dessa forma, muitos conhecimentos são difundidos na comunidade. Todo o processo cria um circuito de comunicação, com a troca de conhecimentos e informações, integrando crianças, famílias e comunidade.

No início, o programa era elaborado por um pequeno grupo de crianças. Ao longo do tempo, foi sendo ampliado. Atualmente, *Para Ouvir e Aprender* conta com pequenos ‘repórteres’ espalhados pelas escolas. Eles produzem, no local, materiais comunicativos e os enviam para a redação da Rádio, que se encarrega da edição e veiculação.

Alunos representantes de classe gravam no estúdio da Rádio Rural seus comentários e notícias sobre assuntos do município de Santarém e comunidades ribeirinhas. Tratam de temas como meio ambiente, direitos sociais, violência doméstica, drogas, e também noticiam as festividades. Utiliza-se também o rádio para divulgação de atividades internas da escola, do bairro ou da comunidade.

A equipe responsável pelo projeto, em conjunto com profissionais de rádio e educadores, contribuem para que os jovens ampliem conhecimentos sobre locução, interpretação, contação de histórias, produção de reportagens e roteiros de programas de rádio.

A equipe da Diocese considera que essa experiência tem grande potencial de multiplicação. Algumas escolas montam seus próprios programas e os veiculam internamente, usando o equipamento da Rádio. Nesses casos, solicitam capacitação ao pessoal da OSC.



Francileno
Sousa Rego

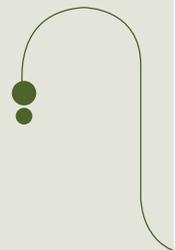


Diversos pais acreditam que o rendimento escolar dos filhos melhorou depois que passaram a utilizar a Rádio. E que também ficam mais desinibidos quando começam a atuar como repórteres ou locutores. Dizem que a Rádio incentiva os adolescentes a pesquisarem sobre diversos temas e que ela é responsável por pautar assuntos importantes e atuais para a vida desses jovens.

Outro eixo importante da parceria é a interação com a população. A rádio dá voz às comunidades, especialmente quando divulga as cartas recebidas. O programa *Para Ouvir e Aprender* é um importante instrumento de comunicação entre a escola, a cidade de Santarém e as comunidades ribeirinhas.

Veiculado três vezes por semana, pela manhã e à tarde, o programa informa as comunidades sobre questões de seu interesse, sejam sociais, culturais ou políticas. As locuções, com linguagem adequada aos pequenos, são feitas por crianças, adolescentes, gestores de escolas, pedagogos, professores, lideranças comunitárias e repórteres da própria Rádio Rural. As produções textuais dos alunos também são encaminhadas para leitura no programa.

A capacitação dos professores é uma ação importante do projeto. Ela ocorre duas vezes ao ano. No primeiro momento, o professor participa de oficinas de educomunicação. No segundo, ele aprende a usar o Guia Pedagógico nas dinâmicas que desenvolve em sala de aula, a partir do programa educativo.



Em 2010, além das escolas municipais, a rede estadual também foi integrada ao projeto, por meio do programa Mais Educação. Em 2013, esse projeto foi reconhecido pelo MEC como Tecnologia Educacional.

Um ponto chave no desenvolvimento da parceria é a identidade metodológica e uma relação bastante afetiva entre gestores, coordenadores e educadores das duas instituições. Todos têm um conhecimento teórico e técnico sobre os processos de construção educativa do rádio. Todos se articulam para manter o que construíram com tanta dificuldade e adversidade.

Nessa experiência, escolas e OSC trabalham a cultura local usando a tecnologia do rádio, estimulando o protagonismo de professores, crianças e adolescentes, para impulsionar a transformação de uma dura realidade social.

Pontos de destaque da parceria:

- *A busca de saídas em contexto adverso. O programa, no ar há mais de 10 anos, prova que é possível criar formas mais efetivas de participação de educadores e educandos. Mesmo quando a realidade local mostra um cenário desalentador, é possível encontrar oportunidades, como, no caso, o apoio da Diocese.*
- *O poder multiplicador da proposta. O projeto se expande para várias comunidades, uma vez que o programa de rádio é ouvido tanto pelas crianças e adolescentes, como pelas famílias de uma grande região do estado.*
- *A qualidade do que é produzido pelas crianças e adolescentes. Todos os parceiros reconhecem nos programas de rádio produzidos pelos alunos um material de grande qualidade. E trabalham para que sejam sempre aprimorados. Dessa forma, está se construindo uma real experiência de participação cidadã de crianças e adolescentes.*
- *A produção de conhecimento relevante. Os materiais divulgados nos programas tornam-se novos conteúdos programáticos da escola. Ao tratar da realidade e da cultura local, eles são plenos de sentido para os alunos e para a comunidade.*
- *O uso dos meios de comunicação. Veículos como o rádio são um potente instrumento para iniciar ou fortalecer projetos em parceria.*
- *A interação com a população local. A rádio dá voz às comunidades, especialmente quando divulga cartas enviadas pelos ouvintes. O Programa Para Ouvir e Aprender é um importante instrumento de comunicação entre a escola, a cidade de Santarém e as comunidades.*

FORMAÇÃO COMUNITÁRIA E PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA SÃO A BASE DA PARCERIA⁵⁰

CONSELHO DE PAIS DE CAMPOS SALES E ESCOLA JOSÉ AUGUSTO SOBRINHO CAMPOS SALES/CE

ESCOLA INFANTIL E FUNDAMENTAL JOSÉ AUGUSTO SOBRINHO

498 alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA

Equipe gestora e administrativa: seis pessoas

Educadores: 41 professores

A Escola conta com o *Programa Mais Educação*, *Programa Mais Cultura*, *Luz do Saber*, *Saúde na Escola*

CONSELHO DE PAIS DE CAMPOS SALES

615 crianças e adolescentes e 482 famílias

Equipe gestora e administrativa: sete pessoas

Educadores sociais: quatro educadores

Atividades: sala de leitura, sala-cine, brinquedoteca, reforço escolar, contação de histórias

Projetos: *Engenho dos Sons*; *Acompanhamento do Desenvolvimento Escolar*; *Desenvolvimento Comunitário*; *Promoção à Leitura e Cultura*; *Promoção de Ações Básicas de Saúde*

<http://conselhodepaisdecamposales.blogspot.com.br>



Campos Sales é um município localizado no sul do Ceará, próximo à divisa com os estados do Piauí e de Pernambuco, na região da Chapada do Araripe. Nessa pequena cidade, de cerca de 30 mil habitantes, existe desde 1985 um Conselho de Pais. A organização desempenha um relevante papel na região, ao atuar em prol da educação popular e da formação comunitária.

O Conselho de Pais surgiu para buscar alternativas à crise causada pelo fechamento de uma usina de algodão, na década de 1980. Promoveu um processo de organização e educação popular. Ainda na época da ditadura, acabou sofrendo pressões e represálias, mas resistiu.

Por isso, desde a sua origem, a formação comunitária, o empoderamento e a participação das famílias estão entranhados em todas as ações do Conselho. Sua diretoria é composta por lideranças populares.

⁵⁰ Texto escrito com a colaboração de Célia Terumi Sanda.

Para garantir os direitos das crianças, adolescentes e famílias, o Conselho de Pais participa dos conselhos setoriais, além de se articular com o Ministério Público. Parcerias são, portanto, um assunto do qual a OSC entende bem. A organização exerce o papel de articuladora da Rede de Proteção Social – escolas municipais, CRAS, CREAS, Conselho Tutelar e Sistema de Garantia de Direitos (Ministério Público e Judiciário). O Conselho tornou-se referência para os demais serviços públicos do município.

A articulação com a escola vem do início da OSC, quando estabeleceu parceria com a *Child Fund*, para o apadrinhamento das crianças e adolescentes atendidos pela organização. Uma das condições para esse apoio era o envio de relatórios sobre frequência e aproveitamento escolar. Isso exigiu o contato permanente com as escolas, o que deu início à aproximação.

Tanto a diretora administrativa Martina Soares, quanto a diretora pedagógica, Ana Lúcia Deusindo, consideram que as horas em sala de aula não são suficientes para uma aprendizagem plena. É preciso ter apoios e promover atividades socioeducativas, lúdicas e culturais, para que as crianças e adolescentes cresçam e se desenvolvam. A equipe técnica destaca que o Conselho tem reconhecida experiência comunitária, de formação dos grupos de base e atuação efetiva com as famílias. Isso foi fundamental para o avanço da parceria.

Assim, as ações da OSC em conjunto com a escola, são mais fortes naquilo que a primeira faz melhor: a mobilização social com as



José Sobreira
de Oliveira

famílias. E se valem do conhecimento escolar em projetos no âmbito da linguagem oral e escrita.

Algumas ações da OSC acontecem, com bons resultados, na escola. O Projeto “Soletrando”, por exemplo, estimula a leitura e a escrita. A escola organiza as turmas por faixa etária e nível de escolaridade, articula os professores para acompanhamento dos grupos, realiza estudos nos horários estabelecidos. A OSC, por sua vez, cede o espaço físico, colabora na execução das atividades práticas, dissemina as ações com as famílias e coordena as competições.

Nessa linha, a equipe do Conselho e os professores da escola promovem a leitura de autores clássicos junto com os adolescentes de 8º e 9º anos. Para os alunos de 5º e 6º anos, poesia de cordel e pau de fitas. E para as crianças de 3º e 4º anos, musicalidade e poemas com música. Quando a OSC não pode, a escola realiza essas atividades, o que exige diálogo entre os educadores.

No Projeto “Mala da Fantasia”, o foco é a leitura e a cultura popular. Entram reisado, pau de fitas, pastoril, ciranda. As crianças, adolescentes e educadores do Conselho visitam as escolas do município e desenvolvem atividades relacionadas a essas festas e tradições.

A OSC também participa do planejamento da Escola José Augusto Sobrinho. E alguns professores participam do Plano Anual do Conselho de Pais. Isso fortalece ainda mais a parceria.

Além das ações em andamento, as duas equipes estão sempre pensando em como fortalecer a parceira. E já têm novos projetos: reorganizar o acervo bibliográfico e catalogar temas de poesia e cordel na OSC; e realizar semanalmente na escola rodas de leitura e recitação de cordéis em sala de aula.



José Sobrinho
de Oliveira

Pontos de destaque da parceria:

- O reconhecimento, por parte da escola, da experiência comunitária da OSC. A expertise de uma instituição pode ajudar naquilo em que a outra tem menos experiência.
- O compartilhamento de um ideário transformador. A defesa dos direitos das crianças, adolescentes e famílias pobres: direito de participação, direito à voz, à liberdade de expressão, ao protagonismo das crianças e adolescentes, a um mundo melhor. Essas aspirações comuns fortalecem as ações.
- A circulação das crianças e adolescentes por diferentes instituições do município. Os alunos das escolas também se utilizam do CRAS, influenciando as áreas de educação e assistência social. Isso dá maior legitimidade social e força política à parceria.
- A clareza das atribuições de cada instituição. Escola e OSC têm papéis definidos no planejamento, na implantação e na avaliação dos resultados. E também na identificação de aspectos a serem aprimorados. Isso cria espaço para o diálogo, a troca de conhecimentos e o crescimento das equipes das duas organizações.

ATRAVÉS DA ARTE, CRIANÇAS E ADOLESCENTES SE APROPRIAM DO TERRITÓRIO⁵¹

ICA E ESCOLAS DE MOGI MIRIM MOGI MIRIM/SP

**ESCOLA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO BÁSICA
DONA SINHAZINHA**

**365 crianças do 1º ao 5º ano do
Ensino Fundamental**

**Equipe gestora e
administrativa: duas pessoas**

Educadores: 20 professores

**INSTITUIÇÃO DE INCENTIVO À CRIANÇA E AO
ADOLESCENTE DE MOGI MIRIM (ICA)**

575 crianças e adolescentes de 6 a 18 anos

Equipe gestora e administrativa: 17 pessoas

Educadores sociais: 28 educadores

**Oficinas: Circo, teatro, dança, música, artes visuais e
literatura (mediação de leitura e contação de histórias)**

**Outras atividades: educação social, artesanato
construção de jogos com materiais recicláveis,
orientação afetivo-sexual e encaminhamentos para
a rede de voluntários (dentistas, médicos, exames
clínicos, etc.)**

<http://www.projetoica.org.br>



A Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente de Mogi Mirim (ICA) tem uma história muito típica das OSCs no Brasil. Nasceu em 1997 pelas mãos de dona Sofia Mazon, com a colaboração de pessoas da comunidade. Iniciou modestamente suas atividades com a intenção de oferecer arte e educação para crianças e adolescentes do município, no interior de São Paulo.

Partia-se da crença de que arte e educação, articuladas à escola e à família, podiam promover o desenvolvimento e a cidadania. “A criança de bem consigo mesma pode sonhar”, defende Tarcísia Mazon Granucci, a atual diretora e filha de dona Sofia, falecida anos atrás.

Com foco na Educação Integral de crianças, adolescentes e jovens, o ICA tem parcerias muito bem-sucedidas com a Secretaria Municipal de Educação de Mogi Mirim e com escolas públicas da cidade.

⁵¹ Texto escrito com a colaboração de Walderez Nosé Hassenpflug.

A equipe do ICA é movida pela certeza de que a arte é uma importante tecnologia social

O trabalho do ICA extrapola em muito os muros da instituição. A OSC é protagonista na articulação de parcerias, tanto públicas como privadas. Essas parcerias – entre elas, os três CRAS do município – se integram em uma rede de atendimento à população. E, assim, potencializam a transformação social que se pretende alcançar no município.

O ICA também investe na rede de parceiros para criar e fortalecer espaços de aprendizagem. E, dessa forma, estimular a troca de saberes e experiências, buscando o desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes. Como explica Maria Isabel Somme, coordenadora do ICA:

“A criança é o centro da atenção. Entendemos que essa criança, na arte, no circo, na literatura, está desenvolvendo outra dimensão do seu saber, da sua experiência. É que ela conecta o seu desenvolvimento com a realidade onde está inserida. Muda a leitura da família, do professor, da própria comunidade sobre essa criança. Claro que existem pedras no meio do caminho, mas a gente aprende a superar essas barreiras com articulação, abrindo espaços para diálogos”.

Com sede na região central, o ICA atende educandos das zonas norte e leste da cidade, áreas com altos índices de violência, tráfico de drogas, prostituição, falta de saneamento básico e de atendimento à população.

O “Carpe Diem” foi o primeiro projeto, em 2002. Respondia à demanda de um trabalho socioeducativo com crianças de 7 a 14 anos. Mais de uma década depois e muita experiência acumulada, o ICA trabalha atualmente em três grandes frentes de formação: cidadania, pré-profissional e comunitária.

Das 40 crianças no início, o ICA hoje atende mais de 500 crianças e adolescentes. Todos os dias eles participam das oficinas artísticas, depois fazem um intervalo e, a seguir, realizam atividades de apoio ao conteúdo escolar. O reforço é uma composição entre as temáticas propostas pela escola e pela OSC.

A equipe do ICA é movida pela certeza de que a arte é uma importante tecnologia social. Apoiada nessa convicção, a OSC aprofundou a parceria com a escola no planejamento das atividades do calendário escolar. Maria Isabel fala sobre o início das parcerias:

“Abrimos um espaço no horário de trabalho pedagógico dos professores e fomos mostrar o que o ICA fazia. Naquele momento, o ICA teve o apoio da Fundação Abrinq para um projeto que temos até hoje, a Espiral da Leitura, que forma o jovem para ser um mediador de leitura. Na Espiral de Leitura, depois de dois anos de ICA, o jovem volta à escola, um lugar do qual saiu como aluno, para colocar o tapete no chão, apresentar o livro para outras crianças.”



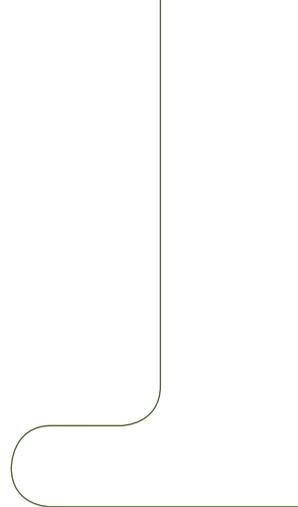
Luis Renato Canto
de Campos

As atividades do ICA se alastram pela cidade, tornando Mogi Mirim, um grande território educativo. Maria Isabel explica o alcance da arte na vida das crianças e adolescentes:

“Hoje estamos dentro de três escolas municipais, no período contrário à escola. Existem dificuldades, com certeza, mas estamos lá realizando. Se olharmos as intervenções culturais que realizamos no município, esse número se transforma em uma espiral que irradia o contato com a arte. As crianças realizam espetáculos dentro da escola e no Centro Cultural, circulando pela cidade. Essa mobilidade de sair do bairro, conhecer outros equipamentos da cidade, circular pelas ruas do centro, utilizar transporte coletivo, faz com que a criança estabeleça uma relação com o território.”

A parceria com a Escola Sinhazinha, que fica ao lado do ICA, já passa de dez anos. Segundo Seomara Guedes Rodrigues, diretora, a relação é tão forte, que escola e OSC formam uma unidade para planejar e desenvolver as propostas comuns. É até difícil separar onde começa a ação de uma e termina a da outra.

Todas as ações geram registros. Há um portfólio com informações detalhadas sobre cada aluno. O ‘Roteiro para Registro Poético Reflexivo’ descreve as atividades e o envolvimento das crianças e adolescentes, com fotos e depoimentos pessoais, do professor e do aluno.



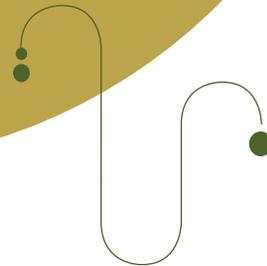
O ICA é referência na ação com crianças e adolescentes no município. Por isso, suas concepções se espalham não somente para outras organizações, mas também para o poder público. A metodologia do Projeto 'Carpe Diem', foi testada em algumas escolas municipais. E agora está sendo adotada como modelo para a expansão gradativa do atendimento em tempo integral para toda a rede municipal de ensino.



Luis Renato Canto
de Campos

Pontos de destaque da parceria:

- *A articulação com a Secretaria Municipal de Educação. Isso possibilita momentos de formação comunitária no tema da Educação Integral. Em especial, encontros com os educadores da rede municipal de ensino.*
- *A amplitude do trabalho da OSC. O papel do ICA vai muito além do atendimento direto. A OSC oferece sua expertise para três escolas e três CRAS do município. É referência em atividades de circo na região, apoia projetos de outras organizações e tem um setor de voluntariado que promove atividades diversificadas.*
- *O destacado papel articulador. A instituição lidera a articulação da rede educativa e de proteção à infância.*
- *O protagonismo da OSC no município. O ICA inspira políticas públicas e pauta a discussão entre os atores ligados à cultura, educação e assistência social.*
- *A circulação dos atores por diferentes instituições do município. Além de influenciar as áreas de educação e assistência social, contribui para que crianças e adolescentes se apropriem do território.*
- *A gestão diferenciada e inovadora da OSC. Isso favorece a construção de um espaço de referência regional, dando credibilidade e abrangência à parceria.*



Pensar e compreender

ESTAR NA RODA E DAR AS MÃOS: TESSITURA DE SABERES QUANDO OSC E ESCOLA SE ENCONTRAM

ROSA VANI PEREIRA⁵²

Sempre que penso em Educação Integral me lembro da capoeira. Essa lembrança ocorre porque a imagem de pessoas dispostas em roda, seguindo um som e movimentando o corpo, transmite a ideia que penso estar presente nos diálogos sobre Educação Integral. Ou seja, é preciso que estejamos todos em uma só roda, seguindo uma só cantiga e nos movimentando para fazer acontecer.

Quando abrimos os portões das escolas para o diálogo com outros atores e quando esses atores se deslocam de seus espaços para o diálogo com a escola, uma infinidade de possibilidades se coloca em movimento. Elas vão, obrigatoriamente, exigir a disponibilidade para ensinar, aprender, desaprender, aprender de novo. Como na capoeira, será preciso que os envolvidos saiam (voluntariamente) de suas zonas de conforto, de suas rígidas estruturas organizativas e, atentos ao som das crianças, adolescentes e jovens,

inventem formas de estar juntos, cumprindo o mesmo propósito.

As experiências governamentais nos têm ensinado que a Educação Integral tem a capacidade de promover o diálogo entre a escola, as pessoas e as organizações da sociedade civil (OSC). Desse encontro, emergem novos saberes e formas de ensino aprendizagem que deslocam (ampliam) nossas noções de currículo, conhecimento, fazer pedagógico e gestão.

Mas, quando pensamos em novos currículos, modelos, formas de ensinar, aprender e fazer, a que estamos nos referindo? A resposta depende de estabelecermos uma nova disposição de olhar. Assim, poderemos detectar alguns campos nos quais a integração entre OSC e escola promove melhorias de aprendizagem e desenvolvimento integral das nossas crianças e adolescentes. Mas para isso, é importante que sejam superados alguns desafios, dentre os quais:

⁵² Pedagoga, mestranda em educação pelo CAED/UFJF e autora do livro *Aprendendo Valores Étnicos na Escola*, publicado pela Editora Autêntica.

a) As diferenças de gestão. As escolas e as OSC têm seus próprios modelos de gestão e estruturas organizativas. Na promoção da Educação Integral, existe o desafio de composição entre esses modelos e estruturas. Isso é necessário para que o atendimento em tempo integral seja realizado e alcance seu objetivo de desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. Tal desafio pressupõe fazer com que os processos de gestão administrativa, pedagógica e financeira estejam alinhados à melhoria contínua da qualidade da educação. É preciso também que exista um processo de gestão democrática no interior das escolas, para que o diálogo seja efetivo. Para as OSCs significa desenvolver a capacidade de lidar com os aspectos formais das estruturas escolares.

b) A dicotomia entre os sujeitos de aprendizagem. Neste aspecto, havemos de entender que não existe a criança e o adolescente da escola formal e a criança e o adolescente da organização social. É imprescindível superar essa dualidade ainda existente. O desenvolvimento integral das crianças e adolescentes é foco, meta e propósito tanto da escola, quanto das organizações parceiras. É importante que se estabeleçam espaços de diálogo sobre quem são os sujeitos de aprendizagem e quais são as suas demandas educativas. Só assim será possível desenhar, de forma conjunta, o seu percurso formativo.

Mesmo tendo elegido apenas dois desafios, sabemos que existem outros a serem superados na integração entre OSC e escola. Não quero, no entanto, me deter nos desafios como entraves, mas apontá-los como potencialidades. Acredito que os desafios têm o grande poder de – novamente a imagem da capoeira – nos fazer procurar caminhos possíveis – estarmos na mesma roda e darmos as mãos. A partir dessa crença, é importante elencar os saberes que penso emergir da integração e do diálogo entre as organizações e escolas.

A integração é entendida aqui como a constituição de duas partes em um todo para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. Isso só é possível a partir de um diálogo efetivo, no qual cada um dos atores reconhece e respeita a legitimidade do seu interlocutor. Tomo como base a ética discursiva proposta por Jürgen Habermas (2003)⁵³, para quem as relações e propostas transformadoras se baseiam no diálogo e no consenso entre os sujeitos, ressaltando que a ética discursiva proposta é:

“(...) uma aposta na linguagem e na capacidade de entendimento entre as pessoas na busca de uma ética democrática e não autoritária, baseada em valores validados e aceitos consensualmente”. (Cotrim, 2002, p. 255)⁵⁴.

⁵³ HABERMAS, Jürgen. Consciência moral e agir comunicativo. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

⁵⁴ COTRIM, G. Fundamentos de Filosofia: história e grandes temas. São Paulo: Saraiva, 2002.

É importante o reconhecimento mútuo de que existem saberes a serem compartilhados em prol das crianças e adolescentes. Mas, principalmente, é fundamental a aceitação de que não há uma hierarquia excludente entre os saberes escolares e os saberes das organizações. Daí poderão emergir novos conhecimentos, novos tempos, espaços, modelos de gestão e assim fertilizar a Educação Integral.

Acreditar que estamos na mesma roda é o que nos permite redimensionar continuamente o próprio sentido da educação e seu propósito de desenvolvimento humano e social. Ao fazê-lo, vamos nos educando mutuamente e engendrando valores e conhecimentos tão necessários para a construção da justiça social. E também para a fecundação de sonhos individuais e coletivos de nossas crianças, adolescentes e jovens.



Francileno
Sousa Negro

Quando a integração e o diálogo ocorrem efetivamente, temos a chance de aprender e ensinar que:

- a)** A formação dos educadores da escola e da OSC pode acontecer de maneira conjunta. E pode ser enriquecida com a utilização de novos instrumentos e linguagens.
- b)** O percurso formativo proposto para as crianças e adolescentes pode e deve ter como eixo capacitá-los para se relacionarem de maneira positiva e proativa uns com os outros e com os ambientes de aprendizagem. E, principalmente, torná-los transgressores reflexivos de suas condições de vida e das desigualdades do mundo em que vivemos.
- c)** Os conteúdos de aprendizagem podem ser diferentes, mas devem convergir para desenvolver as capacidades e habilidades das crianças e adolescente. E também para a sua autonomia.
- d)** Um clima escolar positivo só é possível quando os projetos de aprendizagem convergem para o reconhecimento e valorização das diferenças. Isso se explicita na busca da equidade de gênero, raça/etnia e orientação sexual, no respeito às crenças religiosas e no trato com as pessoas com deficiência.

- e) As aprendizagens, quer na escola, quer na OSC, guardam uma estreita interface, que precisa ser explicitada em momentos coletivos de formação e planejamento.
- f) Os processos de gestão também precisam ser integrados, integradores e dialogados. É necessário estabelecer consensos reais para lidar com aspectos administrativos, financeiros e de gestão de pessoas. Tanto as OSCs quanto as escolas têm procedimentos, instrumentos e formalizações específicas para seu fazer cotidiano. Esses campos precisam de interseções que permitam o pleno desenvolvimento do trabalho com crianças, adolescentes e jovens.

Voltemos à imagem inicial. A capoeira é uma prática cultural com profundas raízes históricas. Ela se organiza em um sistema composto pela roda, pelo ritmo dado pelo berimbau, pelos movimentos corporais e pelas cantigas. Ou seja, há um conjunto harmônico de elementos. A meu ver, a aprendizagem conjunta e integrada que resulta do diálogo entre as escolas e as OSCs também pode ser assim desenhada.

Nenhum dos elementos que compõe essa parceria pode ser deixado de fora. É o respeito pelos saberes acumulados de cada um dos interlocutores que formará o conjunto harmônico de uma Educação Integral. Isto não quer dizer que não haverá desafios ou mesmo disputas. Mas deve ter o propósito comum, estabelecido desde o início, de promover o desenvolvimento humano integral e emancipatório.

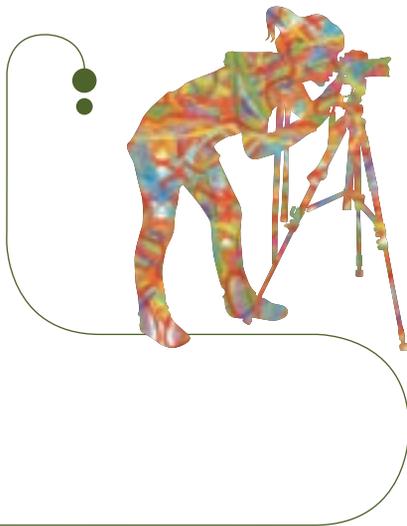
É fundamental a aceitação de que não há uma hierarquia excludente entre os saberes escolares e os saberes das organizações



*Dicas para
a escola e
para a OSC*



Estúdio F (Pablo Pinheiro)



AO LONGO DESTA PUBLICAÇÃO, VOCÊ OBSERVOU NAS EXPERIÊNCIAS RELATADAS ALGUMAS CONDIÇÕES QUE FAVORECEM O ESTABELECIMENTO DE PARCERIAS. A SEGUIR PROCURAMOS REUNIR AS DEZ MAIS IMPORTANTES.

O QUE FACILITA O ESTABELECIMENTO E O SUCESSO DAS PARCERIAS:

1. Observar as qualidades e respeitar as peculiaridades de cada instituição. Isto é, seus tempos, espaços, modos de fazer, conteúdos trabalhados, e sua cultura, sempre buscando propósitos e temáticas comuns.
2. Compartilhar uma clara intencionalidade educativa nas ações propostas.
3. Ter flexibilidade para se ajustar ao funcionamento da instituição parceira.
4. Cuidar das relações entre todos os atores. Isso significa respeitar a função e o jeito de trabalhar de cada um, buscando a complementação de saberes e competências.
5. Construir relações de confiança, a partir do diálogo e da boa vontade no dia a dia das organizações.
6. Manter uma comunicação frequente e aberta.
7. Garantir o compromisso dos profissionais envolvidos na ação a ser realizada.
8. Definir em conjunto as ações e o modo de executá-las, com clara atribuição das responsabilidades a cada um dos envolvidos. O trabalho em parceria deve ir do planejamento, da implantação, até a avaliação do processo e dos resultados das ações. Isso permite troca de conhecimentos e crescimento das equipes de ambas as organizações.
9. Fortalecer a parceria no território. A articulação com as instituições do entorno e a circulação das crianças e adolescentes da escola e da OSC pela comunidade favorecem a necessária legitimidade social e a força política da parceria.
10. Privilegiar as diversidades presentes na comunidade. Assim, OSC e escola serão capazes de escolher o que é melhor como Educação Integral para as crianças, adolescentes e jovens com que trabalham.



Claro que todas essas condições têm como foco o desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e jovens. É para alcançar esse objetivo comum que se estabelecem as parcerias. Trata-se de um trabalho intenso, com erros e acertos, idas e vindas. Por isso, manter na mente e no coração esse foco nos ajuda a superar as resistências e conflitos. E, assim, construir um novo caminho.

Se alguma das condições acima já existe, então, é possível realizar uma série de ações no âmbito da parceria OSC-escola.

Seguem abaixo ideias que ajudam a iniciar ou aperfeiçoar as parcerias. Todas elas foram extraídas das experiências relatadas.

1. PLANEJAMENTO CONJUNTO:

- Participação da OSC na elaboração do PPP da escola e incorporação da escola na elaboração do planejamento anual da OSC.
- Reuniões pedagógicas com representantes do parceiro (equipe docente, no caso da escola e de educadores, no caso das OSCs).
- Abertura de espaço para reuniões e conversas informais entre representantes das duas instituições.
- Planejamento conjunto de atividades ou eventos, mesmo que não sejam executados por ambos os parceiros.

2. MONITORAMENTO DE ATIVIDADES E AVALIAÇÃO CONJUNTA:

- Acompanhamento conjunto de todo o processo. O planejamento das ações, o monitoramento das atividades e a avaliação final criam condições para a ampliação do sentido da parceria. E fortalecem o projeto pedagógico de ambas as organizações.

3. FORMAÇÃO:

- Formação conjunta de professores e educadores sociais.
- Formação da equipe escolar pela equipe da OSC em alguma temática específica.

É para alcançar esse objetivo comum que se estabelecem as parcerias. Trata-se de um trabalho intenso, com erros e acertos, idas e vindas



José Sobreira
de Oliveira

4. ATIVIDADES EM CONJUNTO:

- Reuniões regulares entre as equipes da escola e da OSC para planejamento, monitoramento ou avaliação de atividades.
 - Atividades junto com alunos e professores da escola.
 - Reuniões informais entre profissionais da OSC e da escola, para troca de informações.
- Atuação conjunta na comunidade do entorno. Participação em eventos, festas, campanhas comunitárias ou atividades da instituição parceira.

- Encontros entre professores e educadores sociais, para trocas pedagógicas.

5. ACOMPANHAMENTO DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS:

- Troca de informações sobre a criança ou o adolescente.
- Acompanhamento familiar, por meio de visitas domiciliares, encontros informais ou reuniões com mães e pais.
- Acompanhamento do desempenho escolar.
- Acompanhamento da frequência escolar.

6. ARTICULAÇÃO COM A REDE DE PROTEÇÃO SOCIAL:

- Encaminhar crianças e adolescentes em situação de risco para órgãos responsáveis, como Conselho Tutelar.
- Encaminhar casos que necessitem de atendimento de saúde ou assistência social aos serviços correspondentes.

Agora é com você!

Podemos dizer que a parceria propõe um novo conceito de ensinar e aprender. A partir da parceria, as competências, habilidades e atitudes são trabalhadas simultaneamente por ambas as instituições. Como conseguir isso? Certamente precisamos abrir novos espaços de interlocução, reservar um tempo para sentar junto e perceber que *“um mais um é sempre mais que dois”*.

Como exercitar tudo isso na nossa prática educativa? Há várias formas de iniciar. Veja algumas sugestões nas oficinas que seguem abaixo.

Oficina 9 Chuva de ideias: o objetivo principal é que os educadores exercitem a criatividade e descubram novas soluções para desafios conhecidos. Em parceria, você encontrará um estímulo para desenvolver novas ideias a respeito da educação, a partir de desafios comuns.

Oficina 10 Bexigas educativas: visa explicitar os valores e princípios da proposta educativa. Aqui, a ideia é refletir sobre esses valores, a fim de criar algumas diretrizes comuns entre a OSC e a escola.

Oficina 11 Feira de propostas: pretende integrar os trabalhos que já vêm sendo feitos por ambas as instituições. A oficina busca os pontos em comum e soma ideias para executar os projetos.



OFICINA 9 – CHUVA DE IDEIAS

Esta oficina exige a preparação prévia de cada equipe. Isso pode ser feito com certa antecedência ou no mesmo dia do encontro.

Cada instituição – a escola e a OSC – deve reunir sua equipe e elencar os desafios que dificultam a aprendizagem das crianças e adolescentes. Por exemplo: “as crianças do meu grupo estão muito agressivas”, ou: “os pais não comparecem quando chamados”, ou ainda: “não temos materiais adequados para os exercícios físicos”.

Essa atividade pode ser realizada de diversas maneiras. Uma alternativa são os encontros pré-agendados, como o horário de professores nas escolas ou as reuniões de planejamento e avaliação nas OSCs. Outra possibilidade é utilizar o mural na sala de encontro dos professores ou educadores sociais. Também pode ser feito a partir do debate sobre um caso específico que esteja mobilizando o grupo da escola ou da OSC. Enfim, qualquer meio que garanta espaço de participação ao maior número de pessoas.

Após esse preparo, é o momento do encontro presencial entre as instituições. Deve sempre ser iniciado com uma rápida apresentação da proposta e, se necessário, dos participantes. Cada equipe mostra o cartaz que elaborou e explica como foi a escolha dos desafios prioritários.

Diante do conjunto de temas da OSC e da escola, o grupo escolhe pelo menos um desafio de cada instituição e começam o que chamamos de ‘chuva de ideias’.

A proposta é simples, mas requer a escolha prévia de um ou dois redatores. Eles irão anotar tudo o que for dito.

Um dos participantes, então, reinterpreta o tema escolhido, explicando mais profundamente as questões que incomodam a equipe. O grupo levanta as ideias, reflexões e propostas que vierem à mente para enfrentar tal problema. Mas, atenção: cuidado para que esse momento não se torne uma grande sessão de queixas. O objetivo é compreender e propor, não apenas criticar. A seguir, deve-se repetir o processo com o segundo tema escolhido.

Vocês verão que o fato de estarem presentes profissionais de diferentes especialidades, com experiências diversas, ajuda a identificar novos caminhos que amenizam as dificuldades encontradas.

Esta oficina também favorece a troca de pontos de vista, o que é muito útil para realizar os trabalhos educativos.



O fato de estarem presentes profissionais com experiências diversas ajuda a identificar novos caminhos que amenizam as dificuldades encontradas



OFICINA 10 – BEXIGAS EDUCATIVAS

A rigor, os princípios devem estar no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola ou no Planejamento da OSC

Esta oficina pode ser realizada pela escola ou pela OSC, mas, como na proposta anterior, o ideal é reunir os profissionais de ambas as instituições. Ela requer o preparo prévio de material.

Separe seis bexigas. Dentro de cada uma delas, coloque um papel com uma frase polêmica. Podem ser ditados populares, como: “pau que nasce torto morre torto”; “olho por olho, dente por dente”; “farinha pouca, meu pirão primeiro”; “a preguiça é a chave da pobreza”; ou outras que você pode criar. Essas frases alimentarão o debate sobre os princípios e valores por trás dos processos educativos. Encha as bexigas e dê um nó para fechá-las.

Caso haja pessoas novas no grupo, faça uma rodada de apresentações. Fale sobre a proposta do trabalho e convide o grupo para se dividir em subgrupos, para brincar com as bexigas. Peça para as pessoas jogarem a bexiga entre si, sem deixá-la cair. Vá animando a brincadeira. Depois de um curto intervalo, peça que cada subgrupo se sente, estoure a bexiga e leia a frase. O grupo deve trocar suas impressões. Permita que o grupo discuta por uns 20 minutos e retome a discussão no grupo maior.

Antes da discussão ampliada, faça algumas observações em relação à brincadeira com as bexigas: como cuidaram dela, preocuparam-se se cairia no chão ou não, todos ficaram atentos ou apenas algumas pessoas? Fale também sobre as frases: como foi a leitura, o que pensaram sobre elas, se houve divergência ou consenso, etc. Cada subgrupo apresenta a sua frase sem interferência dos demais. Em seguida, peça que todos se manifestem sobre as frases dos colegas:

- Qual frase mais o impressionou? Por quê?
- Como as frases podem ser traduzidas em ações? Isto é, como age alguém que pensa assim?
- Quais as possíveis consequências?

O propósito desta oficina é refletir sobre os valores e princípios inerentes a toda intencionalidade educativa. E, então, alinhá-los para criar diretrizes comuns entre a OSC e a escola.

Portanto, depois desse debate, peça que os participantes indiquem os valores de sua instituição. Isto é, aquilo que orienta todas as ações e como isso se traduz na prática educativa de cada um. A rigor, os princípios devem estar no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola ou no Planejamento da OSC.

Os valores e princípios podem ser registrados para orientar ações conjuntas das instituições.

OFICINA 11 – FEIRA DE PROPOSTAS

Esta oficina deve ser realizada com a presença de professores e gestores da escola e educadores e gestores da OSC. A instituição que assumir o convite pode organizar uma recepção acolhedora. A sala deve ser preparada com cadeiras dispostas em círculo. Deve ser colocada pelo menos uma mesa para cada cinco pessoas. As mesas compõem a feira fictícia.

A ideia central é produzir uma feira em que os produtos sejam as atividades realizadas em ambas as instituições. Os ‘compradores’, isto é, os próprios educadores e professores, deverão adquirir novas atividades que se somam as que eles já executam.

Peça que os participantes formem subgrupos de até cinco pessoas, de preferência da mesma instituição. Se for da escola, que trabalhem com conteúdos próximos. Por exemplo, professor de matemática junto com professor de física e biologia; história junto com português.

Cada subgrupo deverá, então, sentar-se atrás de uma das mesas. Esta será sua barraca. Lá os ‘feirantes’ encontrarão pelo menos seis tarjetas em branco. Em dez minutos, cada subgrupo preencherá as tarjetas escrevendo uma atividade que oferece às crianças e adolescentes. Por exemplo, o subgrupo de professores de português, história e geografia pode escrever nas tarjetas: “produção de textos, desenvolvimento de raciocínio crítico na história do Brasil”. O subgrupo de educadores da OSC pode escrever: “roteiro de peças teatrais, estudo do meio, jogos com regras”. Eventualmente, os participantes podem apontar um desafio que encontram no desenvolvimento daquele tema.

Em seguida, parte do grupo ficará na barraca e a outra parte levará algumas tarjetas para usar na feira. A proposta é que as tarjetas sejam trocadas ou adquiridas para compor uma proposta de ação. Por exemplo, a tarjeta “produção de texto” pode encontrar na tarjeta “roteiro de teatro” uma proposta de atividade inovadora. Unindo as experiências, tanto da escola como da OSC, podem surgir novas propostas de ação.

Ao final da feira, vocês terão 15 minutos para identificar as soluções que encontraram. Conversem sobre como isso pode auxiliar o trabalho da escola e da OSC.

No grupo maior, debatam se essa troca trouxe novas ideias e se elas são viáveis. Marquem um retorno para nova troca de experiências.



Leanderson
Souza Ferreira

*Para terminar
o que apenas
começa...*



José Sabreira
de Oliveira

“

Tudo começou de maneira casual. Na medida em que iam aparecendo situações problemáticas com alguns alunos, nós corríamos no Cecip em busca de ajuda. Situações como faltas em excesso, porque o responsável precisava sair pra trabalhar e a criança não vinha pra escola porque tinha que cuidar de outros irmãos, etc. Na conversa com o responsável, ele dizia que se tivesse um lugar pra deixar as crianças, tudo seria mais fácil. Eu ficava desesperada e pensava: 'vamos no Cecip'. Chegando lá, a gente sempre saía com alguma ajuda ou uma esperança. E, graças a Deus, sempre dava certo!



Bom, é claro que sempre voltamos onde somos bem recebidos. E isso foi se fortalecendo a cada ano. Fomos percebendo que as crianças eram bem recebidas, bem tratadas, muito estimuladas a ficar no Centro e também a vir pra escola. Então, o trabalho sério que era oferecido foi fortalecendo nosso vínculo e eu, enquanto diretora, via na OSC parceiros muito mais eficazes pra escola e pra família, mais do que a própria Secretaria de Educação... Falávamos a mesma língua.

Nesses primeiros anos não havia organização de encontros. Quando pintava a necessidade, ou íamos lá ou eles vinham até a escola, a qualquer hora, sem formalidades. Depois de três ou quatro anos trabalhando assim, veio a ideia de criar projetos em conjunto no decorrer do ano.

Cada ano foi ficando mais elaborado, com encontros periódicos, organização de calendários, número de alunos a serem atendidos em cada horário, análise dos projetos desenvolvidos, participação nas apresentações da OSC, trocas e assim sucessivamente.

Acredito que nunca foi difícil essa parceria porque as duas instituições sempre buscaram o bem-estar do aluno. Isso foi bom, pois qualquer tempinho já dava pra ir até lá e vice-versa. Sempre houve muito respeito pelo trabalho de cada espaço. Também acredito que o sucesso da nossa parceria acontece porque nunca percebi competição entre as partes envolvidas.

O que digo às diretoras das escolas: parem de querer carregar tudo sozinhas, a educação é a soma de múltiplas partes: sociedade, famílias, OSCs, etc. Quando dividimos, temos mais chance de alcançar sucesso e não importa de onde vem. O que realmente importa são as crianças e adolescentes! ”

Vilma Teixeira, diretora da escola
parceira do Cecap em 2013



Experiências não são suficientes para gerar ações, mas podem ser inspiradoras, pois mostram saídas possíveis. Como encontrar a sua? Busque temas ou situações que mobilizam tanto sua instituição, quanto seu parceiro. Criem motivos para se encontrar. E promovam encontros reais, aqueles em que cada um se sente ouvido, aqueles em que todos percebem que estão compartilhando!

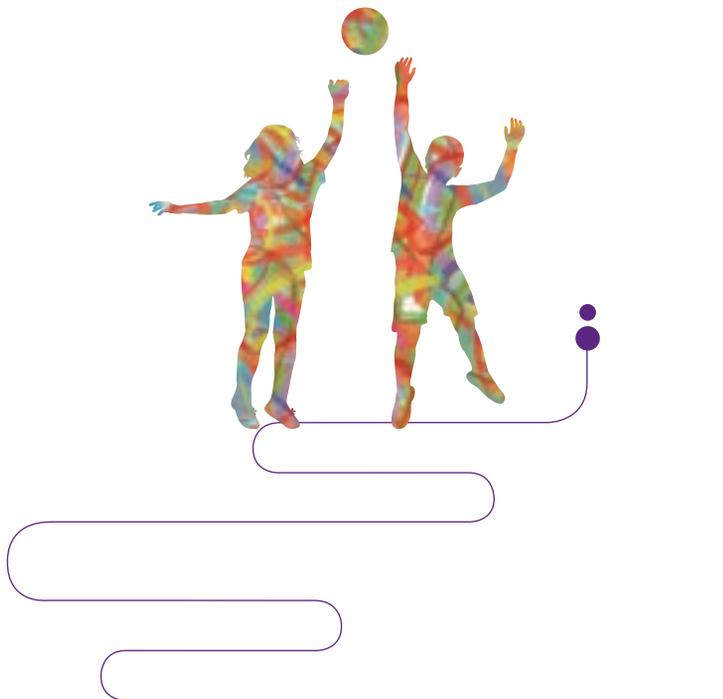
Um primeiro passo sempre ajuda o caminhar em direção a esse projeto de educação maior, no qual todos estamos envolvidos. Não é por acaso que todos os dias você e milhares de educadores tentam fazer o melhor pelas crianças, adolescentes, jovens e famílias.

Esta publicação é uma fotografia do que está acontecendo hoje no Brasil. Nenhum de nós pode mais ficar alheio às demandas que hoje nos esperam. E, no final das contas, não podemos ficar à margem daquilo que verdadeiramente nos importa, que são as crianças, adolescentes e jovens do nosso país.

Cada um traz o seu talento e, juntos, construímos novos caminhos.

Vamos ampliar o que apenas começa.

Bom trabalho!





Não podemos ficar à margem daquilo que verdadeiramente nos importa, que são as crianças, adolescentes e jovens do nosso país

Onde se apoiar



Francileno
Sousa Régio



BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Aurélio. Mais tempo para ensinar, e agora? A extensão da carga horária impacta toda a rotina da escola. *Nova Escola Gestão Escolar*, São Paulo, v.4, n.21, p.22-29, ago./set. 2012. Disponível em: <<http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/ensino-integral-mais-tempo-ensinar-agora-700028.shtml?page=5>>. Acesso em 26 ago. 2015.

APRENDIZ Comgás. *Tecnologia social para a juventude*. São Paulo: Programa Aprendiz Comgás, 2007. 228 p.

APROVA Brasil: o direito de aprender: boas práticas em escolas públicas avaliadas pela Prova Brasil/ [parceria entre] Ministério da Educação; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; Fundo das Nações Unidas para a Infância. 2. ed. Brasília: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2007, p. 19. Disponível em:< http://www.unicef.org/brazil/pt/aprova_final.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2015.

ARANTES, Valéria Amorim (Org.); TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. *Educação formal e não formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008. 167 p.

ASSOCIAÇÃO CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Bairro-Escola: passo a passo: educação comunitária. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz, s.d. 54 p. Disponível em: <<http://cidadeescolaaprendiz.org.br/publicacoes/>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

AVALIAÇÃO em educação: o que a escola pode fazer para melhorar seus resultados? Debate com Maria do Carmo Brant de Carvalho, José Francisco Soares, Naércio Menezes, Bernardete Gatti. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, n. 3, p. 17-41, 2007.

ÁVILA, Célia M. de. *Gestão de projetos sociais*. 3. ed. rev. São Paulo: AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001. (Coleção Gestores Sociais).

BITTENCOURT, João Paulo; FEUERSCHUTTE, Simone Guisi. Parcerias e alianças inter-setoriais: oportunidades e desafios às organizações de Terceiro Setor. In: SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO, LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação; Secad. *Educação integral: texto referência para o debate nacional*. Brasília: MEC/Secad, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secad. *Gestão Intersetorial no Território*. Brasília: MEC/Secad, 2009. (Série Mais Educação). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cader_maiseducacao_2.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. SEB. *Caminhos para elaborar uma proposta de educação integral em jornada ampliada*. Brasília: MEC/Seb, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. SEB. Caderno territórios educativos para educação integral. Brasília: MEC/SEB, s.d. Série Cadernos Pedagógicos. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/04/territorioseducativos.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

CAMBA, Saete Valesan. *ONGs e escolas públicas: uma relação em construção*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009. 126 p. (Cidadania Planetária, 2). Pesquisa realizada no Estado de São Paulo entre 1999 e 2002.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. *O direito de Aprender*. Encontros Regionais de Educadores - Projeto Educação & Participação. São Paulo: Fundação Itaú Social; UNICEF; Cenpec, 2002. Sem paginação. Texto não publicado.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de Filosofia: história e grandes temas*. São Paulo: Saraiva, 2002.

DOWBOR, Ladislau. Educação e desenvolvimento local. *Revista de Administração Municipal*, Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Administração Municipal, ano 52, n. 261, p. 15, jan./mar. 2007.

_____. Gestão de parcerias: o exemplo das políticas para a infância. *Administração em Diálogo*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 92, 2002. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/879>>. Acesso em 14 ago. 2015.

_____. *Parcerias e alianças – o bom senso na gestão social: uma abordagem conceitual*. São Paulo, 2002. Documento para discussão. Disponível em: <<http://dowbor.org/2002/03/parcerias-e-aliancas-o-bom-senso-na-gestao-social-uma-abordagem-conceitual-das-politicas-para-criancas-e-adolescentes-2.html/>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

EDUCAÇÃO Integral: experiências que transformam: subsídios para reflexão. São Paulo: Fundação Itaú Social; UNICEF; Cenpec, 2013. Disponível em: http://www.fundacaoitausocial.org.br/_arquivosstaticos/FIS/pdf/educ_integ_subsidios.pdf. Acesso em: 25 ago. 2015.

ESTEFFANIO, Mariza Brandão. *As organizações da sociedade civil de Belo Horizonte em parceria com a escola: reproduções, confrontos e convergências*, 2008. 202 p. Dissertação (Mestrado em Educação) UFMG. Belo Horizonte, 2008.

FRANCO, Augusto de. *A nova sociedade civil: o terceiro setor e seu papel estratégico*. Brasília: Agência de Educação para o Desenvolvimento (AED), 2002. 116 p.

GALIAN, Cláudia V. A.; SAMPAIO, Maria das M. F. Educação em tempo integral: implicações para o currículo da escola básica. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 2, p. 403-422, maio/ago. 2012.

GOUVEIA, Taciana; DANILIAUSKAS, Marcelo. *Abong: panorama das associadas*. São Paulo: Abong, 2010. 41 p.

GUARÁ, Isa M. F. da R. Educação, proteção social e muitos espaços para aprender. In: *Muitos Lugares para Aprender*. São Paulo: Cenpec, 2003. p. 31-45.

GUIA Gife sobre parcerias e alianças em investimento social privado: um caminho estratégico. São Paulo: Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife), 2004. Disponível em: <http://www.gife.org.br/publicacao-guia-gife-sobre-parcerias-e-aliancas-em-investimento-social-privado-%E2%80%93-um-caminho-estrategico-d6325fff52e7.asp>. Acesso em: 17 ago. 2015.

GUIA Políticas de Educação Integral. São Paulo: Fundação Itaú Social; Cenpec, 2014. Disponível em: <http://educacaoeparticipacao.org.br/politicas-de-educacao-integral/>. Acesso em 14 ago. 2015.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HEIDRICH, Gustavo. Juntos pela aprendizagem - parcerias que funcionam: unir-se a comunidade, empresas privadas e públicas, ONGs e universidades ajuda a escola na missão de ensinar. *Nova Escola Gestão Escolar*, São Paulo, v. 2, n. 10, p. 22-28, out./nov. 2010.

INSTITUTO CREDICARD. *Alianças e parcerias com escolas públicas*. Coordenação Silvia Esteves. São Paulo: Via Imprensa, 2007. (Sistematização do Programa Jovens Escolhas em Rede com o Futuro, v.2).

MANUAL do Terceiro Setor do Instituto Pro Bono. São Paulo: Fundação Telefônica, s.d. Disponível em: <http://www.promenino.org.br/projetos/manual-do-terceiro-setor-do-instituto-pro-bono>. Acesso em: 17 ago. 2015.

MOLL, Jaqueline. (Org.). *Caderno Territórios Educativos para Educação Integral*. Brasília: MEC/SEB, 2011. (Série Mais Educação).

NOAM, Gil G. Aprendendo com entusiasmo: conectando o mundo da escola ao pós-escola por meio da aprendizagem por projetos. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, n. 2, p. 29-38, 2006.

PARÂMETROS das Ações Socioeducativas: igualdade como direito, diferença como riqueza. São Paulo: Cenpec; Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS); Fundação Itaú Social, 2007. 3 v.

PARCERIAS instáveis: sociedade civil, ONGs e escolas: um estudo em cinco capitais brasileiras. [Rio de Janeiro]: Associação Projeto Roda Viva-Instituto C&A-UERJ, 2002. 32 p. Texto não publicado.

PERCURSOS da educação integral: em busca da qualidade e da equidade. São Paulo: Cenpec; Fundação Itaú Social; UNICEF, 2013.

PESCARINI, Tania. Parceria para valer. *Escola Pública*, São Paulo, v. 7, n.39, p. 46-49, jun./jul. 2014.

PROGRAMA Escola Total: primeiros resultados e o monitoramento como ferramenta de gestão. Santos: Secretaria Municipal de Educação de Santos, 2012. Disponível em: < http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/e107_files/downloads/projetos/programa_escola_total_caderno_2_para_site1.pdf. Acesso em: 17 ago. 2015.

RAMALHO, Priscila. O que a escola ganha com as parcerias. *Nova Escola*, São Paulo, v. 22, n. 203, p. 54-63, jun/jul. 2007.

_____. Guia para uma parceria eficaz. *Nova Escola*, São Paulo, ago. 2008. Disponível em: http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/materias_295759.shtml. Acesso em 17 ago. 2015.

RAPOSO, Rebecca. O compromisso das empresas na construção de uma sociedade sustentável: focando no papel do indivíduo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE RESPONSABILIDADE SOCIAL. João Pessoa, 2008. Disponível em: <http://www1.unimed.com.br/portal/download/rs/Seminario2008/3_9Rebecca.pdf>. Acesso em 14 ago. 2015.

RELATÓRIO do desenvolvimento humano 2011: sustentabilidade e equidade: um futuro melhor para todos. Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), 2011. 183 p.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

RUSSO, Kelly. Parceria entre ONGs e escolas públicas: alguns dados para reflexão. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 149, p. 614-641, maio/ago. 2013.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. *Geographia* Ano 1, n. 1, 1999. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/2/2>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

SILVA, Daniel Monteiro da. *ONGs e escolas públicas básicas: os pontos de vista de docentes e educadores(as) sociais*. 2010. 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação/USP. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/projetos/sobre.html>>. Acesso em 14 ago. 2015.

SINGER, Helena (Org.). *Tecnologias do Bairro Escola*. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz, 2011. 5 v. Disponível em: <<http://cidadeescolaaprendiz.org.br/publicacoes/>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

_____. *Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola*. São Paulo: Moderna; Cidade Escola Aprendiz, 2015. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/04/Territorios-Educativos_Vol1.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2015.

SPINK, Peter; CACCIA BAVA, Silvio; PAULICS, Veronika (Orgs.). *Novos contornos da gestão local: conceitos em construção*. São Paulo: Instituto Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/FGV, 2002. 336 p.

TENDÊNCIAS para a educação integral. São Paulo: Fundação Itaú Social; Cenpec, 2011. Disponível em: <<http://www.cenpec.org.br/biblioteca/educacao/producoes-cenpec/tendencias-para-educacao-integral>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Educação Integral: um caminho para a qualidade e a equidade na educação pública*. São Paulo: Movimento Todos pela Educação, 2015. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/educacao_integral__um_caminho_para_a_qualidade_e_a_equidade_na_educacao_publica_digital.pdf> Acesso em: 24 ago. 2015.

SITES DE INTERESSE

<http://www.cenpec.org.br>

<http://www.fundacaoitausocial.org.br>

<http://www.unicef.org.br>

<http://educacaoeparticipacao.org.br>

<http://educacaointegral.org.br>

<http://redepapelsolidario.org.br/definicoes-de-ong-os-osc-oscip/>

<http://www.todospelaeducacao.org.br>

<http://www.observatoriodopne.org.br>

<http://www.abong.org.br>

<http://porvir.org>

ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL QUE FAZEM PARTE DESTA PUBLICAÇÃO

Adeis – Associação para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável

<http://www.adeis.org.br/>

Semifinalista do Prêmio Itaú-Unicef, 7ª e 8ª edições, 2007 e 2009.

Associação de Voluntários Herdeiros do Futuro

<http://ongherdeirosfuturo.blogspot.com.br/>

Vencedor Regional do Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.

Associação Olhos de Águia

www.olhosdeaguia.org

Vencedor Regional do Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.

Cecap – Centro de Atendimento Especial à Criança e ao Adolescente de Paranavaí

www.cecapparanavai.com.br

Vencedor Regional do Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.

Cecop – Centro de Documentação e Comunicação Popular

<https://www.facebook.com/CECOP-441857949253863/timeline/>

Vencedor Nacional do Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.

Cepas – Centro de Promoção e Assistência Social Ana Bernardina

www.cepas.org.br

Vencedor Regional do Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.

Conselho de Pais de Campos Sales

<http://conselhodepaisdecampossales.blogspot.com.br/>

Vencedor Regional do Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.

Diocese de Santarém

<https://radiopelaeducaçao.wordpress.com/>

Vencedor Regional do Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.

Fundação Gol de Letra

www.goldeletra.org.br

Grande Vencedor, Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.

ICA – Instituição de Incentivo à Criança e ao Adolescente de Mogi Mirim

www.projetoica.org.br

Vencedor Nacional do Prêmio Itaú-Unicef, 9ª edição, 2011.

Instituto Moinho Cultural Sul-Americano

www.moinhocultural.org.br

Vencedor Regional do Prêmio Itaú-Unicef, 7ª edição, 2007.

Menção Honrosa do Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.

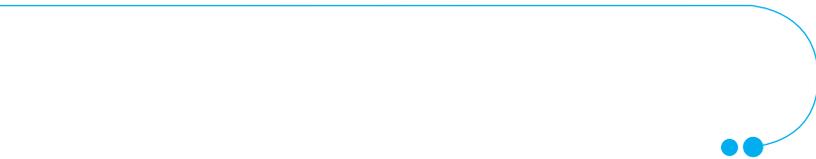
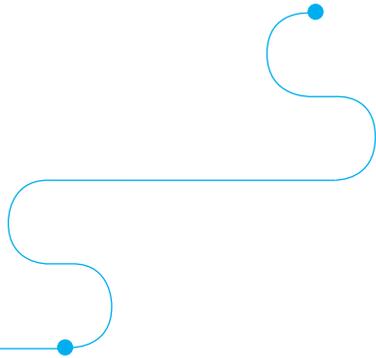
Verde Cidadania – Casa Escola

www.casaescola.org.br

Menção Honrosa do Prêmio Itaú-Unicef, 10ª edição, 2013.



O papel utilizado neste material provém de florestas plantadas, de fontes renováveis e segue padrões e normas próprios



Coordenação Técnica



Iniciativa

